Primeira Antologia Literária

Moinhos de Vento

Academia de Letras da Grande São Paulo

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Aparecido Bezerra Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
Humberto Domingo Pastore
José Roberto Espíndola Xavier
Eva Bueno Marques
João Bosco dos Santos
Gioconda Labecca
José Ramos Vitorino
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Rinaldo Gissoni

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes
Maria Zulema Cebrian
Milton Bigucci
André Aparecido Bezerra Chaves
Ana Stoppa
Ana Cristina Silva Abreu
José Bueno Lima
Clóvis Roberto dos Santos
Humberto Domingo Pastore
José Roberto Espíndola Xavier
Eva Bueno Marques
João Bosco dos Santos
Gioconda Labecca
José Ramos Vitorino
Celso de Almeida Cini
Maria do Céu Formiga de Oliveira
Flávio Mello
Rinaldo Gissoni

Primeira Antologia Literária

Moinhos de Vento

1ª edição

São Paulo
Academia de Letras da Grande São Paulo
2018

Copyright@2018 – da ALGRASP

Permitida a reprodução de textos originais, mesmo parciais,
e por qualquer processo, com autorização da ALGRASP

Coordenação Geral
Maria Zulema Cebrian

Revisão
M.Guaraciaba Gissoni Fenício

Secretaria e Coordenação
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Editoração
Maria Zulema Cebrian
Maria Aparecida Mancini Fedatto

Projeto Gráfico e Diagramação
Roberta Giotto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Agência Brasileira do ISBN - Bibliotecária Priscila Pena Machado CRB-7/6971

A634 I Antologia literária : moinhos de vento / coord. Maria Zulema Cebrian. - São Caetano do Sul : Academia de Letras da Grande São Paulo, 2018.
200 p. ; 23 cm.

ISBN 978-85-69661-03-0

1. Antologia literária. 2. Literatura brasileira. I. Cebrian, Maria Zulema. II. Título.

CDD B869.8

Academia de Letras da Grande São Paulo (ALGRASP)
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 – Santa Paula
CP.: 09521-520 – São Caetano do Sul – SP.
Tel.(55) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69661-03-0
9 788569 661030

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

PRÓLOGO

A obra prima de Miguel de Cervantes, *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de La Mancha*, escrita há mais de quatrocentos anos, é considerada o expoente máximo da literatura espanhola. Tanto que, em 2012 no *Bokklubben* – Clube do Livro da Noruega foi classificada como a melhor obra de ficção de todos os tempos em uma votação na qual participaram escritores internacionais.

A aventura, dividida em dois volumes, apresenta uma sátira aos populares romances de cavalaria da época, criticados por não oferecerem nada de construtivo ao povo. Na história, o personagem Alonso Quijano, assíduo leitor deste tipo de história termina tresloucado e, em seu desvario, acreditando ser o cavaleiro errante nomeia-se: *Don Quijote de La Mancha*.

Don Quixote, com seu fiel escudeiro Sancho Pança, faz diversas incursões pela Espanha.

Quixote é um fantasioso sonhador e Sancho Pança é um sério realista que observa o mundo sob sua visão humilde da realidade. Os dois personagens apresentam um contraponto. Um é o sonhador que busca a transformação e idealização do mundo sob sua ótica; o outro procura enxergar as situações como se apresentam, constituindo por diversas vezes a voz da razão.

O episódio dos moinhos de vento tornou-se a metáfora da loucura.

Dom Quixote, o cavaleiro andante, o ilustre e louco personagem de Miguel de Cervantes, pensando lutar contra dezenas de gigantes, investe sua lança contra as imensas pás rodantes de um moinho, tendo como testemunha o atônito e fiel escudeiro Sancho Pança que, em vão, procura dissuadi-lo.

Uma sequência de imenso humor parte sua lança em pedaços e joga longe, pasto afora, seu senhor e o cavalo Rocinante, quebrando-lhe o ímpeto dolorosos ferimentos e uma armadura amassada. Ao ser novamente alertado por Sancho, Quixote responde que um sábio transformou os gigantes em moinhos para tirar a glória de sua batalha vencida.

Depois disto segue seu destino, enfrentando as ilusões do amor de Dulcineia e da boa guerra contra as injustiças do mundo.

O confronto entre a loucura e a realidade está explícito em uma das muitas metáforas presentes na história. Os moinhos representam os sonhos perdidos que, por muitas vezes, nos derrubam ou elevam, e quando machucados ou reprimidos de maneira violenta, procuramos no imaginário coletivo o impulso para buscar uma nova aventura que nos fará seguir em frente.

Dom Quixote de La Mancha é um personagem que busca modificar o mundo sob sua visão de ideal. Por diversas vezes questionamos a loucura da vida, assim como faz Don Quixote.

Acima de tudo, uma história em que os personagens transitam em paralelo; todos temos um pouco de Sancho e muito de Quixote.

Após ter criado outros exércitos imaginários, finalmente, nosso herói volta à realidade. No entanto, muitos de nós ficamos presos, lutando para sempre contra nossos moinhos de vento.

A I Antologia Literária da Academia de Letras da Grande São Paulo, buscou apresentar os moinhos de vento deste século. Aqueles que cada um de seus Membros carrega e representa por sua escrita. O sonho, os medos, as expectativas as vitórias e as derrotas. Pinceladas de escape, que nos permitem sair um pouco do monótono e às vezes, sórdido cotidiano.

Todos nós temos nossos moinhos de vento — nossos próprios fantasmas. Podemos lutar contra eles. Seremos vencedores ou derrotados. Cabe à nossa garra o resultado.

Maria Zulema Cebrian
Presidente

Textos

Maria Zulema Cebrian, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 03 cujo patrono é Guilherme de Almeida. Natural de La Coruña – Espanha. Filha de Rodrigo Cebrian Perez e Mercedes Barreiro Prego de Cebrian. Cursou Pedagogia pelo Instituto de Ensino Superior Senador Fláquer - Santo André. Educação Artística pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila - Licenciatura Plena em Música e História da Arte. Filosofia e Letras – Diploma superior de Español - Universidad de Salamanca – España. Museologia pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação, Serviço de Museus Históricos - São Paulo. Marketing pelo Instituto ABEC – Cook de Marketing Editorial. Poliglota. Inglês pela Cultura Inglesa — Cambridge. Espanhol pela Universidad de Salamanca. Galego como Autodidata. Publicou o romance Vontade de Ir Além e Escreva seu Livro, tendo participado de várias Antologias Literárias.

IN MALEVOLAN ANIMAM NON INTROBIT SAPIENTIA

(Na alma maligna não entra sabedoria)

Maria Zulema Cebrian

O badalar dos sinos ecoava desde o Monte San Pedro até Riego de Água e a cidade se agitava clamando. O arauto viera à Praça Maria Pita para anunciar uma tragédia. A peste assolava a cidade matando pessoas e, comunicando à população a necessidade de permanecer em suas casas, evitando assim o contágio.

O Convento dos Jerônimos fora infectado e Maria, uma de suas freiras, contaminada dava início a um calvário de febres altas, alucinações e delírios que trariam à tona o retrospecto de sua vida.

Em algum momento, a particularidade do valor da existência, nos é revelada e imediatamente percebemos as consequências das decisões que tomamos ao longo da vida. Uma situação que surge num átimo, como vento que bafeja brandamente nossa face. O descobrimento de nós mesmos manifesta-se como reconhecimento da solidão que entre o mundo e nós, há uma grande muralha: nossa consciência.

Maria nascera em uma família que a tradição condenava. Seu pai espanhol de classe alta e sua mãe — *criolla* — uma mexicana nascida na nova Espanha. Neste período a classe social e ascendência eram consideradas primordiais para realização de um casamento.

Fora enviada por sua mãe para a casa de seus tios em La Coruña, capital da Galícia, junto com seu avô, homem letrado e possuidor de uma valiosa biblioteca para a época. O conhecimento que adquiriria lhe apresentaria o mundo e aumentaria a sua acuidade sensorial ao belo. Nunca mais poderia deixar de escrever. Maria tornou-se aficionada aos livros e à arte da escrita.

Queria saber e aprender. Passou a estudar os clássicos gregos e romanos e teologia. Dedicava-se com afinco e aprendia com facilidade. Sempre escondida. Num mundo patriarcal, onde apenas aos homens era facultado o conhecimento, as mulheres nasciam para ser ignorantes e servir a seus maridos.

Os problemas de sua veemência dedicada ao conhecimento e às letras desestrutura a família de seus tios que a enviam à corte para ser dama de companhia da Marquesa de Vidal.

Seu encontro com a Marquesa fora de almas, velhas conhecidas para novamente se auxiliarem e buscarem o reconhecimento e a importância das mulheres. As duas vislumbraram a possibilidade de renovar os padrões estabelecidos e passaram a ter um comportamento ousado.

Maria passara por muitas provações durante toda sua existência. Nascera com caráter forte e sua personalidade sempre fora motivo de discórdia, trazendo-lhe problemas com familiares e com a sociedade repressora. Inteligente não suportava a ideia de não poder estudar, revoltava-se e por vezes almejara vestir-se de homem para poder enfrentar a todos e não sofrer mais as repressões pelas quais passavam as mulheres. Insistia em defender o conhecimento.

— Inácio, Inácio — gritava Maria ardendo em febre.

Don Inácio, um nobre com prestigio e poder, apaixonara-se por Maria assim que a vira na Corte, encantado por sua beleza, inteligência e o recato que ela demonstrava nas tertúlias literárias na casa da Marquesa. Inácio seria o primeiro contato com o amor de mulher. Vibrava ao vê-lo e passou a sonhar com sua futura vida na corte e toda a liberdade que possuiria. Maria deslumbrada pelo mundo da corte aceitara o impetuoso pedido de casamento. A partir desse momento passaram a ter um relacionamento singelo, porém intenso.

—Maria acalme-se, venha, levante-se vamos refrescá-la com água tíbia.

— Inácio, não posso deixar os livros, tampouco parar de escrever!!

—Meu anel de compromisso, onde está? — Irmã porque me tiraram o anel?

Confiando em seu amor, Don Inácio lhe dera o anel de compromisso. Uma esmeralda cravada em ouro.

A Espanha vivenciava momentos de horror e medo diante da Inquisição, um órgão de controle de natureza político-religiosa e econômica que regia o Mundo Cristão, impondo sua ideologia pelo medo. A Espanha colonizadora expandia-se e não era apenas uma conquista política, convertera-se em uma conquista espiritual.

Maria passaria a ser conhecida por sua personalidade, seu poder de conhecimento e por seu enfrentamento nas questões femininas desse momento. Iniciaram-se os mexericos, normais da vivência na corte. A Marquesa caíra de amores por Maria que declamava e cantava com maestria, e pela representação na luta pela igualdade entre homens e mulheres. No entanto, a maledicência dos nobres e a inveja das mulheres, daria início à perseguição que mudaria sua vida. O apoio e a proteção da Marquesa, na corte galega, era objeto de assombro. A veneração pelo brilhantismo e inteligência de Maria era motivo suficiente para que os inquisidores se apresentassem. Havia comentários sobre a amizade de ambas.

Esses mexericos chegaram ao conhecimento de Jesús San Andrés, jesuíta e confessor da Marquesa, o que modificaria a vida de Maria para sempre. Ele vai visitá-la!

Iniciar-se-ia seu purgatório.

Maria ardendo em febre:

— Excelência, sem intenção de ofensa. Que Deus é o seu que aprisiona pessoas, e não os males que o mundo pode causar? Por quê? Por quê? Deus é o criador de todas as coisas e o centro de tudo e ao mesmo tempo é a circunferência para onde partem e onde param todas as criações. Por que me castiga?

— Insisto em defender o conhecimento. Por que me infringe tantos males se meu coração é puro e tudo que quero é seguir a Deus?

— E eu insisto em defender a salvação das almas! — respondia-lhe o Jesuíta.

Questionava as afirmações de seu confessor, com quem sempre fora obrigada a se confessar. Ele a recriminava por ter aspirações culturais. Maria era poetisa e autora de textos cujos temas versavam sobre a liberdade e igualdade para homens e mulheres. Na verdade, o Jesuíta a invejava. O relacionamento dela com as mais altas personalidades da época, provocado pela fama adquirida por sua intelectualidade, poemas e textos, o descontrolava. Maria decidiu rejeitá-lo como confessor, desencadeando nele uma ira que mudaria seu destino. Estava obcecado pela cobiça da cultura dela que sabia não possuir e que jamais alcançaria. Sua determinação seria convencê-la de que estava no caminho contrário à vontade de Deus e persuadi-la a entrar para o Convento das Carmelitas, única maneira de não ser autuada pelo Santo Ofício.

— Não vou!!!! Soltem-me!! Pelo amor de Deus! — gritava Maria em mais um de seus delírios.

Sua chegada ao convento fora assustadora. Seus longos cabelos cortados, despojada das vestimentas da corte e de seu anel de compromisso que Don Inácio lhe dera. Obrigada a vestir roupas rústicas que lhe incomodavam, e afastada de seus livros passara a ter crises existenciais. Enlouquecida, sua perturbação orgânica mesclava-se às suas inquietudes intelectuais. Perdida em seu próprio inferno passaria a revelar suas aspirações, sem o crivo da razão.

— Excelência! Que tem contra mim — clama chamando pelo Jesuíta.

— Calar não é não ter o que dizer mas, não caber nas cabeças daqueles que se creem dominadores do mundo o muito que se tem a dizer. Não estudo para escrever mas, estudando fico menos ignorante de tudo. Na verdade, tenho claro que enquanto escrevo acalmo as dores e a mente e enquanto ouço música sossego o coração. Assim é com tudo. Qual será o custo de minha resistência? Uma espécie de martírio onde o mártir era eu e agora sou verdugo? Diga-me, pelo amor que tem a Deus!

Esse sofrimento chegara ao conhecimento da Marquesa de Vidal que se interpôs frente às Carmelitas e ao Jesuíta. Com este apoio e a proteção da Marquesa, ela deixa o convento das Carmelitas, mas, não lhe seria permitido voltar à corte. Deveria seguir como freira e, como

única alternativa viável, deveria ingressar no Convento dos Jerônimos onde o rigor era menor. Agora Sor. Maria!

Ali, por pouco tempo encontraria paz. Teria uma cela grande, com governanta, onde poderia acomodar seus mais de mil livros, papel, tinta e seus instrumentos musicais e de astronomia. Ali se concretizaria seu pior calvário.

A segurança que pensou encontrar, tinha artimanhas soltas pela porta dos fundos, pessoas eram compradas e acusações eram feitas para a obtenção de privilégios. Acreditava que o conhecimento ajudaria a salvar a alma. Os amigos e a Marquesa almejavam, como ela, uma Espanha nova sem opressores e com liberdade de expressão, continuavam a incentivá-la a escrever cada dia mais, pois consideravam ser direito de Sor. Maria escrever textos e enviá-los a quem quisesse. Passa a escrever cartas que envia à corte por portadores. Seu ideal era o reconhecimento da mulher como expressão de inteligência e conhecimento.

Sua amizade com a Marquesa de Vidal e com os seus amigos nobres intelectuais da corte que a visitavam regularmente despertou a ira do Jesuíta Jesús de San Andrés que iniciou uma perseguição sem trégua, a ponto de ameaçá-la com o Tribunal do Santo Ofício da Inquisição.

— Excelência por que faz isso comigo?

Ardia em febre e tinha espasmos. As irmãs tentavam segurá-la inutilmente. Tinha os olhos esbugalhados e a respiração ofegante.

Em seu desvario recordava:

— Vou entregá-la ao Arcebispo Torquemada, por heresia e lascívia.

— Tenho todas as cartas que escreveu à Marquesa, a seus amigos e a que me enviou, caso as entregue, restar-lhe-á o Tribunal do Santo Ofício.

— Faça-o — disse ela —, consumidas suas forças para lutar contra as perseguições.

— Por que quero aprender? Meu único desejo na vida foi estudar para ignorar menos. Santo Agostinho diz: *umas coisas aprendemos para fazer e outras apenas para conhecimento*. É esse meu delito? Devolva-me as cartas!

— Sor. Maria, estou procurando defendê-la de si, pense aonde a levará a sua impetuosidade e seu conhecimento?

— Excelência, lhe rogo... me perdoe! Não me entregue ao Santo Ofício!

Jesús de San Andrés, afastara-se. O arrependimento o envolvia pois reconhecera o valor e a erudição de Sor. Maria. Não podendo fugir de sua consciência, dentro deste sentimento interior tornara-se incapaz de entregá-la.

A notoriedade de Sor. Maria chegara aos ouvidos do Arcebispo Tomás de Torquemada, um dos mais cruéis inquisidores da Espanha e quem desenvolveu as regras mais estritas para o Santo Oficio.

Carlos seu amigo, avisou-a que havia comentários na corte de que o Arcebispo estaria indignado e inconformado com a irreverência da situação. Sor. Maria ficara aterrorizada e rezara.

Dias depois recebia uma nota dele marcando um encontro.

"Encontre-me nos Jardins do Convento, pois recuso-me a pisar solo onde possam ter pisado mulheres."

Maria sabia que a Inquisição era operada por autoridades da Igreja e, se fosse considerada herege, seria entregue às Autoridades Seculares; a Igreja não derramava sangue!

As execuções eram do conhecimento de todos, principalmente dos intelectuais e daqueles que faziam críticas às políticas religiosas. As punições tinham variações em acordo com o grau da heresia: usar o "San Benito", uma roupa penitente, máscaras de metal com formas de burro, usar mordaças e até ser queimado em praça pública. E o garrote vil, usado para os arrependidos. Punições públicas, chamadas de autos-de-fé.

Maria vai a esse encontro nos Jardins do Convento.

— Sor. Maria — acalme-se, está ardendo novamente.

— Excelência, Reverendíssima! — Ululava Maria como se o tivesse ao lado de seu leito.

Os dois caminham em silêncio até que ele para e olhando-a diz:

— Esta árvore fez-me recordar a minha infância quando vivi em La Coruña. Quando menino gostava de subir em árvores.

— Você gostava? — diz o Arcebispo. — Que pergunta, provavelmente, nunca subiu em uma árvore, estaria lendo livros.

— Não Excelência, também subia em árvores mas, na verdade sempre preferi os livros.

— Mas, seguindo, graças a essa vontade de subir em árvores, descobri muito cedo o quanto são enganadores os ramos secos. Os ramos secos são como vidas possíveis que ficaram impedidas. A vida flui por esses ramos esquecendo e deixando morrer aqueles que acreditávamos serem possíveis.

— Excelência, está me ameaçando?

— Não, estou falando das consequências do livre arbítrio sem entrar em juízo de valores.

— Acredita que meus talentos denotam ausência de valor, que seriam, apenas, a manifestação do meu orgulho e aparência?

O Arcebispo, vira-lhe as costas e sai andando, apoiado em sua bengala.

Maria não pressupunha o que poderia acontecer-lhe. Embora aflita, não questionou em momento algum a Deus que lhe havia dado tantos talentos e lhe fazia sofrer por tê-los. Misteriosos os desígnios de Deus... Mais misterioso ainda é Deus!

Maria grita e debate-se! — A febre, estão morrendo!!! Salve-nos Senhor!

Ao voltar ao Convento toma conhecimento da doença de uma das freiras. Dias depois a cidade é tomada por uma nova peste e dia após dia as freiras do Convento dos Jerônimos adoecem!

Uma crise se instaura e Maria passa a colaborar com as enfermas do Convento que pouco a pouco morrem uma a uma.

Carlos, seu amigo intelectual, que é médico vem preveni-la sobre os cuidados que deverá ter ao cuidar das enfermas.

— Não se aproxime de seus hálitos, use máscara, o contágio é pela respiração.

Contaminada, com febre muito alta passa a delirar. Em suas crises alucinatórias vem-lhe as recordações de sua vida; quando saiu de sua casa com seu avô e foi para a capital na casa de seus tios; do sossegado silêncio dos livros; sua ida para a corte, recorda seu encontro com Inácio e seu frustrado amor; o momento em que chega à corte e conhece a Marquesa de Vidal para quem recita; de seus cabelos cortados; de suas vestimentas arrancadas; seu anel de compromisso; do Convento das Carmelitas e seu martírio; de seu confessor Jesús San Andrés; e do dia em que teve que entregar todos seus pertences, livros, escritas, papel e tinta...

— A morte está por todos os lados quando se ofende a Deus... delira Sor. Maria.

Reconhece em momentos de lucidez que poucas criaturas devem tanto a Deus como ela. Exaurida pela contaminação e por tantas recordações entrega-se, pacificamente, deixando a morte aproximar-se e a abraça dizendo-lhe:

— Santo Agostinho diz que a morte abre a porta para chegar até Deus. Por favor, quero encontrar-me com Ele.

Maria Zulema Cebrian

Cadeira 03 - Guilherme de Almeida

Milton Bigucci, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo na Cadeira 05, cujo patrono é Lima Barreto. Nascido no Bairro do Ipiranga – São Paulo, em 19 de dezembro de 1941. É autor de centenas de artigos publicados na mídia, e tem seis livros publicados: Caminhos para o Desenvolvimento; Somos Todos Responsáveis - Crônicas de um Brasil Carente; Construindo uma Sociedade mais justa; Em Busca da Justiça Social; 50 Anos de Construção e 7 Décadas de Futebol. Sempre esteve ligado ao setor da construção civil, onde atua desde 1961. Em 1983 fundou sua própria empresa, a construtora MBigucci: uma empresa familiar e profissionalizada, com sede em São Bernardo do Campo. Reconhecida por duas vezes consecutivas (2014 e 2015) como a Melhor Construtora de Capital Fechado do Brasil, pela Revista IstoÉ Dinheiro.

EU E O FUTEBOL

Milton Bigucci

As vezes sinto-me como um E.T, quando, em reunião com amigos, falo de minhas aspirações como escritor e, membro da Academia de Letras da Grande São Paulo e da minha paixão pelo futebol. Mesmo aos setenta e sete anos, continuo jogando. Publiquei centenas de artigos e seis livros, cinco com temas sociais e um sobre futebol. Sou um sonhador, todo escritor o é. Não fujo à regra. Vivo os meus sonhos.

Jogo futebol há sete décadas, não poderia me furtar de escrever sobre o que vivenciei e ainda vivencio. Em pleno ano da Copa do Mundo no Brasil, lancei o livro *7 Décadas de Futebol* no Museu do Futebol no Estádio do Pacaembu. Momento de orgulho, mais de quatrocentas pessoas acudiram ao meu convite. Um grande momento para um boleiro.

O futebol é um esporte emocionante que move o mundo, apresentando a arte da criatividade e alegria, do domínio da bola no pé, culminando com a finalização — o gol!!!! Gol a glória de quem faz e o desespero de quem leva. Uma sensação inesquecível para quem o fez. Momento supremo do futebol. Não saberia dizer a quantidade de gols realizados mas, com certeza, foram muitos. Não contei.

O futebol é o esporte mais popular do Brasil. Aqui chegou em 1894, quando o paulistano Charles Miller voltou da Inglaterra, onde fora estudar, trazendo a bola adequada para a sua prática. O primeiro jogo foi entre seus amigos na várzea do Carmo, funcionários das

Companhias de Gás e Ferroviária São Paulo Railway, em de abril de 1895. Iniciava-se a era do futebol. Até então, era o remo o esporte mais popular no País, pois valorizava o exercício físico. Atualmente a Confederação Brasileira de Futebol — CBF, é presidida por Antônio Carlos Nunes de Lima.

Nunca parei de jogar futebol, e agradeço a meus pais pelo incentivo.

Minha vivência neste meio me permitiu fazer muitos amigos, entre: funcionários, políticos, jogadores profissionais, empresários, jornalistas, policiais, bombeiros, magistrados. A amizade do "boleiro", parece-me mais sincera, pude testemunhar isso ao longo dos anos.

São companheiros da minha história no futebol meus filhos, familiares e amigos.

No meu livro nomeei em torno de mil pessoas, com quem tive o prazer de conviver. Este processo demorou meses e sei que mesmo assim muitos não foram nominados, embora sejam importantes.

Tenho em minha casa na praia, um belo campo de futebol e mais de 50 quadros dos principais jogos e personagens desta história. Uma verdadeira relíquia histórica, um museu do futebol particular, que guardo com muito carinho pelo que seus participantes representam para mim. Eles fazem parte da minha história com o futebol. Sou torcedor fervoroso do São Paulo Futebol Clube e tenho cadeira cativa no estádio do Morumbi. Frequentei-o muito, mas hoje prefiro a poltrona. Assisto praticamente a todos os jogos do São Paulo.

No futebol há três tipos de comportamento, a torcida que vibra pela sua equipe, os fanáticos e os guerreiros. Há também os que se preocupam em saber tudo a respeito dos jogadores: na vitória, no empate ou na derrota. Demonstrando emoções fortes e incontroláveis. O futebol como esporte transforma a vida das pessoas ajudando-as a prevenir problemas de saúde. Nada como um jogo de futebol para livrar-nos do estresse e da ansiedade das emoções do dia-a-dia. No entanto, é preciso estar atento aos exames regulares para evitar surpresas desagradáveis. Como o impacto de jogar futebol é maior, os pesquisadores afirmam que 8% dos atletas podem ter problemas cardíacos.

A oportunidade de jogar em países como Rússia, Estados Unidos, Itália, México, Espanha e Argentina permitiram-me ampliar conhecimentos e diversificar meus relacionamentos. Esta atividade nos oferece o verdadeiro jogo da vida. Procurei manter o registro de momentos importantes e relevantes para o acervo de minhas recordações. Verdadeiras relíquias históricas. Graças a este esporte livrei-me de problemas cardíacos e tive a oportunidade de realizar vitórias familiares e profissionais. Como jogador iniciei na zaga para depois de trinta anos me transformar em meio campista e usar a camisa 10. Não me profissionalizei. Comecei a trabalhar aos 9 anos. Conheci boleiros e com eles convivi durante décadas. Fica a dúvida: teria chance? No futebol, além da habilidade, força de vontade e garra há que ter sorte.

Quantos craques conhecemos que teriam se tornado profissionais? Muitos. Inclusive meus filhos Junior e Marcelo que hoje atuam nas áreas de engenharia.

Meus netos e sobrinhos, são também aficionados ao futebol. Tendo cada um seu time do coração. Muito envolvidos com a bola. Serão craques? Poderemos criar o "Netos do Bigucci Futebol Club"? Eles se espelham nos craques de destaque na atualidade, procurando imitá-los em seus cortes de cabelo.

Fiz muitos gols, pênaltis, faltas e tive muitos nomes de guerra, em todos os lugares pelos quais pude me apresentar jogando bola. Joguei em todas a posições, inclusive como goleiro. Vale lembrar que apitei também como juiz.

Atualmente, "ando" em campo, continuo jogando. E estou muito feliz.

Quero homenagear meu clube amador do coração — Clube Atlético Ypiranga, minha casa, onde sempre joguei e jogo. O CAY, fundado em 10 de julho de 1906, já foi um clube profissional com grandes revelações no futebol: Barbosa, Bibe, Riberto, Walter, Osvaldo, Dema, Sapólio, Sapólinho, Giancoli, Belmiro, Geraldo Scotto etc. Hoje, um lindo clube social com milhares de sócios, e uma linda área de lazer e esportes. Rememorando o histórico deste clube, destaco Carlos Paeta o forjador de campeões- 1956, na época áurea do clube. Há uma

estátua erigida em sua homenagem em frente ao campo. Fazemos até uma brincadeira ao entrarmos em campo: colocamos as mãos nos olhos desta estátua para que não nos veja jogar. Na década de 70 ali se realizavam os famosos Jogos da Primavera, que atraíam centenas de estudantes onde as escolas da região disputavam várias modalidades esportivas.

Ainda jogo pelo CAY campeonatos, torneios e Sucatão. Fui artilheiro da temporada de 1985, com vinte e nove gols. Hoje jogam nas suas categorias de base, os meus netos. Alguns são bons, outros...

Por muitos anos joguei no "racha" do CAY, todas as terças feiras às 7 horas, com o João Coviello, Crush, Pedrão, Genaro e outros. Minhas responsabilidades me faziam sentir remorsos por jogar futebol em dia útil. Sueli, minha esposa, disse-me: "você trabalha como louco, e não pode dar-se o direito de ter duas horas de lazer durante a semana?". Refleti e lhe dei razão. Coisas da cabeça.

Hoje jogo no AVS — Atitude, Vivência e Simpatia, também conhecido como Aposentados, Vagabundos e Simpatizantes com Paulo Verdi, Antônio, A. Soares, Giba e China, Alexandre, João Ruiz, Lua, Miranda, Claudio Pinto, Edson, Secondo, Úmile, Milton Careca, Vagner, Valdir (Matsumoto), Garcia, Nelson, Botina, Geninho, Irineu (juiz), Roberto (diretor), Roberto, Ari, Martin, Ary, Renato, Milat, Célio, Agostinho, Raul, dr. Aquiles, Décio, Augusto, Tico, Pedrão, Lau, Tuca, Vadão, Chula, Duda, Gilberto, Gaúcho, Silvio, Laerte, Thomaz, Amauri, Durval, Nico Alface, Juarez Nicolini, Adilson, Carlão, Serginho (os dois), Claudinho, Tomé, Olívio, Kaiser, Waltão, Gilberto Verdura, Julinho, Biaggi, Miltão, vários Joãos (Batista, Maria, Ruiz), Chicões (Caricatura e Prefeitura), Jair, Sidnei, Caetano, Zanon, Martins, Rubinho, Ademir, Eberaldo, Miguel, Pardal, Roque, Tomás, Cassiano (Tilico), Toninho, Beto, Wander, Osvaldo, Airton, Paquinho, Rubens, Jaime, Caputo, Cartucheira, Mário, Grego, os quatro Abdallahs (Valdir, Flávio, Alberto e Gerson), Pratali, Vitché (80 anos, nascido em 24 de julho de 1932) e outros.

Estou sempre com a camisa 10. Minha marca registrada no clube. Lá, fiz dupla de meio campo com Dudu, ex Palmeiras. Bela dupla: Dudu 5 e Bigucci 10. Melhor que Dudu e Ademir da Guia — o Divino, que fez setenta e seis anos em 3 de abril de 2018. Sou quatro meses mais velho que ele.

Cabe uma boa lembrança: Dudu no vestiário do Clube Atlético Ypiranga, no seu primeiro dia pegou a camisa 10 de propósito, não sabia que era minha. Dentro do campo, antes do início do jogo, educadamente dei-lhe a 5 e pedi a 10. Muito gentil, tirou uma e colocou a outra.

Para quem viu a cena, foi engraçado. Fato até hoje motivo de brincadeiras. Só o futebol permite essas brincadeiras. Afinal, eu era o craque camisa 10. Para me apoquentar, alguns *velhinhos* escondem a camisa 10 antes de cada jogo. Não conseguem o intento, pois tenho sempre uma 10 sobressalente. Para finalizar definitivamente o impasse mandei fazer um jogo de camisas 10. Agora não adianta esconder.

Enfim... O futebol é uma festa, faz bem para o físico e para a cabeça.

Milton Bigucci
Cadeira 05 — Lima Barreto

André Aparecido Bezerra Chaves, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 06 cujo patrono é Machado de Assis. Bacharel, Licenciado, Mestre em História Social e Doutorando em História Econômica pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). Possui Pós-Graduação Lato Sensu em Ética e Filosofia Política, Teoria da História, História e Literatura pela mesma instituição. MBA em Gestão de Academia de Ginástica pelo Centro Universitário Internacional. Publicou a Revista da Faculdade Livre de Direito da Cidade do Rio de Janeiro – Uma Proposta para a Identidade Jurídica Brasileira. As Relações de Trabalho no Brasil – História e Reflexões, entre outros. Autor dos livros: Cem Primeiros Poemas, Lençóis que Exalam Poemas de Amor, Dez Anos Depois..., O Encontro do Leitor com o Livro, Contos Natalinos – Tempos de São Caetano e Isaac Schutemberg e os Segredos da Ditadura Militar e Isaac Schutemberg e os Segredos do Nazismo.

A LENDA DO ESPECTRO VIRTUAL

André Chaves

Inventar o motivo que levou seu pai a escolher o nome que lhe conferiu registro foi obra intermitente de anos. Também desdenhava do sobrenome para não transparecer a condição econômica da família na qual veio ao mundo.

Não ousava perguntar àquele homem bruto, o jeito e a fala dele eram materializações de um pensamento sem refino em corpo impregnado com odor imanente de desodorantes baratos, qualquer resposta seria estúpida, não confiava em verdade dita pelo sujeito pouco estudado.

Passara da idade, mas ainda sentia vergonha dele.

O relacionamento era respeitoso, necessário dentro das paredes onde se abrigava a modesta família, ainda sem o acabamento esperado para um quartel de profissional. Convivia com a raiva das circunstâncias, embora não transmitisse quando em contato com os de fora.

Nada desconfiava a mãe, cândida, que pães caseiros fazia para vender e assim ajudava no sustento da prole, não deixava os filhos se engajarem no rateio das contas, sequer os planos de celulares e a Internet que tanto precisavam e dispunham.

Para os outros, gente de perto, era rapaz de garra, sempre pronto para o trabalho no escritório de uma malharia no centro da cidade de São Paulo, se bem que o salário servia apenas para sustentar o próprio vestuário, consumo miúdo, transporte e o curso universitário noturno.

Namorava Jaqueline por conveniência: colega em uma das disciplinas que cursava, precisava de alguém para se abrir, estabelecer precioso contato íntimo. Escolheu uma das mais belas jovens como par, gozava felicidade em sua companhia. Quando sobrava dinheiro, conseguia compartilhar o desfrute de alguns dos prazeres da vida ao oferecer a escolha entre jantares baratos, cinema, passeios em parques, um teatro aqui, uma balada dali, nada que comprometesse a estimativa.

No entanto, preferia as horas diante do computador ligado à Internet.

Dessarte Walter poderia se afogar: como passava os fins de semana sem preocupações maiores, concluídas algumas tarefas obrigatórias on-line no site da faculdade, ficava livre defronte do computador que montara aos poucos no espaço quadrado, isolado e quente, único cômodo no alto da laje o qual chamava de quarto.

Nunca sentiu falta de televisão ou rádio, o que necessitava para as horas felizes que podia experienciar lhe era oferecida pela rede mundial. Estética clássica a da máquina, mas a admirava à perdição.

Foi do interesse pela atraente tecnologia que lhe manifestou a ideia em uma das primeiras aulas de Filosofia do Ensino Médio: quando lhe questionavam o porquê do nome, respondia "Meu pai lia Walter Benjamim". Perguntavam em réplica sobre o famoso desconhecido e explicava tratar-se de pensador atinado a perquirir o sentido da aura que envolve as obras de arte. Combinava a espontânea admiração do inquiridor sobre seu pai à falsa sensação de nobreza que o nome fictício trazia.

Do que via no monitor e ouvia nos fones de ouvido, os jogos eram a fascinação que mais lhe agrilhoava. Sob o que aprendera das reflexões mais refinadas pertencentes ao ínclito pensador, a obra de arte possuiria riqueza em própria originalidade, independente da

opinião subjetiva do espectador. Toda a descrição preciosa coincidiria em perfeito requinte com as animações digitais.

Não compreendia os *games* como imagens de comandos que imprimem processamento veloz de dados com uso de caracteres eletrônicos, mas um mundo ao qual se transportava – iminente a máxima concentração e mínima interação à ambiência física do entorno – e nele vivia experiências significativas ao ponto de deixar marcas definitivas na alma.

Horário preferido, a madrugada, nada rompia a privacidade do quarto. Ficava à mão uma lata de refrigerante e um pacote de biscoitos recheados de chocolate, prontos para enganar a natureza. O ventilador era o amigo mudo nos tempos tórridos; roupão grosso, de microfibra, calça de moletom, pantufas na forma de famosa personagem de desenho animado, eram a segunda pele na estação fria.

O feriado de Páscoa se aproximava, com ele, a oportunidade de vencer o desafio mais difícil entre os *games*: conseguir entrar no portão que daria acesso ao "Paraíso" no *Eternal World*.

Acessado pela Internet, participava-se on-line. Eram muitas etapas, inúmeras regras. Refinada resolução, fiel universo virtual, o partícipe tinha liberdade de criar seu avatar, com rosto, constituição física, vestimenta, armas. No planeta desde o aparecimento do ser humano – na Savana da África, há mais de cinco milhões de anos – precisava enfrentar adversidades, trabalhar, desenvolver conhecimento, constituir família, integrar-se a uma comunidade, interagir com os detentores do poder para avançar as fases a conquistar, de maneira mágica, por poção ou cerimônia, a longevidade, seguindo as eras; a imortalidade era o prêmio final, adquirida apenas quando o aventureiro, com determinada chave, abrisse os portões do céu. As pausas eram efêmeras, somavam-se três horas, em contagem regressiva, mas podiam ser dispensadas.

Nada fácil. Horas, quem sabe mais de um dia dedicado à tarefa quase sem interrupção, embora a possibilidade de perder a única vida em algum momento da história, por uma epidemia, guerra, simples acidente,

entre outras peças pregadas do destino, fosse o evento mais provável.

Saiu publicado em um blog especializado na horda geek: uma sortuda da Dinamarca e um nerd em Israel haviam sido os únicos a serem contemplados com a divina recompensa.

O devaneio de que o momento ideal para tentar chegar ao "Paraíso" se aproximava fazia os batimentos cardíacos acelerarem em intervalos cíclicos, o espírito transitar entre euforia e ansiedade, sentimentos inimigos de quem desejava conseguir aquele objetivo. Pensar eficiente plano para reverter a situação não era difícil, realizar os afazeres costumeiros, bem se relacionar com os próximos, dormir mais que o suficiente na chegada da faculdade da quinta-feira para a sexta-feira da Paixão.

Fingiria serenidade como se o fim de semana prolongado com feriado não lhe representasse felicidade, entusiasmo quase oposto à maioria dos colegas de trabalho. Os nervos até se exasperavam ao ouvir comentários indiscretos que as horas ininterruptas com a família representavam o sentido pleno da existência. Há alguns anos, momento da vida em que as pessoas passam a entender um pouco mais sobre a vida adulta, tédio para ele era justamente ter com os pais e irmãs interações diretas na grande sala do sítio dos avós.

Três ou quadro horas sobre o asfalto quente, somados a minutos incontáveis na perua seminova a balançar para tantos lados ao mesmo tempo sobre a estrada de terra que acessava a propriedade rural. Com gramado, pomar, criações comezinhas; nada de piscina ou quadra de esportes, apenas churrasqueira e fogão à lenha emendados à cozinha da casa. Os quartos ofereciam privacidade, porém a matriarca, viúva recente, não deixava que ninguém se isolasse — como não sabia qual seria seu último dia ou proximidade da data fatídica, exigia interlocução de todos contra todos, sem clemência para os mais quietos.

Evidente o sofrimento maior dos jovens: nasceram e cresceram na era da tecnologia digital, com redes sociais capazes de unir conhecidos distantes por momentos seguidos, afastando-os inadvertidamente dos

íntimos verdadeiros. Broncas vexaminosas era o estratagema preferido da velha para dissimular qualquer pretensão dos mais novos em acelerar os dedos na tela do smartphone.

Walter não queria isso. Portanto, diante da certeza do quórum aquém ao mínimo na sala de aula, utilizou a última noite antes do feriado para ficar com a namorada. Foi mais cortês que o habitual: aguardou que saísse do trabalho, ofereceu lanche natural e suco como jantar em lanchonete barata para depois compartilhar chocolate com conhaque sob o ar condicionado mais frio de um restaurante fino. Foram para a mínima quitinete onde ela morava. A moça teve paciência, mas precisou interromper tantos assuntos que ele abordava aleatoriamente para que se aproximassem e trocassem carinhos.

Ainda dividiram goles de refrigerante da mesma lata até o momento em que ele se despediu, reafirmando a promessa que a procuraria na volta da viagem. Antes de desaparecer atrás das portas do elevador foi necessário parar, olhar-lhe fixo nos olhos e mentir:

— Nada apagará minha saudade de você.

— Nada?

— Por quê? Com quem eu poderia me aventurar em um sítio familiar entre morros adentro de uma área bucólica imensa?

— Você tem a mesma certeza do amor que eu?

Afirmou com a cabeça enquanto Jaqueline desaparecia do campo de visão. Evidente que não tinha; quantas vezes, ao terminar todas as fases de um jogo, não supôs experimentar sensações mais explosivas que o orgasmo?

Foi no carro enviado pelo aplicativo do smartphone que enviou mensagem em uma rede social aos amigos na qual demonstrava consternação por ter que passar os dias seguintes ao lado da família; além disso, refinou a desculpa que daria ao chegar para abandonar o projeto familiar.

Em casa, saiu-se perfeito. Entrou com a mochila e livros na mão:

— A quantidade de trabalhos e exercícios de fixação que preciso fazer é desumana! — criticou os professores antes de beijar frio a mãe tocar o pai no ombro.

— Então você vai ficar? — a mãe, em tom lamentoso.

— Quero viajar, mas precisaria levar o computador de Ana — irmã — para tentar fazer as tarefas no sítio... Não sei como conseguirei, a vovó não deixa ninguém quieto! — aguardou impugnação, mas a resposta do pai foi melhor:

— Sua avó é ignorante, não sabe que quem trabalha e estuda precisa dos horários livres para colocar a vida em ordem e descansar; mas, não quero que ela fique nervosa com você ou arrume confusão porque está estudando. — completou firme.

— Gostaria de revê-la!

— Ela tem a saúde de uma moça... Você a verá no próximo feriado, desde que não tenha tanta tarefa...

Subiu animado a escada que levava ao quarto. À média distância e voz alta, escutou a interpelação da mãe:

— Não vai comer? Deixei um prato feito dentro do micro-ondas para você.

— Vou deixar as coisas lá em cima e desço para comer!

Fez o prometido após arrumar os livros e os cadernos de modo a criar uma cena típica do atarefado. Comeu devagar, como quem aprecia mais a realização que o paladar.

Somente a mãe foi ao quarto de Walter para se despedir. Sonolento, ouviu as palavras dela sem clareza, comentava sobre a comida na geladeira, a segurança da casa, o cuidado fosse sair à noite, mencionou algo sobre a proteção de Jesus Cristo, beijou-lhe a cabeça e saiu; ele voltou à inconsciência.

Acordou de um olho, procurou o smartphone no chão, era quase meio-dia.

"Que bom acordar sem despertador!" Pensou enquanto a força muscular o trazia para o mundo lúcido. A regra de tomar banho após se levantar não fazia sentido, então desceu para a cozinha e aproveitou o que sobrou dos outros. Um bilhete fixado por pequena rosa imantada, escrito pela mãe, falava algo relacionado ao almoço. "Vou comer quando tiver fome"; bastava, não se deu à tarefa de relê-lo com atenção.

Decidiu que a tarde seria de preparação. Quanto menos pensasse no jogo, melhor se sentiria. Optou por ficar na sala, diante do ser estranho: a televisão. Precisou usar inúmeros botões dos controles remotos do aparelho e do dispositivo da TV a cabo. "Pré-Histórico mesmo!" foi o que pensou ao ter que passar por inúmeros canais para chegar a algo que o entreteria por alguns momentos, um filme bê, desses com atores desconhecidos; roteiro interessante, execução limitada. Alguns episódios de uma série popular entre adolescentes o lembrou de esquentar a sobra do almoço do dia anterior.

Lambeu o prato, molho de tomate, tomou copos de refrigerante da garrafa já aberta; pegou outra de dois litros no armário e deixou na geladeira, certamente precisaria dela gelada em seu quarto logo mais. Largou a louça suja, trabalho para as horas anteriores à chegada de todos.

O final da tarde foi mais triste. Jogos de futebol direto da Europa, programas de variada culinária, outros populares com auditório histérico com qualquer cantor ou banda que aparecia, desenhos animados recentes e antigos, desistiu. Desligou tudo, foi ao quarto e pegou algumas revistas, únicos veículos de conhecimento que nutriu sabor, para repassar dicas do *Eternal World*. Havia jogado várias vezes, conquistara certo domínio de alguns lugares e desafios pelos quais seu avatar passou.

Pouco depois das dezoito horas a noite tornou mais evidentes as luzes internas da casa. Resolveu pedir pizza. Ponderou que o tempo de entrega corresponderia ao tempo do banho. Foi assim. Comeu mais de meia pizza e quase um litro de refrigerante. Mesmo alimentado para um dia, levou dois pacotes de bolacha, o que restou da pizza e da garrafa para o quarto. Certificou-se do necessário para matar a fome durante a contenda.

Chinelo, calça de moletom, camiseta larga, ligou o computador,

abriu o site, colocou o fone de ouvidos, inseriu login e senha, iniciou a jornada. Os desafios dos predadores, a busca por alimentos, a interação no grupo social do homem das cavernas foi banal. À medida que avançava a empresa, as coisas se tornavam mais difíceis; era esperado, não se importava.

As horas se passaram mais rápido que as fases, optou em acumular as horas de intervalo conseguidas e deixar para comer depois. Movimentava com velocidade os olhos, os dedos das mãos, acompanhados de movimentos involuntários das pernas e taquicardias em intervalos irregulares, quase sempre ligados a momentos tensos, em que o perigo de morte era evidente, mas que conseguia transpor.

Conseguia sucesso na aventura como principal personagem de uma epopeia real. Chegava a sentir frio e calor, sede e satisfação, cansaço e relaxamento. Vez ou outra espreguiçava, contorcia-se, não levantava por nada. Pegasse fogo a casa, seu corpo se misturaria aos restos combustos.

Chegou às fases finais alienado às horas que passara entretido. Confrontava-se não apenas com desafios mais elaborados como também realizações mais fantásticas. Entusiasmava-se a cada conquista, optava por continuar sem folga.

Finalmente chegou a uma ambiência futurista, por ele desconhecida, repleta de pessoas felizes, proprietárias de robôs que por elas tudo faziam. Construiu um veículo autônomo quase esférico, confortável e silencioso. Na pequena tela do painel lhe foi disponibilizado um trajeto parecido como um mapa de tesouro. Poderia ser armadilha, mas criou coragem e seguiu as orientações.

Não acreditava no que viu ao chegar ao local indicado: imensa muralha, além de sua altura imponente, grandes moinhos de vento giravam silenciosos e em cadência, deveriam gerar a energia que tudo fazia funcionar. Sem letreiro ou qualquer identificação, imaginava apenas que aquele lugar era o “Paraíso”.

Portas maciças se abriram, uma luz radiante emergiu de um ponto indeterminável; de intensa, cegou-o.

Sem nada enxergar, sentia-se livre das mazelas do cotidiano do ser humano, sua alma sentia-se mais leve e livre que nunca, parecia que sua existência chegara a uma dimensão superior. Esperava que aquela cegueira logo se dissipasse para ver as maravilhas que desfrutaria no “Paraíso”.

Os familiares de Walter chegaram na última hora do domingo. A casa em silêncio. O pai abriu a porta preocupado em descansar para, no dia seguinte, estar refeito para jornada estafante de trabalho nas obras do edifício comercial ao qual a construtora o indicara. As irmãs deixaram suas malas ao chão, sentaram-se espontaneamente no sofá e continuaram a trocar informações pelas redes sociais dos smartphones. A mãe não gostou da quietude.

Andou sorrateira pela casa, o banheiro estava seco, a louça, pouca, suja. Parecia casa abandonada. Foi o pressentimento frio na barriga que a fez subir as escadas que davam ao quarto do filho. A porta entreaberta revelou que ele estava diante do computador a ver a tela do monitor em branco. Chamou-o por “Filho”, depois pelo nome, por fim, o nome completo. Nada. O desespero tomou-a. Tocou-lhe o braço, depois a cabeça, estavam gélidos.

Ao se defrontar com o rosto de Walter, viu os olhos fixos, sem brilho; os lábios roxos congelaram autêntico sorriso misto de heroísmo e felicidade. Sem saber o que fazer, os olhos daquela boa senhora deixaram escorrer no rosto a realidade irreversível. Um sentimento de culpa apareceu para, daquele momento em diante, infernizar sua vida.

Familiares, amigos, vizinhos, ninguém entendia como alguém morria daquela forma. A namorada, que sabia da preferência de Walter pelo mundo virtual, era a única pessoa que imaginava sua alma no “Paraíso” de *Eternal World*, correndo quilômetros por segundo entre os elétrons traspassando processadores e fios que fazem a Internet existir, interagindo com as personagens todo e qualquer jogo, por um tempo que não saberia mensurar, ou um espaço inimaginável.

Quando o caixão baixou na cova nem rasa nem funda do Cemitério das Lágrimas, enquanto choros e sussurros tomaram os presentes, surgiram nas redes sociais de todos os smartphones notícias de que o

avatar de Walter havia aparecido em algumas partes do mundo.

Dias e a presença do avatar de Walter se tornou lenda mundial. Muitos jogadores deixaram de ter como objetivo último o “Paraíso”, cobiçavam ter contato com o espectro virtual.

Jaqueline não o esquecia, tinha o amor cada vez mais intenso no coração. Foi em uma tarde, quando recebeu uma mensagem dos colegas de sala que não iriam à aula, que ela esboçou um sorriso enigmático: sem dizer nada a ninguém, decidira, naquele momento, jogar *Eternal World*.

André Chaves
Cadeira 06 – Machado de Assis

Ana Maria Stoppa, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 09 cujo patrono é Rinaldo Gissoni. Natural de Santo André. Ítalo-brasileira, Cidadã Honorária Mauaense. Detentora de vários prêmios nacionais e internacionais. Obras Publicadas: Diagnóstico, O Silêncio dos Porta-Retratos, Mosaici di Sapienza, Il Silenzio Dei Portaritratti, Acquerello Incompiuto. Vida Perene. O Rio que era Doce, Lelé, o Navegador dos Sonhos, Rafael o Ursinho Guloso, Oração dos Bichos, Estela a Pata Bela, Fada Verbena a Defensora da Natureza, A Fada Mirabela e o Sapo Guaraci, (edições em português e italiano), Cristal a Corujinha Cantora, Caó o Cavalinho de Um Olho Só, Cacau o Cachorrinho Legal, O Ronrom do Bombom, A Fada Soraia e Todas as Cores da Natureza, O Tatu Teotônio em Busca do Planeta Perfeito, Gigi a Joaninha Ambientalista. Entre outras.

REDENÇÃO

Ana Maria Stoppa

Efetivamente, não escolhera a solidão. Quando a pressentia, arranjava um jeito de despachá-la, estendia a agenda, esticava o trabalho, dormia pouco. No leito vazio, o cansaço era tanto que nem "boa noite" lhe dava. Robotizara-se; gradativamente, vestira a armadura da indiferença. Desconhecia a imagem refletida no espelho; o coração se acostumara aos expedientes adotados. Ao primeiro sinal de carência, trabalho e mais trabalho, distante das emoções, olhar ressequido, lágrimas ausentes. Vez ou outra transitava veloz nas lembranças de um tempo em que sentira no peito o palpitar do afeto.

Bobagem — dizia para si mesmo. Quando a alma timidamente ousava despertar, aplicava-lhe o sonífero das desculpas. Aromas, cores, gostos, movimentos, melodias, sinfonias, afeto, ternura, encanto: riscara estas palavras do dicionário. Literalmente, carregava as baterias apenas para seguir a rotina.

Gradativamente, os amigos se foram. Na verdade, não escolhera a solidão. Seguia robótico, vida quadrada desprovida de emoção. Compromissos regiamente anotados impediam o registro do tempo fugaz. Amealhara altas somas, acreditando que absolutamente tudo dependeria do vil metal.

Nos fragmentos de lucidez, planejava encontrar um amor, construir família, ter um tempo para si. Entretanto, rapidamente sufocava os planos, pois precisava ser ágil para despachar a tal solidão. No íntimo, achava tudo uma grande bobagem.

A armadura mostrou-se frágil quando um mal súbito tirou-o do trabalho. Ordem médica: repouso. Um mês de afastamento, consultas e mais consultas, medicamentos, exames. Na segunda semana, ficou

sabendo que a empresa contratara alguém para substituí-lo. O problema renal diagnosticado obrigava-o a ficar horas em absoluto repouso. Pela primeira vez, percebera o inadiável encontro consigo mesmo. A imagem no espelho. Quem era? Um desconhecido!

Procurou a agenda, não a de compromissos; estava impossibilitado de trabalhar. Queria a agenda telefônica amarelada pelo tempo, páginas coladas ante o desuso. Desconhecia os vizinhos de condomínio, embora residisse há mais de duas décadas no local. Admitiu, pela primeira vez, que precisava do próximo. Deixou-se levar pela solidão – aquela da qual se esquivara a vida toda. Parentes distantes, amigos perdidos, ignorado no trabalho. Precisava de alento, solidariedade, ombro amigo. As altas somas bancárias não lhes socorreriam.

Encontrou enfim a agenda avariada, páginas desordenadas, índice confuso. Alguns números com prefixos alterados, outros com assinantes mudados. Lembrou-se de Eliza, colega dos tempos de faculdade. Acendeu a opaca chama da esperança. Decidiu telefonar.

– Eliza? – indagou a voz do outro lado da linha.

– Sim, Eliza, diz pra ela que é o Eduardo, seu colega de turma da faculdade.

– Um momento, por favor. – disse a interlocutora.

Diante da demora, desligou o telefone para, em seguida, tentar falar novamente com a tal Eliza.

– Por favor – disse novamente. – quero falar com a Eliza, a senhora é a mãe dela? Imagino que Eliza deva estar trabalhando. Sem problemas. Poderia, por favor, anotar o número de meu telefone? Diz pra ela que é o Eduardo, seu colega de turma de faculdade. – reiterou, bastante afoito, sem dar espaço para a interlocutora.

– Sr. Eduardo...

– A senhora anotou meu número? Preciso muito falar com ela. Sempre participamos dos mesmos grupos de estudo. É urgente, a Eliza é a minha melhor amiga. – continuou. – Não me leve a mal, Senhora, mas preciso falar com ela!

Eduardo aos poucos caiu em si diante do longo silêncio.

– Sr. Eduardo, o senhor procura pela Dra. Elisa Antero?

– Sim, Eliza Antero. A senhora é a mãe dela?

– Não, Sr. Eduardo. Meu nome é Mariana, sou a filha caçula de sua amiga. Minha mãe faleceu há dezessete anos...

Atônito, sussurrou um "muito obrigado" para banhar-se no pranto contido. Paredes cinza, horas mortas, vida amorfa. Recorreu às lembranças; viu-se na mais tenra infância. Os tesouros materiais não nos socorrem. Maria Eugênia, sua saudosa avó materna, costumava dizer isso. Eduardo lembrou-se da mãe ao pé do fogão de lenha, do cheiro do pão quente, do mugir do gado, do canto da passarada. Os irmãos, os brinquedos improvisados, o banho no ribeirão, a pesca de lambaris, os passeios na quermesse, a escola de madeira, a bondosa professora, os amigos. Do baú de lembranças, resgatou a imagem do pai chegando da lida, vestido com a suada camisa xadrez, calça remendada, botinas embarreadas na terra vermelha dos cafezais em flor.

O fogo das lamparinas, a paineira florida, o colchão de palha, a velha colcha de retalhos, o pomar, o engenho, a família reunida, os folguedos, a cantoria, a viola, a sanfona, as rezas. Com os olhos rasos d'água, ensaiou a prece: "Pai nosso que estais no céu". Efetivamente, não escolhera a solidão.

Precisava ter os pés no chão; com o tratamento médico e repouso, logo recobraria a saúde. Súbito, lembrou-se da senhora que servia o café na empresa onde era diretor; precisava de ajuda. Imaginou que, certamente, ela não negaria passar algumas horas prestando-lhe serviços. Ligou para a secretária.

– Sandra, boa tarde, como se chama aquela senhora que serve café?

– Dona Jandira.

A pobre senhora tremia todas as vezes que entrava na sala do imponente diretor. Estava na empresa havia oito anos e Eduardo não sabia o seu nome!

– Sandra, o médico me prescreveu repouso. Será que a Dona

Jandira pode vir aqui em casa dar-me uma mão por alguns dias?

— Falarei com ela, Dr. Eduardo.

— Chame-a para conversar e explique a situação, o imprevisto.

Dona Jandira, para a maioria dos funcionários, era a simpática senhora sempre de bom humor. Ao escutar o pedido de Sandra, ficou atônita.

— Mas Sandra, como ir até a casa do Dr. Eduardo? Ele nem me cumprimenta, tenho o maior medo!

Porém, após muita conversa, ao final concordou. Na manhã seguinte, lá estava ela na portaria do prédio, se identificando. Os porteiros ficaram curiosos. Dr. Eduardo jamais recebera visitas. Pediram os documentos e, após alguns minutos, confirmaram a chamada.

— A Senhora pode ir pelo elevador dos fundos, o de serviço.

Mal passara da portaria, recebeu o novo comunicado do porteiro:

— Senhora, o Dr. Eduardo pediu para a senhora subir pelo elevador social.

Subitamente debilitado, ele não via a hora de receber a visita. Precisava de mais do que ajuda, precisava de gente. O repouso compulsório, a fragilidade física e o repensar repentino da vida haviam despertado valores há muito sufocados. Recebeu a visita desfigurado, de pijamas, barba por fazer, chinelos. Nem de longe lembrava o imponente executivo. Dona Jandira levou um susto.

— A Sandra disse que estou precisando dos serviços da senhora?

— Sim, senhor. — disse Jandira sem erguer os olhos. — O que tenho que fazer, Dr. Eduardo?

— Como é mesmo seu nome, senhora?

— Dona Jandira, às suas ordens.

Casa escura, desarrumada, geladeira vazia. Sobre o balcão da cozinha, uma carteira semiaberta. Dona Jandira nunca vira tanto dinheiro. No escritório, quatro computadores ainda ligados. Na única parede vazia, um quadro branco, repleto de anotações. Sobre a mesa, pilhas de papéis desarrumados, misturados com dezenas de envelopes contendo correspondências bancárias. Na pia da cozinha, restos de comida comprada pronta. Nos porta-retratos, apenas diplomas — muitos deles!

— Dona Jandira, — falou docilmente com a visita — estou de repouso médico, preciso que me faça algumas compras. Totalmente diferente do onipotente diretor, emendou:

— A senhora veja o que falta na dispensa, abra a carteira que está sobre o balcão, pegue o dinheiro que for preciso, vá até o supermercado e compre os ingredientes para fazer o almoço. Sem entender tanta amabilidade, pois aquela pessoa carente em nada lembrava o alto executivo, Jandira obedeceu. Saiu às compras e, quando retornou, passava das onze da manhã. Eduardo pediu-lhe que preparasse uma comida simples — arroz, feijão, ovo frito, bife, salada de tomates. Jandira aceitou de bom grado; adorava cozinhar e, mesmo estando desambientada, foi para o fogão. Mas, na moderna cozinha, eram tantos equipamentos que a pobre mulher sequer conseguia ligar o fogão. Tudo automatizado!

Passava do meio-dia quando o almoço ficou pronto. Jandira estendeu sobre um canto da imensa mesa de jantar a primeira toalha que encontrou, apoiou as panelas quentes sobre pratos para não danificar, e o patrão, acostumado a serviços esmerados com porcelanas, pratas e cristais combinados nos pequenos detalhes, viu-se diante das panelas sobre a mesa.

— Está pronto, Sr. Eduardo, pode vir almoçar. Quer que eu prepare uma limonada?

A água francesa foi então substituída pelo suco com gosto de infância...

— A senhora é minha convidada. Pegue mais um prato e os talheres e sente-se, por favor. Almoce comigo, faz muito tempo que faço as refeições sozinho.

Jandira atendeu, conversaram pouco. Eduardo repetiu o prato. Ainda sem entender bem o que estava acontecendo, sentia a comida descer apertando a garganta.

Ao terminar a refeição, Eduardo pediu que ela ficasse, pois iria lhe servir o café. Surpresa, Jandira aceitou a bebida quente. Em seguida, adotou a mesma postura que praticava na empresa: abaixou a cabeça e, desajeitada, tomou o café em silêncio.

Dona Jandira passou a ir todos os dias para fazer os serviços domésticos. Na segunda semana de tratamento, Eduardo soube que seriam necessários mais trinta dias de afastamento. Tempo precioso para curar mais que a matéria, para repensar valores e promover a cura da alma. Assistido por Dona Jandira, Eduardo percebeu o valor inestimável da amizade, a importância em se cultivar os amigos, a insignificância do "ter" quando o "ser" se revela abandonado. Nas prateleiras do "ser", os bens mais preciosos jamais estiveram à venda – o afeto, a ternura, o carinho, a solidariedade, o amor, o respeito e a simplicidade. Vida apressada, desconstrução acelerada do "eu" robótico. Eduardo havia investido tanto no "ter", amealhando fortuna, status e poder, enquanto o "ser" adormecia até a eclosão das doenças. Esvaziados sentimentos mostraram-se de vez. Para que o poder, o "ter"? Para quê? Perguntava-se na impositiva reflexão.

Eduardo entregara-se ao trabalho, à sufocante agenda sempre a serviço de terceiros. Agora, percebia que a prioridade seria a sua vida. Não para ser nababescamente vivida, não era isso. Mas sim a vida para compartilhar, para viver com simplicidade, família, amigos, amor, solidariedade.

– Dona Jandira, a senhora conseguiria me dizer o que é felicidade? – certa manhã indagou de surpresa à fiel escudeira.

– Assim, Dr. Eduardo, sem pensar, responder e pronto?

– Sim, Dona Jandira.

– Ah, Dr. Eduardo, felicidade pra mim é poder ajudar o senhor, é estar aqui enquanto o senhor recobra a sua saúde. Eu aprendi com minha família que encontramos a felicidade toda vez que nos colocamos à disposição daqueles que de nós necessitam.

Eduardo olhava atônito. Pensava em como era possível que uma pessoa que trabalhara com ele no mesmo ambiente por longos anos, de quem sequer o nome sabia, mostrava-se de repente solidária. Mentalmente, agradeceu a Deus pela enfermidade. Não fosse a doença, jamais teria a oportunidade de repensar a sua vida. Do coração, deixou brotar um "muito obrigado", acompanhado de duas grossas lágrimas.

Aos poucos recuperou a saúde – especialmente a da alma, com prioridades e agenda refeitas. A doença, as perdas assumidas, a convivência com a simpática senhora, as lembranças da origem, a descoberta da simplicidade, o poder da prece e a fé inabalável em Deus mudaram por completo sua postura. Mais que isso – percebera a perenidade da vida, a insignificância do "ter" quando se abre mão do "ser". Não precisaria mais do trabalho exaustivo. A vida pedia pressa, a solidariedade também.

Quando da alta médica, iniciou a concretização dos projetos recém-elaborados para uma vida harmonizada com os preceitos divinos. Trabalho voluntário, tornou-se assíduo participante em várias instituições. Decidiu aplicar parte das economias em prol dos semelhantes. Felicidade! Encontrara a felicidade imensurável no ser útil ao próximo, no compartilhar, no estender as mãos! À Dona Jandira, coube indicar algumas comunidades para receber os bens compartilhados e o trabalho voluntário que Eduardo fazia desde então com um largo sorriso no rosto. Efetivamente, não escolhera a solidão.

Ana Maria Stoppa
Cadeira 09 – Rinaldo Gissoni

Ana Cristina Silva Abreu, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 12 cujo patrono é Herculano Pires. Nasceu em 15 de março de 1984 na cidade de Ourinhos, interior de São Paulo. Atualmente vive em Santo André. Cursou Comunicação Social na Universidade Metodista de São Paulo e foi premiada com o projeto Marketing entre Culturas em 1º lugar no Prêmio Talento Metodista 2005, categoria Melhor Monografia e no Prêmio Destaque Metodista 2006. Cursou, ainda, Letras pela Universidade Metropolitana de Santos, especializou-se em Língua Portuguesa pela Faculdade de Educação São Luís de Jaboticabal e em Alfabetização pelo Centro Universitário UNISEB. Conquistou o 2º lugar no Concurso Cepe de Literatura Infantil e Juvenil 2010 com a obra, O Coelho sem Cartola; 1º lugar no Concurso Internacional de Literatura 2011, da União Brasileira de Escritores - RJ com a obra, Mas... E o Zero? e o 5º lugar no 1º Prêmio Cuore de Literatura Infantil e Infanto-juvenil 2012, com a obra, O Colecionador de Palavras.

O CASO DO RELÓGIO QUEBRADO

Ana Cristina Silva Abreu

Poucos conhecem a verdadeira história. Hoje ele está lá no Museu das Ofertas, sobre a Transferência da Soberania de Macau, mas nem sempre foi assim. Antes de ser um presente, após ter sido esculpido com muito zelo, aquele belo relógio de sol feito de jade, exibindo majestosos nove dragões decorativos, ficava aos pés de uma colina. E foi lá que aconteceu.

O Detetive Quati percorria apressado a trilha por entre enormes árvores que levava até a Gruta dos Canários. Não conseguia imaginar o que de tão urgente poderia ter causado um chamado logo tão cedo, mas o Mensageiro Papagaio parecia muito apreensivo ao dizer que as mais altas autoridades da floresta o aguardavam. O dia estava melancólico e escuro, anunciando uma grande chuva. Não parecia um bom sinal.

Na entrada da gruta que servia de ponto de reunião da Assembleia dos Animais e de onde a Grande Coruja administrava a vida naquela região, estavam reunidos o mensageiro, os secretários, alguns guardas e a Grande Coruja, além dos moradores da floresta.

Depois de rápidos cumprimentos e satisfazendo o olhar curioso do detetive, a Secretária Onça expôs a questão:

— O Senhor bem sabe que desde anos imemoriáveis temos, na entrada desta floresta, um belo relógio de sol esculpido pelos humanos da vila logo abaixo.

O Detetive balançou a cabeça concordando.

— Pois bem, — continuou a Secretária — este relógio, segundo nossos ancestrais, separa o dia da noite. É fundamental para o equilíbrio entre a luz e a escuridão. Acontece que hoje pela manhã o relógio parou de funcionar!

Neste momento, todos suspiraram.

— Parou de funcionar? — indagou o Detetive. — Isso já havia acontecido antes?

— Nunca! É uma tragédia! — respondeu a Secretária.

— Na verdade, — interrompeu a Grande Coruja — já aconteceu antes sim. — e apontou para alguns desenhos na entrada da gruta.

— O que significam os desenhos?

— Eles retratam nossa história, Detetive. São da época em que os antigos canários dourados viviam por aqui. Daí o nome *Gruta dos Canários*. Acreditava-se que eles eram os únicos animais que entendiam o poder do relógio, por causa de suas penas cor de sol. Mas eles desapareceram.

— E por que desapareceram?

— Foi quando o relógio parou pela primeira vez. Um dia, simplesmente não marcava mais as horas. Ninguém entendeu o porquê, mas depois disso o céu ficou negro e chuvas terríveis assolaram a floresta. Os canários foram se refugiar na vila e nunca mais voltaram.

O Detetive estava boquiaberto.

— A senhora está querendo dizer, Grande Coruja, que o relógio de sol na entrada da floresta é responsável pela presença do Sol?

— Sim, Detetive. E agora que ele parou de funcionar o Sol está nos deixando novamente.

A tensão se espalhou e todos olharam para o céu nublado e escuro quase como a noite, apesar de ainda ser de manhã. Um falatório tomou conta da Assembleia e alguns animais já pensavam em seguir a trilha dos canários até a vila, para se refugiar.

— Acalmem-se! — ordenou a Grande Coruja, e todos silenciaram. — O senhor vai aceitar o caso, Detetive Quati?

— Com a maior honra. Desvendarei o que aconteceu e quem foi o responsável. Mas precisarei de livre acesso a todos os setores da floresta e colherei depoimentos.

— Ótimo! Todos devem cooperar com o detetive.

A Assembleia se dispersou e a investigação começou! A primeira interrogada foi a Secretária Onça:

— Passei a noite caçando. Quando percebi, estava muito cansada, mas parecia que o dia não queria amanhecer. Quando passei pelo relógio, assustei-me!

— Assustou-se com o quê? — inquiriu o Detetive.

— Um pássaro estava pousado sobre o relógio, com as grandes asas abertas, bicando os belos dragões esculpidos.

— Que pássaro era?

— Ah, não consegui ver muito bem, por causa da escuridão. Mas aí o dia não amanheceu como de costume, o relógio estava quebrado. Foi exatamente assim que aconteceu.

O Detetive foi até o relógio. A bela peça esculpida em jade Dushan tinha marcas de bicadas. Eram bicadas características, de alguém com bico encurvado. Isso só podia significar uma coisa: a Senhora Arara seria a próxima a depor.

— Por que a senhora bicou o relógio?

— Do que o senhor está falando?

— A senhora foi vista bicando o relógio. Preciso que me conte a verdade.

A Senhora Arara ficou com vergonha, sentindo-se acusada.

— Eu estava tentando fazê-lo funcionar, só isso. Já era de manhã e o Sol não nascia. Fui até o relógio e não havia a sombra marcando as horas. Será que o dia não ia amanhecer mais? Comecei a bicar para ver se voltava a funcionar, mas nada aconteceu! Então ouvi um barulho por entre a vegetação, fiquei com medo e fugi. Foi exatamente assim que aconteceu.

— Hum... E a Senhora notou algo estranho, que possa nos ajudar a solucionar este caso?

— Algo estranho? Bem... Havia algo estranho! Espinhos espalhados sobre o relógio.

— Espinhos? Como os de uma rosa?

— Não, não. Como os de um ouriço.

Obviamente agora era preciso conversar com o Senhor Ouriço.

— Pois bem, como o senhor pode explicar a existência de alguns de seus espinhos espalhados sobre o relógio de sol? Noto que há mesmo espinhos faltando em sua pele.

— É que eu me assustei! Isso sempre ocorre quando eu me assusto, perco vários espinhos. Quando uma ameaça se aproxima, solto alguns e fujo.

— E o que o assustou tanto?

— Ah, Detetive, foi terrível! Eu estava dormindo perto do relógio, tranquilamente, quando um barulho muito alto me acordou. Era um galho que havia caído de cima da árvore, um galho enorme! Uma ventania tomou conta do lugar e, quando olhei para cima, havia alguém sobre a árvore de onde caíra o galho.

— Quem estava lá?

— Não reconheci, por causa da escuridão, mas parecia ter um longo rabo como de macaco. Pensei que iria me atacar, então soltei uns espinhos e corri. Foi exatamente assim que aconteceu.

O detetive achou estranho um galho ter caído sobre o relógio. Afinal, não havia galho algum lá agora. E nem por perto. Na certa o responsável tinha escondido o tal galho para ocultar sua culpa. Era hora de colher o depoimento do Senhor Macaco.

— Onde está o galho?

— Que galho?

— O galho que o senhor jogou sobre o relógio de sol. Há testemunhas!

— Eu não joguei o galho, não mesmo! Foi um acidente.

— É melhor o senhor contar como aconteceu.

— Eu estava sobre a árvore e nem estava saltando nem nada. Estava paradinho lá, sem me mexer, morrendo de sono. Tá, tudo bem, eu queria era saltar e assustar o Senhor Ouriço, um sustinho só! Mas nem deu tempo, de repente veio uma ventania muito forte e o galho em que eu estava se partiu. Eu saltei para outro mais firme e só ouvi aquele barulhão!

— O galho caiu e atingiu o relógio, certo?

— Sim. E no final das contas o Senhor Ouriço se assustou mesmo, soltou uns espinhos e correu. Fiquei com medo de que pensassem que eu havia feito de propósito e fui esconder o galho caído. Ele está sob uns arbustos. Foi exatamente assim que aconteceu.

— Há testemunhas que afirmam que o vendaval começou após a queda do galho.

— E o que isso significa?

— Que o senhor é suspeito de ter quebrado o relógio de sol.

— O quê? Não! Impossível! A ventania começou antes, foi ela que derrubou o galho.

E enquanto os dois conversavam, o Secretário Tucano ouvia tudo, espantado. Sem tempo para pensar, foi contar o que ouviu para à Secretária Onça e não percebeu que dois Gatos-do-Mato estavam por perto. Quando a Secretária sugeriu conversarem com a Grande Coruja, um dos Gatos-do-Mato já corria para o leste e o outro para o oeste, contando os resultados da investigação a todos que encontrassem.

Ao tomar ciência da situação, o Detetive correu o quanto pôde até a entrada da Gruta dos Canários, para explicar que o caso não estava resolvido, que o Senhor Macaco poderia ser inocente. Mas era tarde!

O Conselho estava reunido, os animais gritavam por justiça e, antes mesmo do devido julgamento, o Senhor Macaco já estava condenado.

— Eu ainda não colhi todos os depoimentos. — explicava o Detetive.

— Mas há evidências de que o Macaco é o culpado, certo? — replicava a Grande Coruja.

— Sim, há evidência de que o Senhor Macaco pode ter quebrado o relógio, mas...

— E causado a escuridão, a desordem. Há animais desaparecendo, como aconteceu com os canários no passado.

— Sim, mas...

— Que permaneça enjaulado este Macaco, até segunda ordem!

E o Detetive Quati tentava, inutilmente, explicar que aquilo era errado, que era preciso investigar mais. E o Senhor Macaco, agora conhecido simplesmente como Macaco, tremia de medo na jaula, em meio àquela escuridão toda. E os animais da floresta clamavam por justiça, sem ao menos pensar no verdadeiro conceito de justiça. E a tempestade chegou, o céu escureceu mais ainda, as gotas d´água caíram pesadas como se entendessem os sentimentos de todos ali. E cada um foi abrigar-se como pôde.

Menos o Detetive Quati. Ele não estava convencido da culpa do Senhor Macaco, não estava mesmo! Enfrentou a chuva forte e os trovões seguidos de relâmpagos para caminhar lentamente até a vila ali perto.

Cansado pelo esforço da caminhada e pela luta contra a ventania, o Detetive sentou-se sob o beiral de um telhado para descansar. Respirou fundo uma, duas, três vezes e foi então que ouviu. Sim, ele ouviu algo que não esperava ouvir, algo que o encheu de alegria e medo ao mesmo tempo. Ouviu o canto abafado e melódico de um canário.

Esgueirou-se, cuidadoso, para dentro do quintal daquela casa e procurou com seus olhos miúdos algum sinal. Ali estava: uma gaiola. Nela o belo canário dourado como o Sol cantarolava notas dispersas, como se quisesse distrair-se para não notar a tempestade.

— Eu nunca vi um canário cantando com um tempo ruim destes.

O pequeno pássaro olhou para o chão, espantado, e perguntou:

— Quem é você? Não tem medo da chuva?

— Sou o Detetive Quati, muito prazer. Tenho medo sim, mas preciso resolver um caso muito complicado.

— Eu sou o Canário Cantor. Eu não tenho medo da chuva, por isso canto.

— Mas todos os animais têm medo da chuva. Inclusive os canários! Por isso fugiram quando o relógio de sol parou pela primeira vez e causou escuridão e tempestades. Está acontecendo de novo.

— Espere! Do que você está falando?

— O relógio de sol na entrada da floresta parou! Não marca mais as horas!

— E você acha que está escuro e chovendo por que ele parou?

— O senhor sabe de algo sobre isso, Canário Cantor? O senhor foi um dos que fugiram?

— Não, eu já nasci em cativeiro. Mas ouvi as histórias de meus antepassados sobre a fuga.

Já era quase de manhã quando o Detetive Quati regressou e aos poucos o tempo foi mudando. Uma barulheira tomou conta da floresta. Animais gritavam Viva! O Sol estava de volta, o céu limpo e azul.

— É um milagre! — disse a Secretária Onça.

— O quê? Como assim?

— O senhor conseguiu, solucionou o caso e trouxe o Sol de volta para nós. Hoje pela manhã o relógio voltou a funcionar e o dia nasceu normalmente.

Ainda meio atordoado, o Detetive olhou para os lados e viu dezenas de animais banhados pelo Sol quente da manhã. Olhou para trás e viu o relógio de sol marcando as horas.

— Onde está o Senhor macaco? — perguntou.

— Está enjaulado. Ainda nesta manhã será expulso da floresta. Servirá de exemplo para que ninguém mais cometa este crime.

— Mas ele é inocente! — gritou o Detetive.

— Como assim inocente? Ele jogou o galho sobre o relógio e que-

brou. E o senhor o concertou durante a noite, não foi?

— Eu não concertei nada! O relógio nunca esteve quebrado!

A Secretária ficou boquiaberta ouvindo o Detetive. Será que ele havia enlouquecido? Com medo que a reputação daquele valoroso Quati fosse manchada, ela mandou que os Gatos-do-Mato Policiais dispersassem a multidão.

— Secretária Onça, eu encontrei os Canários. O Senhor Macaco é inocente!

Mas a Grande Coruja já estava do outro lado da floresta tomando as providências para o degredo do Macaco. Ele seria atirado ao rio em uma canoa para que as águas o levassem para longe. A Secretária Onça não sabia o que pensar. Provavelmente o Detetive enlouquecera em meio a tanto trabalho. Mas, e se aquela história maluca fosse verdade?

Os dois correram o mais que puderam. Atravessaram a floresta como foguetes, com a determinação de quem precisa fazer justiça. Só que a notícia da possível loucura do Detetive chegou mais rápido. É que houve tempo para alguns animais ouvirem a conversa perto do relógio antes da ordem de dispersar a multidão.

Quando o Detetive e a Secretária chegaram à margem do rio, o Senhor Macaco já estava dentro da canoa, o Secretário Tucano preparava-se para empurrá-lo para o rio, e uma Cotia Médica aguardava ao lado da Grande Coruja.

— Amigos, amigos! Esperam! O Senhor Macaco é inocente! Foi tudo um grande engano, o relógio nunca esteve quebrado — gritava o Detetive.

— Como pensei, ele insiste que o relógio não parou de funcionar. Pobre Detetive, devemos prestar toda a assistência possível — dizia a Médica.

— Cuide dele, doutora — respondeu a Grande Coruja, e depois deu um sinal para o Secretário Tucano.

Enquanto dois Gatos-do-Mato Policiais seguravam o Detetive Quati, a Cotia preparava uma injeção tranquilizante e o Secretário Tucano empurrava a canoa com o Macaco para o rio.

— Não! — gritou o Detetive. — Por que vocês não me escutam?

A Secretária Onça tremia de ansiedade e não sabia o que fazer. Como que instintivamente saltou sobre a Médica e impediu a aplicação do tranquilizante.

Ao mesmo tempo, a coruja avistou um pequeno grupo voando. Ela não podia acreditar em seus olhos. Logo todos levantaram a cabeça para o céu.

— Estamos agindo certo! — gritou a Coruja. — Punimos o culpado, o relógio voltou a funcionar e os canários retornaram para casa!

Sobre os galhos das árvores ao redor pousaram dezenas de canários. Alguns cantarolavam e outros olhavam assustados o Senhor Macaco que flutuava sobre a canoa, já bem distante.

— O que aconteceu, senhor Detetive? — perguntou o Canário Cantor.

— Não tive tempo de explicar nada! Eles já condenaram o Senhor Macaco ao degredo.

— Vocês já se conhecem? — indagou a grande Coruja.

— Sim. — respondeu o Canário. — O Detetive nos salvou na noite passada. E é melhor vocês salvarem aquele Macaco.

— Como assim? — interrompeu o Secretário Tucano.

— Aquele relógio não controla o Sol, meus amigos. — continuou o canário. — O Sol é que controla o relógio.

Todos arregalaram os olhos, expressões de assombro brotavam por todos os lados.

— É simples. Aquele é um relógio de sol, funciona quando há Sol. Se a sua luz desaparece por algum motivo, ele não pode marcar as horas. É por isso que à noite ele não funciona. Os animais desta floresta sempre acharam que era o contrário, que o relógio fazia o Sol nascer e se pôr todos os dias. Mas ele não precisa de alguém que lhe diga quando acordar e quando adormecer.

— Quer dizer que nossos conceitos estavam invertidos? — continuou a Grande Coruja. — O nosso precioso relógio não controla nada, nem o dia nem a noite, nada?

— Nada!

— E por que o Sol foi embora e a tempestade veio?

— Porque isso acontece de tempos em tempos. É parte da renovação natural das coisas. O Sol é necessário e a chuva também. Os nossos antepassados também não sabiam disso e fugiram daqui com medo. Foram se esconder na vila lá embaixo, grave erro!

— Lá não era bom?

— Não, Grande Coruja. Lá os humanos os capturaram e os colocaram em gaiolas para ficarem cantando para eles. Mais canários foram nascendo e sendo engaiolados. Mas ontem à noite o Detetive Quati nos encontrou e nos tirou das gaiolas. Finalmente pudemos regressar para a terra de nossos ancestrais.

— Agora tudo faz sentido. — interrompeu o detetive Quati. — O Sol bate na estrutura central do relógio e projeta a sombra desta estrutura sobre a base circular. Assim o relógio marca as horas. Por pensar que o relógio controlava o Sol, no passado os canários fugiram de medo da escuridão da tempestade, achando que o relógio estava quebrado, e acabaram presos em gaiolas.

— E nós cometemos o mesmo erro agora! — emendou a Secretária Onça.

— Então isso quer dizer que nosso relógio não é tão importante quanto pensávamos! — concluiu o Secretário Tucano.

— Ah, vocês só veem o lado ruim das coisas! — disse um Canário. — Foi por isso que essa confusão começou. Todos se desesperam nas horas de escuridão e não percebem que o dia simplesmente vai nascer de novo. Isso os canários aprenderam a duras penas.

— Se os seus antepassados não tivessem se desesperado e fugido, não teriam sido presos em gaiolas — concluiu a Grande Coruja.

— Exato. Vocês devem aprender com essa história toda, assim como nós aprendemos.

— O Canário tem toda a razão! — disse o Secretário Tucano. — Vamos guardar estes ensinamentos e transmiti-los. Mas vai ser uma história bem longa para contar.

— Podemos resumi-la — retrucou a Grande Coruja.

— Mas como resumi-la sem que se perca a essência? — perguntou a Secretária Onça.

— Diremos às futuras gerações, apenas, para serem como o nosso belo relógio de sol.

Um silêncio tomou conta da margem do rio e apenas o detetive Quati teve coragem de dizer que não havia entendido o significado daquelas palavras.

— O que quero dizer, é que devemos agir como age o relógio de sol, ele marca as horas em que há Sol. As horas de escuridão são esquecidas.

— Devemos marcar em nossos corações somente as boas horas, e deixar de lado as horas ruins — completou o Detetive. — Como disse o Canário, a luz sempre vai voltar.

Todos sentiram seus corações reconfortados com aquelas afirmações e felizes de finalmente terem entendido o valor real daquele relógio de sol na entrada da floresta. Mas... No meio de tantas discussões eles haviam se esquecido de algo!

— O Senhor Macaco! — gritou um dos policiais.

Os animais da floresta se mobilizaram para resgatar aquele amigo. Os felinos correram pelas matas, as aves se adiantaram pelo ar e os policiais providenciaram cordas. Lá adiante a correnteza do rio levava a pequena canoa.

Ao alcançar o local, a Secretária Onça segurou uma das pontas da corda de um lado do rio. A Senhora Arara levou a outra ponta até a margem oposta para o Senhor Leopardo. Os dois puxaram as pontas de maneira a mantê-la esticada, segurando a canoa que se aproximava.

Ao sentir o tranco da batida na corda, o Senhor Macaco colocou a cabeça para fora e viu aquele bando de animais gritando na margem para que ele segurasse a corda. Assim, segurou firme e foi deslizando a canoa até a beira.

Com os olhos úmidos, ele observou a todos sem saber o que dizer. A Grande Coruja tomou a frente do grupo, abraçou o Senhor Macaco e pediu desculpas em nome de todos.

— O que está havendo? Eu não havia sido condenado? Vocês vão me perdoar?

— Não é preciso perdão — respondeu a Coruja. — Você nunca foi o culpado. A culpa sempre esteve em nossas mentes ignorantes. Deixe-me contar a você o que realmente aconteceu e como esta floresta vai viver daqui para frente agindo exatamente igual ao relógio de sol!

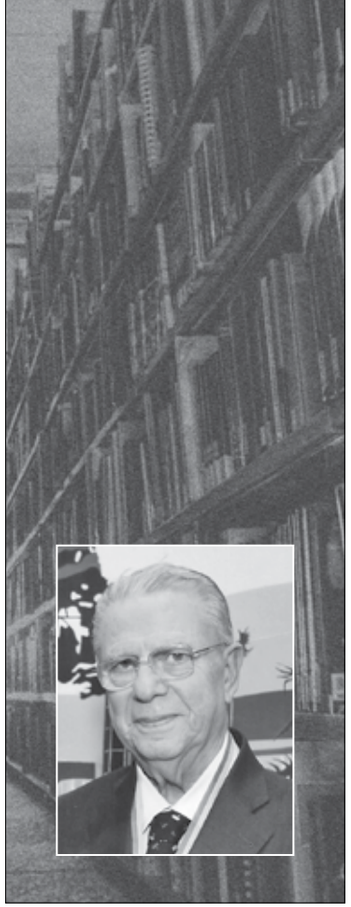
— Igual ao relógio de sol?

A Grande Coruja sorriu, colocou a asa sobre um dos ombros do Senhor Macaco e os dois foram caminhando pelas trilhas da floresta enquanto ela falava sobre a verdadeira função do relógio de sol, o retorno dos canários e sobre como marcar apenas as horas ensolaradas em nossos corações.

O Detetive Quati ficou para trás, apenas observando. Um sorriso discreto preenchia seu rosto. Seus serviços de investigação não eram mais necessários ali, e talvez nunca mais fossem. Afinal, não existem mistérios para um coração que deixa de lado as horas de escuridão e medo e carrega consigo apenas as horas de luz.

Tanto aprenderam que, quando o relógio foi levado ao museu, ninguém se importou nem teve medo. Todos sabiam que o Sol continuaria a brilhar. E foi exatamente assim que aconteceu.

Ana Cristina Silva Abreu
Cadeira 12 — Herculano Pires



José Bueno Lima, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 14, cujo patrono é Álvarez de Azevedo. Brasileiro, casado com Iara Balieiro Lima, advogado, pai de quatro filhos, pela ordem José Antônio, Antônio Celso, Patrícia e Luís Felipe, nascido em Santo André, aos 27/12/1937, filho de Antônio e Adelina Lima, Procurador-Chefe da Prefeitura Municipal de São Bernardo do Campo, aposentado, escritor, publicou três livros:Um Passado Sempre Presente; Como Se Fosse Hoje e Crônicas e Contos de Um Saudosista.

O TUNEL DO TEMPO

José Bueno Lima

Naquele belo domingo de início da primavera, Márcia, Alberto e os sobrinhos Marília e Gabriel, conforme planejaram, às nove horas já estavam na plataforma 2 da estação ferroviária de Santo André. Todos ansiosos para chegarem ao destino, Paranapiacaba, onde estava sendo realizada a I FLIPARANAPIACABA, feira de literatura promovida por um grupo de literatos de Santo André.

A chegada da composição não demorou. Sua lotação estava regular, de modo que não houve dificuldade em adentrar no trem, e se acomodar num conjunto de poltronas próximas.

Paranapiacaba, é um distrito histórico do município de Santo André. Nasceu em virtude da estrada de ferro construída pelos ingleses que vieram explorar o transporte, originando, no local, uma típica vila inglesa. Fica bem no alto da Serra do Mar. Dali, como o significado do nome indica, traduzindo-se do tupi-guarani, avista-se o mar, numa paisagem deslumbrante. Seu trajeto até o litoral é íngreme, sendo que a descida de trem é feita através do chamado sistema funicular – *endless hope* (sem fim). A paisagem é maravilhosa, pois além da mata densa, há inúmeras cachoeiras, atraindo os praticantes de esportes radicais, que utilizam o caminho para chegarem ao litoral. É deveras perigosa a descida a pé, sendo comum grupos se perderem durante o trajeto.

Bem, além de usufruírem a beleza natural do lugar, Márcia, Alberto e os sobrinhos, iam com o objetivo de visitar a feira de literatura, como amantes de livros que são.

A viagem não é demorada, mesmo por que, após a parada em Santo André, a composição segue direto até o local desejado. Sendo

uma região montanhosa, a estação férrea fica na parte baixa da vila, enquanto as atividades da feira, no Clube Lyra Serrano, realizam-se na parte alta.

Porém, ao descerem do trem algo inesperado, diferente, aconteceu.

Uma nuvem, uma bruma típica da região, desceu sobre eles, não demorando mais que alguns segundos. Eles se viram saindo de um verdadeiro túnel do tempo, vestidos à moda da época imperial em que viveu Irineu Evangelista de Souza, Visconde de Mauá, o idealizador e financiador da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, em 1867. Os construtores ingleses denominaram-na São Paulo Railway Company-SPR. Era a sua inauguração. Num lampejo, leram cartazes anunciando a presença, naquela hora e dia, daquele a quem se devia a existência do lugar, o Visconde. O Imperador Dom Pedro II, por motivos de saúde, não poderia comparecer.

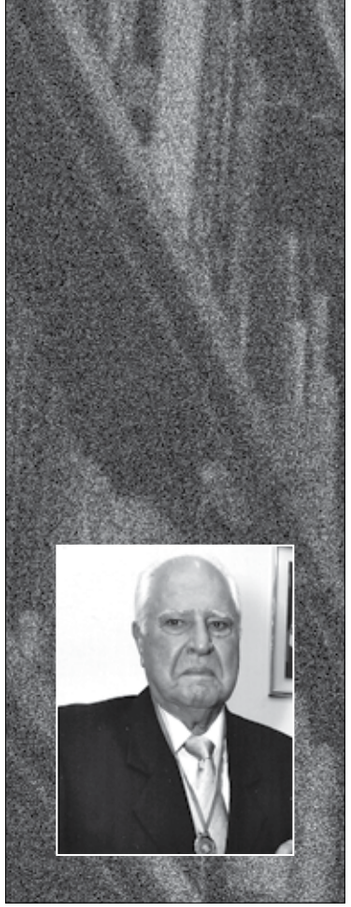
Todavia tal como aconteceu, deu-se, em segundos, a volta à realidade e Márcia, Alberto, Marília e Gabriel seguiram o caminho em direção ao local do evento, ainda aturdidos pelo insólito acontecimento de que foram personagens.

Por alguns momentos, foram como membros da corte real brasileira.

Dias depois, pela manhã, em sua residência, encontraram sob a porta, fotografias tiradas na ocasião, dentro de um envelope onde se lia:

"Com os cumprimentos do Senhor Irineu Evangelista de Souza, Barão de Mauá..."!

José Bueno Lima
Cadeira 14 – Álvaro de Azevedo



Clóvis Roberto dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 16 cujo patrono é Euclides da Cunha. Bacharel e licenciado em Pedagogia e Bacharel em Direito. Especialista em Administração e Supervisão Escolar. Mestre em Educação. Doutor em Educação. Docente, diretor de escola, supervisor de ensino, delegado de ensino, diretor regional de ensino da Região do ABC. Professor, Chefe de Departamento, Coordenador de Cursos de Graduação e Pós-graduação da Educação superior em universidades do ABC; Baixada Santista e São Paulo. Autor de dezessete livros sobre educação. Membro Honorário da Academia Paulista de Educação.

A HISTÓRIA DE UM ALUNO
Análise Pedagógica

Clóvis Roberto dos Santos

"A proa e a popa de nossa didática serão a de investigar e descobrir o método segundo o qual os professores ensinem menos e os estudantes aprendam mais; nas escolas haja menos barulho, menos trabalho inútil e, ao contrário, haja mais recolhimento, mais atrativo e mais sólido progresso" – Comênio (Jan Ámos Komensky – humanista e educador tcheco – (1592 – 1670).

Saímos um pouco do nosso cotidiano. Não mais crônicas nem textos científicos que marcaram nossa vida acadêmica e literária: vamos contar a história de um aluno, um "garoto como eu" ou você, que devia "amar os Beatles e os Rolling Stones". O fato é verídico, com base num texto anexo ao Parecer do Conselho Estadual de Educação de São Paulo, nº 2164/78. Contribuímos com algumas observações feitas no depoimento e, no final, algumas reflexões, frutos muito mais de nossa longa experiência escolar do que de compêndios de ciências da educação.

Era uma vez um aluno chamado Pedro que cursava uma escola pública na região de Mogi das Cruzes. Tratava-se de uma pessoa normal para a família, amigos, vizinhos e sociedade, mas um pouco diferente para a escola e seus professores.

– Não, eu não vou bem na escola. Esse é o meu segundo ano na 7ª série, e sou maior que outros alunos. Entretanto eles gostam de mim. Não falo muito na aula, mas, fora dela, sei ensinar um mundo de coisas. Meus colegas estão sempre me rodeando, e isso compensa tudo o que acontece em sala de aula.

A alegria de ensinar o que Pedro aprende na vida e que a escola não sabe aproveitar. Ele tem muito a contribuir com o que aprendeu, em sua vivência, no cotidiano. Falta a interação, tão falada e desejada, escola-família-comunidade. Veja a sequência de seu depoimento.

— Eu não sei por que os professores não gostam de mim. Na verdade, eles nunca acreditam que a gente sabe alguma coisa, a não ser que se possa dizer o nome do livro onde a gente aprendeu. Tenho em casa alguns: Dicionários, Atlas, livros de Português, Matemática, Ciências e outros que a professora mandava comprar. Mas, não costumo sentar e lê-los todos, como mandam a gente fazer na escola. Uso meus livros quando quero descobrir alguma coisa. Por exemplo: viajo com meu tio que é caminhoneiro. Quando ele me convida para fazer entrega num fim de semana, vou logo procurar num mapa rodoviário o caminho para chegar na outra cidade.

A curiosidade e a necessidade constituem caminhos mais seguros para uma aprendizagem eficaz. A escola, não somente a atual, mas a maioria em todos os tempos, sempre desprezou a pesquisa como fonte de transformar as informações dos livros ou da vida em conhecimento, que é aquilo que o aluno interioriza e usa na medida de suas necessidades. Como percebemos, o professor e os textos passam informações que são cobradas nas avaliações. Se elas são úteis e em que medida os alunos as estão usando, pouco importa para o sistema de ensino. O famoso "decoreba" ainda é uma realidade em nossas escolas.

— Mas, na escola, a gente tem de aprender tudo que está nos livros, e eu não consigo guardar. No ano passado, fiquei uma semana tentando aprender os nomes dos imperadores romanos. Claro que conhecia alguns como Nero, César e Calígula. Mas é preciso saber todos juntos e em ordem. E isso eu nunca sei. Também não ligo muito, pois os meninos que aprenderam os nomes dos imperadores têm que aprender tudo o que eles fizeram. Estou na 7ª série pela segunda vez, mas a nova professora não está muito interessada nos imperadores. Ela quer que a gente aprenda tudo sobre as guerras gregas. Acho que nunca conseguirei decorar nomes em História.

A cultura livresca com material distante e desinteressante para o aluno ainda constitui a base de nossos currículos escolares. Os professores destacam, em suas aulas, aquilo de que gostam mais ou aquilo em que têm mais conhecimento. Penso que aprender sobre os imperadores romanos e as guerras gregas pode significar alguma coisa, desde que contextualizado num conjunto com outras informações contidas em um projeto de pesquisa sobre tais fatos históricos. Jogado a esmo, nada terá significado para o aluno que, fatalmente, fará a maior confusão, mais ou menos, como no Samba do Crioulo Doido, de Sérgio Porto, vulgo Stanlislaw Ponte Preta, no qual os personagens se misturam e vão entender que Cabral libertou os escravos, Pedro I, descobriu o Brasil e que Maria era a Rainha Louca de Portugal. Parece brincadeira, mas façam um teste com nossos alunos de Ensino Fundamental e pasmem!

— Agora, estou aprendendo um pouco de caminhões porque meu tio tem três e disse que posso dirigir um quando eu fizer dezoito anos. Já sei bastante sobre cavalo a vapor e marchas, de cinco marchas diferentes de caminhão, alguns a diesel. É gozado como os motores diesel funcionam. Comecei a falar sobre eles com a minha professora de Ciências na quarta-feira passada, quando a bomba que a gente estava usando para obter o vácuo esquentou. Mas a professora disse que não via relação entre um motor diesel e a nossa experiência sobre a pressão do ar, mas os colegas pareceram gostar. Levei quatro deles à garagem de meu tio, e vimos um mecânico desmontando um enorme caminhão diesel. Rapaz!!!... Como ele entende disso.

A vivência deve ser aplicada nas aulas da escola. Fica evidente a falta de sintonia entre o que a escola tenta passar para os alunos e suas experiências vivenciadas no dia-a-dia. Quanto poderia ser interessante, numa aula de Ciências sobre a formação do vácuo, o aproveitamento das experiências com motores de caminhões a diesel!

— Eu também não sou forte em Geografia. Neste ano, na classe, estão falando muito em Geografia Física. Durante toda uma semana, estudamos agricultura de roça no mundo tropical, sistemas agrícolas

tradicionais, mas não aprendi bulhufas. Acho que foi, também, porque faltei às aulas, pois meu tio me levou a Ribeirão Preto com uma carga de televisores. Trouxemos de lá uma carga de açúcar. Meu tio tinha me dito onde estávamos indo, e eu tinha que indicar as estradas e as distâncias em quilômetros. Ele só dirigia o caminhão, e eu ia lendo as placas com os nomes das cidades por onde passávamos. Até Campinas, contei uma porção de fábricas e daí para frente era só canavial. Mas, pra que tanta cana em São Paulo? Paramos duas vezes e dirigimos mais de 600 quilômetros, ida e volta. Estou tentando calcular o óleo e o desgaste do caminhão para ver quanto ganhamos.

Quanta coisa a escola poderia ter aproveitado em aulas de Língua Portuguesa, Ciências, História, Matemática, Geografia sobre tantas informações mais interessantes do que as contidas nos livros didáticos adotados.

– Eu costumo contar minhas viagens para meus colegas de escola, e eles gostam muito porque há sempre novidades. Gostaria de fazer minhas redações sobre as viagens que faço com meu tio. Mas, outro dia, o assunto da redação na escola era: "O que uma rosa leva da primavera"... Não deu... Também não dou para Matemática. Parece que não consigo me concentrar nos problemas. Um deles era assim: "Se um poste telefônico com 12m de comprimento cai atravessado em uma estrada, de modo que 1,5m sobre de um lado e 1,0m de outro, qual a largura da estrada?" Acho uma bobagem calcular a largura da estrada, nem tentei responder, pois o problema também não dizia se o poste tinha caído reto ou torto. Não vou bem, também, em Educação para o Trabalho. Todos nós fizemos um suporte para vasos e uma fruteira, com palitos de sorvete. Os meus foram péssimos. Também não me interessei. Nossa casa é muito pequena, não tem lugar para pendurar plantas, e a única mesa existente está sempre ocupada. Quis fazer uma caixa de ferramentas para meu tio, mas a professora não deixou, pois eu teria que trabalhar só madeira. Acabei fazendo uma caixa de ferramentas em casa, e meu tio disse que economizou cerca de R$ 200,00 com meu presente.

Quanto tempo e dinheiro desperdiçados com coisas de menor interesse para os alunos.

– A orientadora de Educação Moral e Cívica é fogo; andei ficando depois da aula, tentando aprender os artigos do Estatuto Padrão dos Centros Cívicos para fazer o nosso Estatuto. A professora disse que só poderíamos ser bons alunos e cidadãos sabendo isto. Eu quero ser um bom cidadão. Mas detestava ficar depois da aula porque um bando de meninos estava limpando o lote da esquina para fazer um parquinho para as crianças do "Lar Espírita". Eu até fiz um conjunto de barras, usando canos velhos. Pedimos jornais, garrafas e ferro velho para vender e, com o dinheiro, compramos arame para fechar o lote. Meu pai disse que eu posso sair da escola quando fizer quinze anos. Estou doidinho para isso porque há um mundo de coisas que eu quero aprender e fazer e já estou ficando velho.

A partir de informações vindas do meio ambiente é que o aluno constrói seus conhecimentos. A isso, a Pedagogia denomina *interacionismo,* como uma das três teorias que buscam explicar a origem do conhecimento. As outras duas são o *empirismo* e o *inatismo*. Para o *empirismo*, o desenvolvimento da inteligência é determinado pelo meio ambiente e não pelo sujeito, portanto, de fora para dentro. A ideia é a de que o ser humano nada traz ao nascer, é passivamente submetido às forças do meio, que provocam reações. Assim, o desenvolvimento pode ser totalmente modelado de fora, pois a força que o determina se encontra nos estímulos externos e não no indivíduo. Pode-se, então, afirmar que *empiristas* são aqueles que pensam que o conhecimento acontece porque nós vemos, ouvimos, tateamos etc. e não porque agimos.

Por outro lado, o *inatismo,* ou *racionalismo*, diz que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelo indivíduo e não pelo meio, portanto, de dentro para fora. A ideia é que o ser humano já nasce com a inteligência pré-moldada. A lógica, por exemplo, seria inata ao homem. À medida que o ser humano amadurece, ele vai reorganizando sua inteligência pelas percepções ao indivíduo e não pelos estímulos externos.

As teorias pedagógicas modernas procuram construir o entendimento na superação tanto do *inatismo* quanto do *empirismo*. Elas procuram derrubar a ideia de um universo de conhecimento dado, seja bagagem hereditária, seja pelo meio físico e social. Elas criaram a ideia de *conhecimento-construção*, expressando o movimento do pensamento humano em cada indivíduo particular *(ontogênese: o desenvolvimento de um indivíduo desde a concepção até a idade adulta*) e na humanidade como um todo (*filogênese história evolutiva de uma espécie ou qualquer outro grupo taxonômico*).

Nossos professores, especialmente, os da educação básica, têm uma formação que privilegia o conteúdo, isto é, aquilo que já está posto nos livros, que denominamos de cultura livresca. Assim, os mestres não se sentem preparados para abrir mão de seu poder de detentor do conhecimento e possibilitar que seus alunos reflitam, levantem hipóteses, errem, enfim possam ser agentes de seu próprio conhecimento. Na escola, em qualquer nível de ensino, aprender pela construção é organizar os conhecimentos através de um mecanismo de desequilibração que envolve processos de assimilação e acomodação, que levam a uma equilibração e assim sucessivamente. A esse processo se denomina *construtivismo*, no qual, pelo interesse e curiosidade, o próprio aluno vai construindo seu conhecimento. Toda criança tem a natural curiosidade de querer saber o "como" e o "porquê" das coisas, especialmente da natureza. Da forma como a escola age, somente dando informações, o gosto e a curiosidade vão se extinguindo, chegando, muitas vezes, até a aversão pelo conhecimento.

Quantas vezes nossas escolas pensam estar tratando de Ciências, por falarem coisas como átomos, órbitas, núcleos, elétrons etc. Não são palavras difíceis que conferem à nossa fala o caráter ou o *status* de coisa científica. Podemos falar de coisas mais rebuscadas e complicadas e, sem querer, estamos impingindo, a nossos alunos, grosseiros atos de fé, que não são mais que uma crendice, como tantas outras. Não é à toa que se diz da escola ou *ex-cola*: um lugar onde as cabecinhas entram redondinhas e saem quase sempre quadradinhas. Então, aprendemos a fazer as coisas fazendo-as. Não existe outra maneira. E como escreveu Albert Einstein: "não basta ensinar ao homem uma especialidade porque assim ele poderá se tornar uma máquina útil, mas não uma personalidade harmoniosamente desenvolvida. É necessário que o estudante adquira uma compreensão dos valores éticos, um sentimento daquilo que vale a pena ser vivido, daquilo que é belo, do que é moralmente correto. Sem cultura moral, não há soluções para os grandes problemas humanos".

Então vemos a responsabilidade dos cursos de formação de professores nos quais precisa-se ter a consciência de que o profissional da educação deve ser perspicaz, competente, criativo e comprometido com sua missão. Que compreenda o momento histórico em que vivemos e as consequências desse momento para que a escola não se perca no processo, mas que atinja os objetivos finais da educação escolar. O conhecimento é algo dinâmico. O progresso não irá esperar pela escola. Esta sim deverá procurar formar indivíduos-cidadãos com essa percepção de mudança, de dinamismo. O professor de hoje não pode ser aquele que conduz, mas o que caminha ao lado e enxerga à frente.

Percebemos, como sempre acontece nas propostas de reforma de ensino, que, no papel, tudo está muito bonito, com objetivos bem formulados, estratégias adequadas, metas a serem atingidas, currículo bem definido e programas tecnicamente perfeitos, mais ainda, uma carga horária prevendo até tempo integral. Lembramos, então, que reformas anteriores foram propostas com, também, boas intenções, e o fracasso se evidenciou nas suas implementações. Quais as razões? Destacamos duas: a falta de infraestrutura material de prédios e equipamentos e os recursos humanos, constituídos principalmente pelos docentes, que, no final das contas, são os que vão fazer a reforma acontecer. É preciso um profissional da educação motivado, bem formado, bem recrutado e, acima de tudo muito bem remunerado, talvez quatro ou cinco vezes mais do que o salário atual que, diga-se de passagem, chega a ser revoltante e risível.

O bom ensino passa por um bom professor, e este, em todas as propostas de reformas, é totalmente ignorado. Por isso, temos nossas dúvidas sobre o sucesso de quaisquer projetos de reforma, pois dificilmente saem do papel, sendo, como sempre, fracassos anunciados. Vale lembrar o velho provérbio popular: De boas intenções, o inferno está cheio.

A escola pública brasileira está só. A comunidade, ausente, preocupada com sobrevivência, desemprego, baixos salários, filhos nas ruas... O Governo tem suas prioridades: estradas, viadutos, resolução de problemas dos sem-teto, sem-terra, sem tudo, reuniões e viagens para divulgar e manter sua imagem de administrador competente e honesto que lhe garanta sucesso nas próximas eleições. No caso, a educação não é prioridade, pois não decide eleições e só é lembrada nos discursos de palanques ou em planos para mostrar aos organismos internacionais e garantir verbas vultosas que nunca chegam a seu destino, isto é, à sala de aula, pois elas se perdem nos tortuosos caminhos da burocracia e em desvios por interesses pessoais e políticos. O noticiário impresso e falado é riquíssimo de provas do que afirmamos.

Então, é preciso preparar bem os profissionais da educação, estudando criticamente a situação da escola – instituição, suas responsabilidades na sociedade atual e rever o papel dos docentes. Torna-se necessário estabelecer parâmetros para a formação daqueles profissionais de forma coerente com as demandas atuais, sem desconsiderar os limites do sistema de ensino e as restrições dos recursos materiais e humanos. Então, a teoria deve iluminar um novo caminho, considerando as dificuldades, porém sem abdicar do ideal e da crença na possibilidade de mudanças.

Corroborando nossa tese, lemos, em dois artigos no jornal Folha de São Paulo, 15/06/2018, p.A2. No primeiro, O Encantamento das Gambiarras, Hélio Schwartsman é categórico: "E, para obter uma educação de excelência, precisamos de bons professores. A literatura mostra que há uma correlação forte entre a qualidade do sistema e o nível intelectual daqueles que são recrutados para dar aulas. Se quisermos atrair os bons para o magistério, precisamos oferecer-lhes atrativos, normalmente uma combinação de salários com prestígio social".

No outro, Professores e Equidade, Cláudia Costin afirma: "Na última segunda-feira (11), a OCDE publicou um relatório sobre políticas públicas para professores. Nele uma ideia se faz muito presente: como o bom professor é o elemento mais importante, entre os fatores dentro da escola, para lograr qualidade no ensino, os sistemas educacionais devem se assegurar de que os mais vulneráveis possam também receber esse benefício".

É uma constante em nossos escritos: quase todos os projetos de reforma de ensino não têm logrado grande êxito porque desconsideram o professor, aquele que, no "chão da escola", vai promover, realmente, a implementação das propostas oriundas das autoridades centrais e regionais.

Clóvis Roberto dos Santos
Cadeira 16 – Euclides da Cunha

Humberto Domingos Pastore, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 19 cujo patrono é D.Aquino Correa. Nasceu em São Caetano do Sul em sete de fevereiro de 1955, filho de Osvalter José Pastore e Maria de Lourdes Pastore. Formado em Comunicação Social, especializado em Jornalismo e em Teologia da Igreja Cristã. Atua no campo da Assessoria de Imprensa, respondendo pela comunicação da Diocese de Santo André. É autor dos seguintes livros: Contador de Causos Urbanos; Santa Rita de Cássia - A Padroeira do Pinheirinho; Cônego Belisário – O condutor de almas que já foi tangedor de jumentos; Lins – A saga de um líder sindical; Falando de Comunicação e de Pastoral de Comunicação Tadeu - O outro Judas e Grudando letras, Formando Palavras, Escrevendo Frases.

O JUDAS QUE NÃO TRAIU JESUS

Humberto Pastore

Perguntaram-me: Qual o seu santo de devoção? — São Judas Tadeu. Que além de ser um dos doze apóstolos também era primo direto de Jesus Cristo.

Nasceu em Caná da Galileia, Palestina, local onde hoje está a aldeia de Kafrkanna, região norte de Israel. Para entender sua biografia é preciso partir da árvore genealógica da descendência de Davi. Jacó era filho de Natan, que no tempo dos grandes terremotos veio para a Judéia para trabalhar na sua profissão de carpinteiro. Em Nazaré casou-se e desse casamento nasceram dois filhos: José e Alfeu. O primeiro viria a ser pai de Jesus, e o segundo, pai de Judas Tadeu.

Judas Tadeu era primo, em linha direta, de Jesus Cristo, por ser filho de Alfeu e mais ainda, porque a sua mãe, Maria de Cleófas, viria a ser a Santa Maria de Cleófas, reverenciada no dia 9 de abril, era prima de Maria, mãe de Jesus. Ela recebeu o sobrenome de Cleófas, pois após a morte de Alfeu, casou-se novamente, desta vez com o também viúvo Cleófas. Judas Tadeu tinha quatro irmãos: Tiago, José, Simão e Maria Salomé.

Nos livros apócrifos, ricos em informações sobre o dia-a-dia da época, buscamos relatos para entendermos a localização da propriedade pertencente a Jacó, pai de ambos, que fora desmembrada.

A pequena diferença de idade entre Jesus e Judas Tadeu permitia que fossem juntos à Sinagoga para recitar salmos e aprender as palavras da Lei. Aos doze ano, Jesus foi censurado pelo escriba Isacar por questionar os sábios de Jerusalém e pela forma particular ao falar sobre Deus.

Eram tempos difíceis. Os adultos não tinham muitos locais para trabalhar e, para completar, Alfeu vivia muito doente. Faleceu quando Judas Tadeu tinha quatorze anos. Sua esposa, então, casou novamente agora com Cleófas. Simão, o mais velho dos irmãos, tinha um gênio inquieto, vivia dizendo que queria expulsar os invasores romanos. Tiago era o mais sério de todos e muito piedoso. José, o irmão mais novo, era filho do segundo casamento de Maria com Cleófas. Chorava muito e sua mãe o mimava. Maria Salomé, a mais velha, quando se casou com Zebedeu, um comerciante de óleo, passou a morar em Jerusalém. Judas Tadeu, na infância, era gordinho e musculoso.

Como a mãe passava muito tempo na casa da filha casada, quem tomava conta dos quatro meninos era tia Maria, mãe de Jesus. Os quatro tinham gênios muito diferentes e eram mal-educados, viviam mentindo, o que deu muito trabalho à ela.

Judas e Jesus tinham vinte e três anos quando José faleceu. Os primos pouco se viam após este evento. Cada um seguiu sua vida. Pode ser que o padrasto Cleófas teria sido um dos dois peregrinos a quem Jesus aparece durante o caminho de Emaús, no dia da ressurreição.

Quando Jesus escolheu seus doze apóstolos, incluiu Judas Tadeu e outros familiares mais próximos, dois Tiagos. Um chamado o Menor, primo de Jesus e irmão de Judas Tadeu. Tornou-se o primeiro Bispo de Jerusalém. Sobre o outro irmão de Tadeu, José, pouco sabemos de sua vida adulta além de que era conhecido como o Justo. Simão foi o segundo Bispo de Jerusalém, após Tiago. A irmã de Judas Tadeu, Maria Salomé, casada com Zebedeu, foi mãe de outros dois apóstolos: Tiago Maior e João, *aquele que Jesus amava*.

É muito rica a participação da mãe e da irmã de São Judas nas passagens bíblicas. Basta dizer que Maria Cleófas e sua filha Maria Salomé estavam ao lado de Maria Madalena, no momento da morte de Nosso Senhor crucificado**.** Essas santas são citadas como duas entre as três mulheres, na passagem em que encontraram o túmulo de Jesus Cristo vazio.

Relendo os relatos bíblicos chegamos à conclusão de que Jesus era primo em primeiro grau de Judas Tadeu e de Tiago Menor e em segundo grau de Tiago Maior e de João, o apóstolo mais jovem, pois Judas Tadeu era irmão de Tiago Menor e tio de Tiago Maior e de João.

Conta-se que, Judas Tadeu era bem parecido fisionomicamente com Jesus Cristo. Como vimos, tinham praticamente a mesma idade e eram garbosos e com olhos negros muito bonitos. Na infância tiveram os mesmos professores e participavam de jogos e brincadeiras. Adultos, revelam os escritos, Judas era calado, obediente e, muitas vezes, se perguntava como podia seu primo irmão falar e fazer tudo aquilo.

Na noite em que Jesus foi traído e entregue aos soldados romanos, temendo não distinguir qual dos doze homens era Jesus Cristo devido à semelhança entre os três primos, combinou-se que Iscariotes daria um beijo naquele que deveria ser preso.

Segundo alguns historiadores, Judas Tadeu poderia ser o esposo nas núpcias de Caná. Passagem bíblica em que Jesus realiza seu primeiro milagre transformando água em vinho, a pedido de sua mãe. Não há comprovação disso, mas se ele não foi o noivo, sem dúvida foi alguém muito próximo, pois Maria não tomaria tal iniciativa se não estivesse entre seus familiares.

Pode-se dizer que Judas Tadeu realmente foi casado. Sua esposa chamava-se Marta. Tiveram três filhos, João, Eli e Davi que era recém-nascido quando Tadeu saiu de sua casa para seguir Jesus Cristo.

Judas, derivado de Judá que significa *fortíssimo* e *celebérrimo,* também conhecido por Tadeu, *valente,* foi o décimo apóstolo a ser escolhido pessoalmente por Jesus Cristo, (Mt 10,4). Valente como sempre agiu na hora de defender a Palavra de Deus.

Como sempre fazia na infância, Judas Tadeu agora acompanhava seu primo e Mestre Jesus, nas muitas visitas às cidades próximas de Jerusalém. Como discípulo e apóstolo pode presenciar muitos milagres realizados por Jesus, tendo participado da instituição da Eucaristia na última ceia e testemunhado a morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo.

Quando Jesus pediu aos discípulos que formassem dupla, e levassem a mensagem recebida por toda a Galileia, sentiram medo e foi com

muita indecisão que escolheram seus parceiros. Judas Tadeu aproximou-se de Mateus, o antigo publicano. Todos sabiam que a missão não seria fácil, pois o próprio Mestre dissera que os estava enviando como ovelhas em terras de lobos e que encontrariam muita resistência.

Jesus sentiu orgulho de seu primo e amigo, pois foi Judas Tadeu e Mateus foi a primeira dupla a se levantar e seguir viagem passando pelo posto de Gaza, sede do porto mais importante de Jerusalém, local onde fervilhava a civilização; ali se encontravam habitantes de diversas localidades comercializando seus produtos, sob os olhares dos soldados romanos.

O renomado historiador de origem grega, Orígenes, confirmou que Judas Tadeu após receber o Espírito Santo, por ocasião de Pentecostes, no Cenáculo de Jerusalém, junto a Pedro e aos demais apóstolos partiu para levar a Palavra de Jesus, repetindo o que o Mestre havia feito na Galileia. Assim, vai para a Samaria, hoje região histórica da Palestina e Idumeia – antiga da Ásia, hoje pertencente à Transjordânia, além de outras localidades de população judaica dando início à construção da Igreja de Deus pela evangelização dos povos. São Judas iniciou sua pregação na Galileia.

Sabe-se também que tomou parte no primeiro Concílio de Jerusalém, realizado no ano 50 d.C. A seguir, foi evangelizar o povo da Síria, da Armênia e da Mesopotâmia – atual Pérsia, onde ganhou a companhia de outro apóstolo, Simão, o *Zelote*, que evangelizava no Egito. O nome Zelote pode significar que antes de ser chamado por Jesus, fora membro de uma facção patriótica de judeus que se revoltaram contra a ocupação romana em Israel, muito embora o nome Zelote possa também se referir ao fervor e zelo com que procurava cumprir a lei judaica.

A Carta que São Judas escreveu faz parte dos livros canônicos e está na Bíblia. Seu conteúdo é uma severa advertência contra os falsos mestres e também, um fraterno convite endereçado a todos os corações de boa vontade para seguirem perseverantes os ensinamentos divinos, mantendo a pureza da fé. Foi escrita com a finalidade de combater as heresias que proliferavam naquela época. Fazendo uma apreciação da

missiva do apóstolo, Origines afirmou: □São Judas escreveu uma carta em poucas linhas, mas repleta de coisas vigorosas. É comparada aos escritos de um profeta. O estilo é vivo, claro e cheio de imagens. Os pensamentos admiravelmente coordenados. Essa carta deve ter sido escrita em 66 ou 67 d.C., em Alexandria ou Jerusalém□. Esta *epístola canônica* que leva o seu nome tem sido aceita pela tradição eclesiástica, que nunca apresentou objeção.

Por sua incansável tarefa de pregar o Evangelho, convertendo um grande número de pagãos, Judas Tadeu e seu amigo Simão foram presos e levados ao Templo do Sol, em Edessa. Ali, morreram após serem cruelmente martirizados a golpes de lanças e machados, provavelmente no dia 28 de outubro do ano 70 d.C.

Não há comprovação quanto ao local do martírio. Alguns afirmam que foi em Berito ou Nerito, outros dizem que foi em Arate ou Aráduas, menciona-se ainda Sufian ou Siani, todas, pequenas cidades persas próximas uma das outras.

A população foi incitada para que trucidasse Simão e em especial, Judas, que fazia vibrantes discursos contra os falsos deuses, desgostando profundamente aos pagãos. Entre realidade e lenda, sabe-se que no dia de sua morte criticava os deuses e, enquanto falava, as imagens apócrifas se partiam e caíam ao chão. A população enraivecida o atacou só parando ao certificar-se de sua morte. Por isso, A imagem de São Judas Tadeu é representada segurando um livro, que simboliza a Palavra e uma clava representando o instrumento de seu martírio.

Perto do ano 800 d.C., as relíquias foram levadas para o mundo ocidental e desde então, percorrem vários países, sendo que, hoje, encontra-se na Basílica de São Pedro, em Roma. No Brasil, a devoção a este santo é recente. Surgiu no início do século XX, alcançando, porém, enorme popularidade. É invocado como o santo dos desesperados e aflitos, das causas sem solução ou perdidas. Festejado, nos dias 28 de cada mês, tem a sua grande festa litúrgica celebrada em outubro.

Anos mais tarde, quando os seguidores de Maomé invadiram a Pérsia, o corpo foi levado para a cidade de Jerusalém. Uma nova pere-

grinação aconteceu até a Basílica de São Saturnino de Tolosa, na França. O translado ocorreu no ano 860, por ordem do Rei Carlos Magno. Séculos mais tarde esta paróquia foi suprimida e por ordem do Vaticano os restos mortais do apóstolo foram levados para a Igreja de São Pedro. Ali estão as duas urnas mortuárias com os ossos de São Judas e de São Simão.

Em 22 de dezembro de 1605, o papa Paulo V lançou um *Breve* – decisão de caráter particular, com o seguinte teor: "Como daqui a pouco, os corpos dos Santos Apóstolos, Simão e Judas serão transferidos da antiga Igreja do Príncipe dos Apóstolos para a nova Basílica de São Pedro, concedemos indulgência a todos que assistirem à cerimônia ou aos que visitarem a Basílica desde as primeiras vésperas de São João Evangelista até o ocaso do dia da festa dos Santos Inocentes".

Documentos do Vaticano comprovam que no dia 27 de dezembro de 1605, os dois corpos foram levados, em procissão solene, para o novo altar em homenagem a eles, e ali estão, junto ao túmulo de seu companheiro São Pedro.

Hoje são levadas às suas paróquias apenas as relíquias (partículas retiradas dos ossos) de São Judas Tadeus.

Humberto Pastore

Cadeira 19 – D. Aquino Correa

Eva Bueno Marques, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 26 cujo patrono é Cecilia Meirelles. Nasceu em 20 de novembro de 1949 na cidade Conceição da Aparecida em Minas Gerais. Professora pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus, de Alfenas, Minas Gerais; Farmacêutica pela Escola Federal Farmácia, Alfenas, Minas Gerais. Atualmente trabalha como farmacêutica em São Caetano do Sul. Participou do Seminário sobre os 100 anos de nascimento de Cecília Meireles, na USP, em 2001, com a filha e a neta da poetisa. Declamadora, já tendo apresentado dois recitais na cidade, nos anos de 1994 e 2005. Participou de inúmeros eventos como declamadora em eventos nacionais e internacionais. Articulista, tem textos publicados na Revista Tamises da Academia de Letras, Raízes da Fundação Pró-Memória e em coletâneas nos livros: Um olhar poético sobre São Caetano e Cantos e Recantos de São Caetano. Desde 1997, é membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

IMPETUOSO VENTO

Eva Bueno Marques

O homem é um sopro de Deus. Eis a vida, rico presente, do criador à criatura. As pálpebras que se abrem à luz, horizontes que se alargam a cada dia. Sonhos que se alojam nas mentes e a corrida insana atrás de cada um, muitos até impossíveis e jamais alcançados. Mas uma força interior traz o ânimo recuperado como a brasa de um carvão. É preciso que uma fagulha desperte um coração adormecido e que a nuvem seja passageira para descortinar um azul de esperança.

Uma semente morreu na terra e ressuscitou numa flor.
Basta que vire um fruto para mostrar seu sabor.

Vamos colecionando mudanças e nunca chegaremos a um ser acabado. Se pensar em mim, não sou mais nada do que era ontem. Minhas prioridades antigas nem as tenho mais na lembrança. Meus gostos hoje seguem os caminhos da alcançada maturidade, minhas alegrias despertam francos sorrisos em meu rosto envelhecido mas tatuam meu coração com marcas que valem a pena. Não é uma imagem fugaz que logo vira uma esquina e desaparece, como uma fumaça que foge no ar.

Busca minha alma um abrigo.
Nem tão perto, nem longe.
No destino que eu sigo.

Mesmo sabendo da brevidade de nossos dias, não a levamos em conta e a deixamos adormecida, embaixo do tapete de nossos pensamentos e corremos atrás de coisas atraentes e duradouras como se fôssemos imortais. Nossas flores não podem decepcionar nosso jardim, eles terão que permanecer com duradouros coloridos e perfumes, à mercê de nosso olfato exigente.

Num sono entorpecido vou sonhando sem parar.
Mesmo não querendo, um dia vou acordar.

É preciso que balancem os galhos de uma árvore carregada para que seus frutos se desprendam e sejam colhidos. Temos essa mesma necessidade de sermos balançados pelo vento da vida para que acordemos diante da realidade de cada dia a nos conduzir sempre a uma operação matemática da subtração. Um dia a mais é sempre menos. Verdade que queremos bem longe de nossa mente! Ah! Se existisse uma curva que nos salvasse dessa conta tão simples e objetiva! Que nos reconduzisse a uma única fila de intermináveis somas apenas!

Não sei que conta mais faço
Que seja só mais, nunca menos
E não me cause embaraço.

Para não chegar ao saldo zero é que vamos lutando, dia-a-dia, para que, pelo menos, se prolongue esse final com a sua inescapável prova dos nove. Todas as preocupações humanas nos mostram que só lutamos para que a vida seja longa e feliz dentro do possível. Corremos dos perigos, tomamos todas as vacinas, nos abrigamos dos raios, cuidamos de nosso corpo, trabalhamos para o sustento, abraçamos para o afeto, cantamos para as colheitas, choramos para as despedidas e tememos que nos aconteça qualquer mal. Mas onde se encontra tão escondida e esquecida aquela centelha divina que nos foi dada no sopro divino?

Oh! Alma que está em mim
Alma que me dá vida
Até que o corpo tenha fim.

Toda a aprendizagem terrena tem o objetivo de prolongar o fim, já que impedi-lo é inevitável. O vento impetuoso do tempo que nos empurra vem sempre disfarçado de brisa suave e delicada, sem que percebamos o seu efeito inexorável. Um dia é um cabelo branco, outro é um vinco de ruga, outro é o caminhar vagaroso e a voz pausada com as forças que vão se extinguindo. Nada disto é estanque e nem sabemos quando começou. Somos obrigados a nos quedar diante desse poder absoluto que remexe nossos dias e vai mudando nossa mente. E com a rotina de auroras e poentes, com as mudanças das estações que se sucedem e com o romantismo da Lua que vai brincando de encolher e crescer, vamos perdendo, sem perceber, o viço da juventude. Onde foi parar nossa mocidade? Quando foi que nosso rosto se modificou nas expressões de agora? O que contribuiu para que esses sulcos ficassem mais acentuados? Parece que o casulo do passado se abriu e nos liberou assim, distraídos, para um repentino presente. Essa transformação que nos ocorre tão certeira e definitiva foi muito bem retratada em versos pela nossa sensível Cecília:

"...Eu não dei por esta mudança
tão simples, tão certa, tão fácil.
Em que espelho ficou perdida a minha face?"

Penso que são os moinhos de vento que temos que enfrentar os responsáveis pelas nossas metamorfoses. Enquanto lutamos não vemos o efeito do vento que assopra em nossas vidas e são os impactos dele que vão tatuando suas marcas em nosso corpo e em nossa alma. Assim, nas lutas ganhas ou perdidas estão todos os nossos esforços para que a batalha final seja ganha e recompensada. Mas será que conseguiremos? Qual a melhor maneira de transitarmos por campos, de-

sertos, jardins e correntezas? Temos que, com insistência, arredarmos a cortina de cada dia para avistarmos, através de uma nova janela, uma fresta de luz que possa iluminar nosso caminho, para a conquista da felicidade, que só poderá ser encontrada naquela viagem ao interior, que ninguém poderá fazer por nós.

Em cada giro da mó
Luto com um vento gigante
Tenho que vencê-lo, só.

O que não podemos é desistir da procura, ela traz a esperança de que o alvo será encontrado. Uma força maior nos impulsiona sempre para o alto, para levantar das quedas, para ver e ouvir a natureza, a mestra de encontros perfeitos. Tudo a seu tempo, chegará quando for a sua hora, independente de nossa ansiedade ou da nossa descrença. A vida está sempre nos oferecendo novas oportunidades, basta saber reconhecê-las e abraçá-las com força e coragem, elas podem não retornar a tempo. Na correria, pare. No tumulto, silencie. No escuro, acenda a sua luz. Seguir adiante, desfazer, refazer, mas não perder a oportunidade de ser feliz. Para isso fomos criados. Buscar no amanhã aquilo que o hoje nos negou, seja por que motivo for. A necessidade fremente do coração galopa à frente dos empecilhos espinhosos e o futuro não dá nenhuma garantia antecipada de porvir melhor.

Não faz contrato o futuro
Não garante felicidade
É um túnel sempre escuro.

Amar, servir e perdoar. Tripé para a sustentação de uma vida bem vivida, o caminho certo para um desfecho coroado de glória. Alegria certa da premiação definitiva.

Não vamos entender nunca essa interrupção abrupta para a qual não estamos preparados, por mais que nos esforcemos. Nossos planos são só de vida plena, de gozos terrenos e de pensamentos fugazes. Embora tudo muito passageiro nos agarramos ao efêmero como uma ave de rapina em busca de sua presa.

Colecionamos desejos que parecem eternos e a morte chega, sorrateira e silenciosa, engolindo tudo como um furacão malvado.

E quanta coisa ficou sem fazer, quanto desejo irrealizado! O sapato novo sem uso, o curso sem terminar, a viagem programada, a formatura do filho, a reforma da casa, as contas para pagar, o trabalho estressante, o pudim na geladeira, a pasta na escova, a coleção do Fellini, os livros de poesias, o perfume francês, o dinheiro no banco, e tudo se torna nada, estáticos objetos sem dono num piscar de olhos, diante da inércia do corpo, no seu momento final. A resposta para o filho, os abraços adiados, o perdão negado, demonstrações de amor, preocupações desnecessárias, tudo ficou para trás, definitivamente.

Parece que uma linha tênue vem separar os dois planos da existência. E tudo será guardado nas gavetas do esquecimento. Tudo não, as sementes deixadas irão, com certeza, marcar em memórias amigas o bem que se fez e embalará cada lembrança. Só as obras permanecerão.

Todos os bens meus
Deixei aqui na terra
E fui morar com Deus.

E depois? O que será? Gilberto Gil em sua composição “No céu da vibração” reflete o depois, com leveza e imaginação e a magnífica interpretação de Elis Regina nos transporta para o desconhecido:

“Os homens são mortais
Todos os animais

Os vegetais também o são.
Como será
Não ser assim?
Não precisar
O começo, o meio, o fim.
A encarnação, Deus,
Como será
Não estar aqui nem lá?
E tão somente andar ao léu
No céu da vibração?

Para os olhos, fez-se a cor
Para os ouvidos, o som
Para os corações, o fogo do amor
E para os puros, o que é bom.

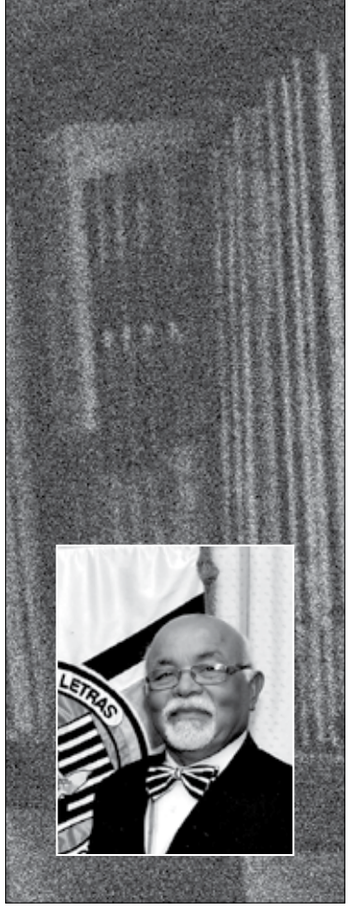
Só me resta agradecer
E aguardar a ocasião
De tão somente andar ao léu
No céu da vibração!"

Vamos, um dia, penetrar no tempo definitivo de Deus e este que vivemos agora, de tão rápido torna-se breve e nessa brevidade vamos caminhando apressados, em busca de um sentido maior, cada qual atrás da realização que sonhou e em busca da evolução da alma que é eterna. Só o íntimo de cada um poderá confirmar se a sua vida valeu a pena. Ninguém mais.

O que foi e o que será somente a Deus pertence e no fim o que vai mesmo contar será o encontro certo do Criador onipotente e misericordioso com a sua criatura despojada de todo orgulho e vaidade, depois da passagem terrena. E a grande porta Celeste se fechará e lá dentro, o desfecho será como o derradeiro verso de Fernando Pessoa, no seu poema "Quando vier a primavera":

"O que for, quando for, é que será o que é".

Eva Bueno Marques
Cadeira 26 – Cecília Meireles



João Bosco dos Santos, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 28 cujo patrono é Catulo da Paixão Cearense. Natural de Parnaíba, Piauí, reside em Santo André desde 1961. Graduado em Comunicação Social, é Mestre em Comunicação e Mercado, pela Faculdade de Comunicação Social Casper Líbero e jornalista com registro profissional no Ministério do Trabalho. Professor universitário aposentado lecionou em diversas instituições de ensino superior, em cursos de graduação e pós-graduação. Escreve desde a adolescência. Publicou os seguintes títulos: Escrevendo Mulheres, coautor de Antologia Literária, Ave de Arribação - Crônicas da Vida Real e Quejandos, Mão que Afaga, Mão que Apedreja e Despertar da Consciência., Vencedor em 1993, do IV Concurso de Contos e Poesias, promovido pela Secretaria de Cultura de São Caetano do Sul, com o poema Reflexões.

ANDANÇAS SURREAIS

João Bosco dos Santos

Quando Joãozinho, a bordo daquele ônibus, vislumbrou à distância a megalópole se descortinando a sua frente, num crepúsculo cinzento e frio, sentiu o corpo todo arrepiar e tomado de uma emoção nunca antes experimentada. São Paulo crepuscular era muito mais do que ele ouvira falar, lá na longínqua Fortaleza, de onde estava vindo. Uma visão formidável, indescritível até. Desembarcou na Estação do Norte, nome popularmente conhecido da Estação Roosevelt, no bairro do Brás. Prometeu a si mesmo que exploraria todos os cantos da grandiosa cidade, que a conheceria por dentro de suas entranhas.

Contudo, as baixas temperaturas de meio de ano, em pleno inverno paulistano, não o estimulavam a sair e perambular pela pauliceia desvairada. Decidiu que assim que a primavera desse o ar da graça não permaneceria um dia só em casa. Dito e feito! Muniu-se de um Guia da Cidade e iniciou o tão planejado périplo. Começou as andanças pelo próprio Brás. Curiosidade acentuada buscou informações sobre o porquê daquele nome. E deu de cara com um português chamado José Brás, proprietário de uma chácara na região.

— Bom dia, senhor! Que obra é essa que o senhor está construindo aqui? — perguntou-lhe.

— Bom dia, ó gajo! Estou a erigir uma igreja, em devoção ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos! — respondeu o português.

Com o passar do tempo, desenvolveu-se um povoado ao redor da igreja, dando origem ao bairro do Brás. Satisfeito com a resposta obtida, Joãozinho continuou a caminhada e, quanto mais avançava mais curioso se tornava. De repente, viu-se em meio a uma praça bem

delimitada, nas proximidades da chácara do senhor Brás. E lá estava o vereador Malaquias Rogério de Salles Guerra, comunicando a todos que aquela praça, até então conhecida como o Largo do Brás teria o seu nome alterado para "Largo da Concórdia". Aproximou-se do edil e logo foi indagando:

— Senhor Vereador, por qual razão o senhor propôs a mudança do nome do Largo?

— Bem, meu jovem, ocorre que a intenção é a de prestar uma homenagem à cidade de Concórdia, localizada na Argentina às margens do Rio Uruguai, Província de Entre Rios. Essa cidade recebeu os soldados brasileiros comandados pelo General Osório, que partiram para a Guerra do Paraguai e dela as tropas seguiram rumo ao Norte para o combate contra as forças paraguaias. Foi essa a principal razão! Puxa vida! E não é que ele estava mergulhando na história paulistana? Acreditava mesmo que uma considerável parcela da população desconhecia aquele tipo de informação. E seguiu em frente. Olhou para o lado e deparou-se com uma construção suntuosa e logo identificou ali no Largo da Concórdia, o Teatro Colombo que passou a ocupar o antigo Mercado do Brás, cujas instalações foram aproveitadas, em 1907, para a sua construção. Enquanto contemplava o prédio, Joãozinho lembrou-se de que naquele teatro o famoso cantor Francisco Alves fez sua última apresentação pública, quando cantou a canção "Caminhemos", bastante executada pelas emissoras de rádio de então;

"Não, eu não posso lembrar que te amei
Não, eu preciso esquecer que sofri
Faça de conta que o tempo passou
E que tudo entre nós terminou..."
etc.

Horas depois de ser aplaudido efusivamente pela plateia presente ao Teatro Colombo, o consagrado cantor morreria carbonizado, na Via Dutra, em Pindamonhangaba, quando seu carro, ao se chocar

com um caminhão que vinha na contramão, pegou fogo. A lembrança do episódio deixou Joãozinho taciturno. Pôs-se em marcha, cruzou os trilhos da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí e atingiu a Rua do Gasômetro. Porque esse nome? Gasômetro? Lembrou-se então de ter lido alguma coisa a respeito, tempos atrás: o Gasômetro de São Paulo era um estabelecimento que produzia e armazenava gás hidrogênio carbonado produzido a partir da queima da hulha (que vinha do Reino Unido por navio), na Casa das Retortas, próxima do gasômetro. Em pleno Século XIX, São Paulo e suas freguesias contavam com apenas 31 mil habitantes e o gasômetro abastecia apenas 700 lampiões da iluminação pública da época e 174 residências (alimentando fogões e aquecedores). Quando a rua foi iluminada por 55 lampiões acesos com o gás de hulha, na noite de 31 de março de 1872, diante da família imperial, lá estava Joãozinho frente a frente com o imperador Dom Pedro II.

— Vossa Majestade terá seu nome perpetuado nessa região!

A partir daquela data a rua passou a ser conhecida como Rua do Gasômetro. Com o passar do tempo Joãozinho observou que, durante muitos anos, mães com filhos que tinham problemas respiratórios (bronquite), costumavam levá-los até as proximidades da Rua do Gasômetro, para que inalassem o gás que era produzido, na crença de que tal prática provocaria a melhora das condições respiratórias das crianças.

Ufa! Quantas histórias interessantes estavam detrás daqueles logradouros. Mas as suas andanças estavam apenas começando e ele decidiu que não ficaria restrito ao Brás. Com passos largos cruzou um amplo espaço muito movimentado com a circulação de ônibus e pedestres num lufa-lufa interminável. Consultou o seu Guia e constatou estar em pleno Parque Dom Pedro II. Recordou-se de que ali, aquele local, era anteriormente conhecido pelo nome de Várzea do Carmo, cortada pelo Rio Tamanduateí e que durante muitos anos, as suas margens serviram como local de banho e para o trabalho das lavadeiras. Mas foi o arquiteto francês Joseph Antoine Bouvard, quem, de fato, urbanizou a área com uma grande quantidade de árvores, transformando-a num

dos mais amplos, espaçosos e importantes espaços públicos da cidade de São Paulo. Isso, lá pelos idos de 1920.

No afã de seguir a caminhada, Joãozinho resolveu subir uma rua íngreme, uma verdadeira ladeira escorregadia denominada *Ladeira do Tamanduateí*. Observou que na várzea do rio, havia um porto movimentado, para onde chegavam mercadorias vindas de Santos e que se localizava na sétima e última volta do Rio Tamanduateí: era o porto para barcas, o chamado Porto Geral. Lembrou-se, então, que a atual Ladeira Porto Geral recebeu esse nome por causa daquele porto. Isso, em meados do século XIX. Joãozinho jamais imaginara que apenderia tanto sobre a capital paulista quando ainda morava lá na distante Fortaleza. Em cada passo uma descoberta. No topo da ladeira, com o peito arfante, entrou num largo onde homens muito bem vestidos, discutiam em voz alta sobre negócios, predominantemente sobre a compra e venda de café. Aquele logradouro, rodeado por edifícios históricos tornou-se conhecido como Largo do Café, bem no coração da cidade. Na verdade, aqueles senhores sisudos, bigodudos e bonachões eram, na maioria, cafeicultores que recebiam o título de "Barão do Café" concedido pelo imperador em reconhecimento à contribuição dada por eles para o desenvolvimento do País. Entre eles estava Geraldo Ribeiro de Sousa Resende, que foi agraciado por D. Pedro II, de quem era amigo íntimo, com o título de barão de Iporanga, que a seu pedido foi modificado para barão de Geraldo de Resende, e se tornou conhecido como o Barão do Café. Pois é, Joãozinho estava diante de um dos mais emblemáticos cafeicultores paulistas. Que história! Não perdeu tempo:

— Senhor Barão Geraldo! Quer dizer que o senhor abdicou da vida política para se dedicar somente a cafeicultura?

— É verdade, meu jovem! Tomei essa decisão para me dedicar à minha fazenda Santa Genebra, afinal ela é considerada uma fazenda modelo, onde emprego toda a tecnologia conhecida para o cultivo dos cafezais!

Entretanto, parece que a coisa não andou muito bem para os lados do Barão, pois, a fazenda Santa Genebra foi hipotecada pelo Governo Estadual, e posteriormente adquirida através de leilão pelo também fazendeiro senador Luiz de Oliveira Lins Vasconcellos. Desgostoso, o Barão suicidou-se na sede da fazenda, em 1º de outubro de 1907. Segundo se soube, ele teria ingerido veneno ao ver a sua fazenda Santa Genebra ser tomada por hipoteca, para saldar dívidas contraídas. Realmente, uma história de vida que daria um bom filme — pensou Joãozinho. E seguiu em frente. Aproximando-se da hora do almoço, sentiu a barriga roncar prenunciando fome. Apressou o passo, cruzou o Viaduto do Chá, caminhou pelo Largo do Arouche e seguiu mais ainda até que atingiu a Rua Epitácio Pessoa, na Vila Buarque, onde decidiu saborear uma boa massa italiana; queria viver a experiência de conhecer a culinária mediterrânea, pois, lá em Fortaleza ele não sabia da existência de restaurante semelhante. Olhou para uma placa na fachada e leu *Cucina Italiana dal 1881*. Era tudo o que procurava. Mais por curiosidade do que por fome, perscrutou o ambiente e se sentiu maravilhado. Como pôde aquele estabelecimento sobreviver por tanto tempo? Acomodou-se e chamou o garçom:

— O que você sugere para quem nunca esteve aqui?

— Bem, trabalhamos com a cozinha *Luchese*, oriunda da região da Toscana, recomendo o *Taglioni al limone*, um prato muito requisitado pelos clientes habituais.

— Ótimo, quero experimentar! Mas de quem é aquele retrato ali na frente?

— Ah, é do fundador do restaurante, Sr. Carlos Cecchini. Ele imigrou da região de Lucca, na Toscana e veio se estabelecer em São Paulo!

— Hummm! Então o nome do estabelecimento deriva do nome do fundador, certo?

— Isso mesmo!

O Sr. Carlos foi um dos milhares de imigrantes italianos que desembarcaram no porto de Santos no final do século dezenove com a esperança de, no Brasil, encontrar uma nova maneira de serem felizes construindo algo novo.

As andanças de Joãozinho pela pauliceia deixavam-no cada vez mais entusiasmado, a cidade o encantava sobremaneira. Regressou à sua casa disposto a continuar a epopeia no dia seguinte. Até que conseguisse arrumar uma ocupação regular ele faria da peregrinação pelas ruas da cidade sua rotina diária. E assim, continuou a jornada.

— Então, aqui é o Bixiga, o famoso bairro da *italianada* paulistana? Que nome, hein? — perguntou a alguém que passava pela rua.

— Dizem que o nome é uma homenagem ao português que fundou o bairro, um homem conhecido como Antônio Bexiga, por causa de suas cicatrizes de varíola (popularmente conhecida como *bexiga*), pelos idos de 1820. Aqui nasceu a boemia paulista! Por falar nisto, olha quem vem ali: Adoniran Barbosa! — respondeu-lhe o interlocutor.

Fixou o olhar e viu o consagrado compositor trajando um paletó xadrez, gravata borboleta e com seu inseparável chapéu na cabeça.

— Ô Seu Adoniran! Sou seu fã de carteirinha. Conheço quase todas as suas músicas! "Venha ver / venha ver Eugênia / como ficou bonito / o viaduto Santa Efigênia" — cantarolou, batucando os dedos na pequena pasta que carregava.

O velho sambista deu uma risada, agradeceu a gentileza e seguiu o seu caminho. Joãozinho continuou a caminhada pelo bairro; passou na frente da emblemática e extravagante Vila Itororó, e partiu na direção da sede da escola de samba Vai-Vai, que habitualmente realiza seus ensaios pelas ruas do bairro. Como apreciador dos sambas de carnaval, decidiu conhecê-la e qual grande foi a sua surpresa ao se deparar com o Osvaldinho da Cuíca, compositor dos mais respeitados pela escola. O "velho batuqueiro", como ele próprio se intitula, e que já foi campeão do carnaval paulistano desfilando pela Vai-Vai, estava acompanhado por outro consagrado veterano sambista, Geraldo Filme, que detinha a sua admiração. Geraldo Filme, um negro forte e sempre muito elegante, de voz grave.

— Boa tarde, Seu Geraldo! Gosto muito dos seus sambas!

— É mesmo? Que bom, filho! Muito obrigado!

Antes que o compositor esboçasse qualquer reação, Joãozinho pôs-se a cantarolar:

"Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bixiga pra ver
Vai no Bixiga pra ver
Bixiga hoje é só arranha-céu
E não se vê mais a luz da lua
Mas o Vai-Vai está firme no pedaço
É tradição e o samba continua!"

Meneando a cabeça, o velho sambista fez um gesto de aprovação e sorriu satisfeito. Ali estava um jovem que apreciava suas composições. Para Joãozinho aquele foi um momento de glória e ele teria muito para contar para os seus amigos. A ida à Vai-Vai coroara o seu dia de andanças. Mas outros bairros da megalópole mereciam ser visitados e conhecidos na intimidade e já estavam escalados: as próximas andanças se dariam lá pros lados do Chora Menino e da Freguesia do Ó. Que nomes estranhos, não? Certamente, novas e surpreendentes historias aparecerão!

João Bosco dos Santos
Cadeira 28 — Catulo da Paixão Cearense

Celso de Almeida Cini, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 37 cujo patrono é Afonso Schmidt. Nascido em Santo André, em 18/10/1934, filho de Angelo Cini e Maria das Dores de Almeida. Ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco - USP em 1962. Trabalhou por cinquenta anos como advogado, em todas as modalidades: crime, trabalhista, tributário, cível, família, imobiliário, registros públicos, comercial e outros. Pós-Graduado na mesma Faculdade entre 1980 e 1984. Mestrado e Doutorado em Direito Civil. Foi e é professor de Francês no Colégio Clóvis Bevilacqua, em Santo André. Segue advogando. É igualmente tradutor de idiomas neolatinos. Publicou obra sobre Machado de Assis em 1999 pela ALGRASP. Memorialista, publicou diversos artigos nas Revistas Tamises editada pela Academia e na Raízes da Fundação Pró-Memória.

UMA PAIXÃO DO OUTRO MUNDO

Celso de Almeida Cini

"nem dizia gozar, usava ter prazer, atingir o orgasmo" in Obscenidades para uma dona-de-casa, conto de Ignácio de Loyola Brandão.

Sentado em sua confortável poltrona de leitura, ensimesmado, em seu quarto de solteiro, verdadeiro refúgio para o antigo funcionário da Secretaria da Agricultura, Teodoro de Lucca, 84 anos, a mente nem sempre clara e as memórias recentes, escuras e fugidias, recordava o velho Teodoro – tocado de repente por lembranças sensuais – passagens de paixão erótica com sua deusa, Gizelda, (ou seria Gezilda?), vivida em curto período, quando não tinha ainda quarenta anos. E cismava: – Terá acontecido mesmo? Fora *como um rio que passou em minha vida,* pensava. Mas penso que sim; lembro-me de que conheci a mãe dela: dona... dona... A mãe morrera e Gizelda mudara-se para o Ipiranga. Mas será que ela... pode ter morrido, também, tinha bem mais idade do que eu! Hum, quanto mesmo? Oh! Deus meu, minha cabeça não guarda mais nada! E, porque me lembro disso agora? É que Teodoro vinha de ler obras sensuais como as da família russa dos Borodins e contos eróticos que evocaram lembranças agradáveis de inacreditáveis venturas e desventuras amorosas de sua mocidade, jamais confiadas a seus amigos mais chegados. E adorava *viajar* naquele outro mundo...

Téo, como era conhecido em sua juventude, não tinha a imagem do homem bonitão, do galã italiano, Marcelo Mastroiani, que vivera a história d´O Belo Antonio. Seu porte não lembrava a figura máscula e

ousada do garanhão. Era até retraído, revelando um acento de timidez no olhar, sem ares de conquistador. Tinha apenas altura mediana, mas dotado de um poder de simpatia universal: riso fácil, franco e contagioso, com gestos simples e sem afetação. Não era nenhum *Don Juan de Tirso de Molina,* mas mantinha seu charme pessoal. Vestia-se bem; com traços de grande sinceridade e inspirava confiança. Letrado e autodidata, era comunicativo, falava bem e escrevia ainda melhor. Sabia conquistar simpatias femininas, mas sem exageros, nem segundas intenções. Também não era aquele fidalgo conquistador que *odiava a mulher depois de conquistada, (para quem) a conquista era tudo... o resto, quase nada,* como confessa o cardeal espanhol, Rufo, n´A Ceia dos Cardeais, de Júlio Dantas. Sempre foi sociável e altruísta. Assim, sem exibir-se, Téo admirava e amava as mulheres. Defendia-as e jamais as rejeitava. Sabia ser sensual sem demonstrar grosseria ou má formação de caráter. Era um cavalheiro, embora escondesse certa insegurança e um tom de alheamento, devido a prováveis traumas de uma infância muito pobre, embora feliz!

Nosso herói fora casado, sim. Mas, o casal não tivera filhos. E o casamento não lhe fizera bem: era-lhe hostil. Tinha uma esposa exigente, implicante, sempre de mau humor e nada carinhosa. As mútuas hostilidades domésticas eram constantes. A separação tornou-se inevitável, antes que se completassem dez anos de casados. Téo trabalhava na Secretaria da Agricultura, no setor de veterinária. A separação deixou-o frustrado, com sentimento de culpa e descrente de uniões conjugais: *casamento de papel passado não dura e a necessidade de tolerância só vai piorando as brigas*, comentava. Magoado, recolhia-se aos bastidores de sua ferida vida sentimental. Tornara-se pessimista. Precisava renovar sua fé nas mulheres.

Continuando a recordar, o provecto Téo, lembrava-se que, em certo dia de outubro de 1967, quando se dedicava com mais ardor às tarefas de seu trabalho, para esquecer seu infortúnio sentimental, eis que naquela linda e radiante manhã, toca o telefone sobre sua escrivaninha. Téo atende: — Pronto, Setor Veterinário, às suas ordens. Uma

voz feminina, muito delicada indaga: — Bom dia, poderia falar com o Dr. Nelson — Ele não chegou ainda, a senhora gostaria de deixar recado? Quem está falando? — Aqui é a Gizelda, secretaria do Dr. Filipe, do Laboratório Xavier. É sobre as vacinas para os *pintainhos de um dia* da granja do Dr. Filipe. Téo estava a par do assunto: — Ah! Sim, sim. Estão aqui, já à disposição. Reticente a voz de Gizelda, a secretária, pedia: — Olha, senhor... senhor... — Téo, dona Gizelda, completou ele, Téo, seu criado! — Puxa, é tão gentil, senhor Téo, mas é que não tenho portador. Será que existe algum modo, ...alguém que pudesse trazer-me as vacinas? Estou sozinha aqui, no Escritório do Laboratório, na Rua Castro Alves, na Aclimação, sabe? É que, na verdade, sou secretária e telefonista e... Téo a interrompe: — Bem, acho que eu mesmo posso levar. Tenho de fazer algo na cidade, hoje, e posso ir até a Aclimação, e entregar a encomenda. Certo, senhora? — Que bom, muito obrigada, viu, senhor Téo e desculpe-me o incômodo. — Ah! Por nada, senhora.

E então, naquele dia, à tardinha, Teodoro de Lucca conheceu aquele encanto de criatura perturbadoramente linda. Alta, elegante, de talhe muito fino, olhos e cabelos pretos, corpo longilíneo, escultural, coroado com o realce de seios sensuais, lindamente empinados, que se adivinhavam entremostrados através da abertura da blusa que Gizelda usava: *entreaberto o botão, entrefechada a rosa!* Soberba imagem capaz de assanhar os desejos de qualquer homem! Assim que ele entrou no recinto do escritório, viu-a, admirou-se daquela beleza, mas manteve-se discreto e perguntou: — Dona Gizelda? — Ela, sorrindo, respondeu prontamente: — Ora, porque esse *dona* Gizelda? Diga apenas Gi e já será o bastante. — Gi? Somente? — Sim, senhor Téo, se eu tiver sorte... — Está bem, está bem, mas, por favor, então esse *senhor* Téo será só para Deus do céu, pois não? — Sim, Téo! — Bem, aqui estão as vacinas encomendadas. Será bom mantê-las na geladeira, sabe, Gi? — Claro, Téo, claro. E ato contínuo, Gizelda que ocupava a cadeira da Central Telefônica, levantou-se e foi ao cômodo ao lado, guardar as vacinas na geladeira. Seu andar e sua elegância inundaram a visão do amanuense, olhos fixos naquelas ondulações e curvas cheias de graça,

sensualidade e vida. (Que idade teria?). Era linda, sim, mas dava a impressão de ser mais alta e aparentava ter alguns (poucos) anos mais do que o seu admirador. (E, notório: não mantinha aliança na mão esquerda, nem na direita!).

Ao retornar, Gizelda olhou Téo que fazia menção de despedir-se. Cumprida sua tarefa, que mais poderia prendê-lo ali? — Bem, Gizelda, creio que esteja ocupada e não quero desviá-la de seu trabalho. Ao que, ela, ainda de pé (puxa, é mesmo uns quatro dedos mais alta do que eu!), implorou — Não, por favor, Téo, fique mais um pouco, vou buscar um café para tomarmos juntos, como agradecimento. Tá? Aqui fico sempre tão só que quando vem alguém, torço para que me dê pelo menos dois dedos de prosa. A vida da gente é tão solitária... Espere, vou buscar o café. Não fuja daí, hem? — Não fujo, não.

Ela retornou, equilibrando nas mãos duas pequenas xícaras com café fumegante. Serviu-o a Teodoro, com um sorriso lindo. Tomando o café, foi ele quem quebrou o silêncio: — E faz tempo que trabalha no laboratório, Gi? — Ah! Já faz uns bons anos. É agradável, mas muito solitário. Dr. Filipe tem poucos funcionários. Todos no laboratório. O carro-chefe dos produtos dele é o conhecido Licor de Cacau Xavier, já ouviu falar? — Nossa, muito. Quem não ouviu, puxa! Sabe, continuou Téo, fiquei intrigado quando disse que as vacinas eram para os *pintainhos de um dia* da granja do doutor. Por que pintainhos? — Gizelda, algo envergonhada: — Ah! Para não falar pinto que não fica bem para uma mulher. — Ora, Gi, que é isso? Nada do que disser poderá manchar esse seu encanto muito digno de mulher. Depois, me desculpe, querida, mas pintos e pintinhos, são de uso tão corriqueiro na avicultura, que perdem essa conotação suspeita que a preocupa, não é mesmo? — Bem, é verdade. Já entendi, é isso mesmo. Foi tolice minha, sabe? Disse ela sorrindo! (E enquanto admirava aquele busto encantador, Téo pensava: o que diria ela na cama, com um homem? Diria: *Gozei!*? Ou usaria a forma pernóstica e afetada: *"Ai! tive tanto prazer ...!*).

Teodoro sentiu-se algo inferiorizado: aquela formosura sorridente, mais alta do que ele, olhando-o de cima... Mas, pensou: Puxa, como o sorriso encurta a distância entre dois seres! Gizelda simpatizara com Téo e procurava retardá-lo um pouquinho mais, falando, falando e sorrindo sempre. Criou-se, assim, a franca empatia entre ambos... Seus olhares cruzavam-se cúmplices! E o futuro relacionamento já se anunciava feliz... Ah! Quanto tempo...!

Foi pensando nessas nostálgicas e longínquas lembranças, de tantos anos passados, que o velho Téo, idoso um tanto alheado do presente, ouvira o torcer cauteloso do trinco e, a porta de seu quarto, abrir-se. Então, viu com espanto, surgir e entrar aquela figura sensual, alta, esguia, os seios empinados arfando, o rosto em fogo, tal como duas romãs ensolaradas, a emoldurar o encanto daquele sorriso maroto que ia dizendo: — Cheguei, querido, cheguei, estava roxa de saudades, meu Téo! O provecto aposentado, boquiaberto, olhos esgazeados, mas brilhantes de felicidade, respondeu: — Que bom, que bom que veio, Gi, querida, minha paixão! Depois de tantos anos de saudades! vem minha deusa, para os meus braços e abraços, para meus beijos e carinhosos desejos. Quero sentir como nunca, a mistura de nossos humores, a troca de nossos calores, a vibração de nossos sexos sedentos um do outro. Vem, Gi, vem! Vem em meu socorro para romper esta angustiosa solidão que me maltrata. Nosso leito nupcial nos espera... Gizelda, presa da urgência do amor, já quase despida, buscava a boca lânguida de Téo que desfalecia de prazer, com aquelas longas pernas que o entesouravam. Aquela *aranha, quase uma floresta negra, quente e úmida,* a roçar-lhe o sexo, rijo e represado de desejos, feroz e fogoso. Deitando-se sobre Téo, Gizelda gemia como fêmea no cio, levando ambos ao paroxismo da volúpia, há tanto reprimida. E o velho Téo se beliscava para convencer-se de que tudo era real, estava mesmo acontecendo. Gi estava ali, cálida, disposta, disponível, sua, toda sua! As lindas pernas, longas e elevadas, lhe pareciam mastros de uma jangada, na qual viajavam a delícia tropical em grande mar agitado. Téo fitava o horizonte e o infinito azul, no alto, e lhe parecia ver a grande vela branca da jangada a deixar transparecer, lá em cima, um grupo de anjos que limpavam as transparentes vidraças do céu azul que os cobria e os protegia, naquela

viagem de paixão, amor e perdição... Foram horas e horas de prolongado gozo, intenso e vibrante, até que, de repente, gritos atordoantes, interromperam aquela sequência idílica, imaginária!... A voz ardida da cuidadora, gritava nos ouvidos de Téo:

— Seu Teodoro, que é isso? seu Teodoro, me larga, soy Bepina, sua cuidadora, aqui, da Casa de Repouso. Seu Teodoro, por favor, larga-me! Vim para ajudá-lo. Estou aqui, está tudo bem agora. Calma, seu Teodoro, está tudo bem! Tremendo muito e ainda agitado, quase inteiramente nu, em sua velhice, demorava-se a recobrar a normalidade. Ele, irritado, reclamava: — Mas, onde ela está? A minha noiva, Gizelda? Para onde a senhora a mandou? Eu a quero de volta já, já, viu? E a cuidadora, dona Josefina, atônita, indagava: — Quem? Que Gizelda? Que noiva? Olha seu Teodoro, *no* havia *nadie*, ninguém *acá* com o senhor. Cheguei para cuidar das minhas obrigações, mas antes que pudesse falar-lhe o senhor me agarrou repetindo Gi, minha Gi, que *no* sei *quien* seja, e *casi* me deixa *desnuda*, numa agitação que não lhe conhecia. *Qué pasó*? Sei que não foi *sueño*, porque o senhor estava de *ojos bien* abertos, o corpo *tan* ardente, cruz credo, *me quedé* mui assustada, *Madre de Dios*!

E o pobre e envelhecido Teodoro: — Que assustada que nada! Eu estava com a minha querida noiva, minha adorada Gizelda, vivendo nosso amor no "bem bom", quando a senhora se intrometeu e depois de nos separar, mandou minha Gi embora, não sei para onde! Diabo de bruxa dos infernos! E a grande jangada? Onde foi parar? Aturdida, dona Josefina perguntava: — O quê, capeta de jangada nenhuma. Que maluquice es essa? Do que o senhor está falando, seu Teodoro? *Pienso que tenemos* de chamar el doctor neurologista. Será que o senhor está desenvolvendo o Mal de Alzheimer? Mas, o velho solitário insistia que sua querida Gizelda o visitara, para matar as saudades e dona Josefina, por ciúmes ou inveja, a expulsara. É bruxa mal-amada, nada entende das coisas do amor... Entretanto, a cuidadora, convicta da realidade que enfrentava, rebatia: — É, senhor Teodoro, eu entendo e sei que, tudo o que lhe aconteceu, são *os moinhos de vento que o senhor tem na cabeça, Verdad?* E Téo: — Sua mentirosa, fique você com os moinhos e suas queixas, e traga-me de volta Gizelda, minha deusa!

Mais tarde, após receber a aplicação de um sedativo, seguido de um longo sono restaurador, o provecto aposentado, Teodoro de Lucca, ainda intrigado com o que lhe sucedera, buscava mergulhar de volta nas memórias daquele bom tempo em que conhecera Gizelda Marchetti. Então, passados alguns dias da crise que o acometera, lembrou-se de que, depois dos primeiros contatos, ambos passaram a telefonar-se, com frequência. De certa feita, Gizelda convidara Téo para passar umas horas no fim da tarde, no Parque da Aclimação, onde se encontraram para melhor se conhecerem. À beira do lago, Gizelda contou-lhe que morava com a mãe, dona Albertina Marchetti, viúva, num apartamento de edifício com frente para a Praça João Mendes. Depois de vários encontros, Gizelda convidou Téo para almoçar em seu apartamento e conhecer pessoalmente sua mãe. Dona Albertina encantou-se com a pessoa de Téo. A confiança que ele inspirava, permitiu a ela contar-lhe particularidades da vida da filha, como a dos fabricantes de manequins que procuraram Gizelda oferecendo-lhe um contrato de modelo. Estavam interessados no formato ideal de seus belos e empinados seios, para a criação de manequins destinados à divulgação e publicidade de *soutien*s de marcas famosas. Mas, Gizelda só aceitaria se a mãe a autorizasse. E dona Albertina, muito conservadora, não concordou com as propostas: — Minha filha não vai expor-se, seminua, para esses malandros da propaganda de manequins!

Depois do almoço em companhia de Gizelda e de sua mãe, dona Albertina recolheu-se para sua habitual sesta diária, deixando o caminho livre para os namorados. E foi nessa tarde, no quarto tranquilo de Gizelda o início do romance íntimo, que evoluiu dos carinhosos e inocentes beijos e carícias, ao relacionamento sexual apaixonado, voraz e urgente, tornando-se frequente. Essa paixão impetuosa mexeu com a cabeça de Téo. Finalmente, a felicidade sentimental lhe sorria!

Entretanto, certa tarde, depois dos naturais arroubos amorosos, quando tudo indicava que nada poderia perturbar a paz daquele amor,

antes das despedidas, ainda no quarto, Téo viu o documento de identidade de Gizelda, deixado involuntariamente sobre o criado mudo, enquanto ela permanecia no banho. Ao lê-lo, Téo constatou admirado que sua amada nascera em 11 de dezembro de 1916! Como era novembro de 1967, Gizelda completaria, no mês seguinte, daquele ano, 51 anos de idade, enquanto Téo contava 33! Gizelda era dezoito anos mais velha do que Téo! Saltou, então, daquela leitura, um pensamento ruim que se intrometeu entre eles (Gi tinha idade para ser sua mãe?!). Isto poderia provocar um óbice psicológico inesperado? Nada havia de errado com Gizelda. Era uma mulher livre, honesta, muito bonita, delicada, carinhosa e tão ardente! Tudo nela era jovial. E que mulher! No entanto, aquele motivo espinhoso, provocou-lhe uma *nóia:* uma nolição, isto é, um *ato de não querer* que, fatalmente, ameaçaria a normalidade do romance, amor que tão apaixonado se iniciara com tanto calor humano e tanta dignidade pessoal de ambas as partes. Na hora, Téo não lhe emprestou maior importância. Que mal isso poderia causar a ambos? Nonada! Tudo passaria. Téo nunca deixou que Gizelda soubesse daquela particularidade. Jamais tocou no assunto. Mas, a intuição feminina tem o dom de um sexto sentido que é o conhecimento espontâneo, o pressentimento da verdade, alertando-a para aquela circunstância.

Então, numa tarde em que os amantes estiveram em outro apartamento, no mesmo prédio, mas dois andares abaixo do lar de Gizelda, que para ali decidira ir evitando a proximidade da mãe nos encontros com Téo. Era um escrúpulo pessoal dela. Téo desconhecia o novo local. De repente, logo nos primeiros contatos, Gizelda sentiu uma frieza incomum em seu amado. A desagradável surpresa angustiou-a: — Ai, o que foi, querido? Sou eu? Téo, querido, sou eu? Ele, sentindo falhar-lhe a libido, procurou acalmá-la: — Não, meu bem, não é! Sou eu mesmo. Senti-me, de repente, inseguro neste novo Apartamento. Só isto! Calma, querida, vai passar, calma! Mas não passou. A verdade é que aquele espinho psicológico o agredira, criando uma espécie de rejeição. Momentânea? Tratava-se de uma pseudofobia de caráter reverencial. A posse daquela deusa do sexo, agora, ia se tornando *proibida*! Em lugar

do desejo ardente, despertado pelo forte apelo sexual, à vista daquela insinuante nudez feminina, provocou-lhe, então, uma reprovação de caráter psíquico: a libido de Téo bloqueara-se e a presença de Gizelda, agora, já não lhe parecia o corpo desejável, mas sim a imagem de *uma* irmã *mais velha!* O desejo sexual esfriou e cedeu lugar a uma pseudofobia: o *espinho psíquico* o desencorajava, como se a posse, antes tão desejada, lhe sugerisse, agora, a prática criminosa de um incesto! E, o inevitável distanciamento, fez ruir aquele monumento de paixão!

Outros fatores encarregaram-se de dificultar os encontros. A Secretaria mudara-se para o Jardim São Luiz, no caminho de Itapecerica da Serra. Téo mudara-se para perto do órgão público, o que impedia os amantes de se verem com frequência, como antes. Com as ausências e o passar do tempo, o distanciamento os afastou ainda mais. Longe dos olhos... Alguns anos depois, Téo ficara sabendo que dona Albertina, mãe de Gizelda, falecera. Gizelda vendera, depois, o apartamento em que moravam e fora viver em companhia de um irmão, mais moço, num apartamento da Rua Lava-pés. Aposentada, Gizelda deixara o emprego no Laboratório.

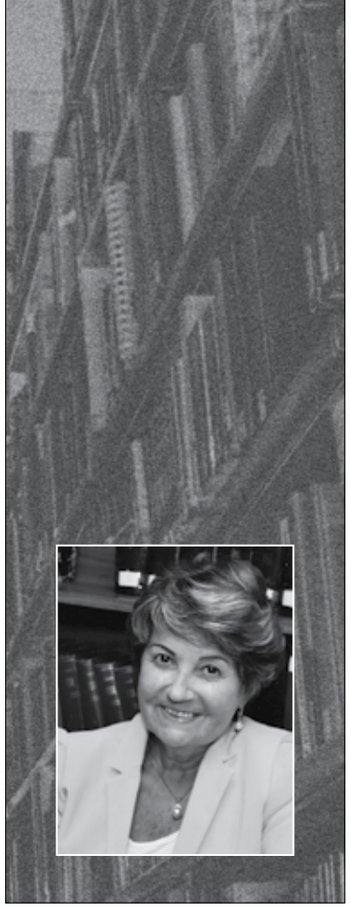
Certo dia da primavera de 1984, trabalhando no centro da cidade, Téo decidiu ir até o endereço da Rua Lava-pés, sem avisar. Lá, reencontrou-se com Gizelda e seus 68 anos de idade. Téo alcançara os 50!. Ela ainda estava linda, sua beleza se mantinha, não murchara! E, com o reencontro, mostrava-se emocionada, os olhos brilhantes da surpresa. Falaram-se pouco sem intimidades e na presença do irmão dela. A forte comoção atingiu a ambos, mas havia muita gente, e crianças, no apartamento, impedindo o colóquio mais íntimo. Quando ele decidiu despedir-se, Gizelda o acompanhou. Iam sós, a caminho do elevador. Num arroubo, ela atirou-se nos braços de Téo, cobrindo-o de beijos e de lágrimas saudosas. O apelo das fortes lembranças os envolveu, ali mesmo, permanecendo abraçados por muito tempo. No elevador, trocaram muitos beijos. Mas, foi a última vez que se viram... Infelizmente, nada é para sempre!

E os anos voaram. Muito tempo decorrera desde aquele telefone-

ma de Gizelda a procura das vacinas para os *pintainhos,* e seus incríveis desdobramentos. Cerca de meio século, 50 anos! Téo envelhecera e, sendo só na vida, decidira residir numa casa de repouso, ou asilo para idosos, em 2017, ao atingir seus 83 anos, pagando com seus proventos de aposentado. E, num quarto de solteiro, só para ele, nunca mais esqueceria aquela paixão que, volta e meia, retornava, insistindo em atormentá-lo, com a imagem verdadeira (ou seria espiritual?) da deusa de sua paixão, reaparecendo para visitar com frequência o seu imaginário e causar estragos à sua mente e ao seu coração. Mas Téo adora essas lembranças. Vive delas, com elas e para elas. Gizelda, certamente, terá falecido, antes do seu centenário de aniversário, em 11 de dezembro de 2016! Para ele, porém, ela vive! E, hoje, se Téo ainda mantém tais *moinhos de vento em sua mente,* certamente não deseja livrar-se deles. São seus únicos meios de contatar e ligar-se à antiga paixão de sua vida, à qual procura prender-se, para toda a eternidade!

Celso de Almeida Cini

Cadeira 37 – Afonso Schmidt



Maria do Céu Formiga de Oliveira, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 38 cujo patrono é Mario Quintana. Graduada em Psicologia, pós-graduada em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica, e mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de Ensino Superior. Também é escritora, além de atuar nas artes plásticas com pintura em aquarela. Na área acadêmica, como professora universitária fez parte do corpo docente da Universidade Metodista. Na Faculdade de Belas Artes, ministrando as disciplinas: Psicologia da Arte, Psicologia da Comunicação e Criatividade. Autora dos livros :Visões de um ante herói; Trajetória do Silencio; Primeiro Pôr-do-Sol; Remanso e Outros Recantos; Um Piscar do Infinito; Delicadezas. Participação nas coletâneas: Terapeutas na Cozinha; Noi, Donne –Sfide e Conquiste dei Nuovi Tempi; Women´s – in the World e O Que Dela Trago em Mim.

SOB O EFEITO DO ENCANTO DE PROVENCE E SUAS DELICADEZAS

Maria do Céu Formiga de Oliveira

O vento Mistral desalinhando irresponsavelmente meus cabelos e o Sol brando aquecendo meu corpo cheio de flores na lapela sinalizam o verão mediterrâneo e um sonho guardado entre aqueles fascínios que alimentam dias tão distantes daquela luz que tanto moveu Van Gogh e Cezanne a pintar o inesquecível.

Viajo e regrido... viro uma adolescente alumbrada, tomada pela paixão, sentimento de alta temperatura que suprime certezas sem sabor, como a finitude da vida e suas indesejáveis despedidas...

Mas em Provence, a vida não se esvai e na época da floração, o tempo não para e a eternidade se instala entre aromas, tons e um mundo de vicissitudes desconhecidas mas, muito desejadas. O auge da floração convoca a decodificar temores em esperança e inquietude em tempos mais ternos, mais tenros, mais azulados.

Tudo nesse espaço tem a leveza de um *crème Brülée* e o aconchego de um piscar do infinito.

Diz a teologia que Deus criou o homem e descansou, deu por encerrada sua ação, havia produzido sua obra prima. Com o direito que a liberdade poética me confere, acrescento mais um capítulo. Penso que Deus descansou e quando acordou refletiu que esse ser humano idealizado com tanto carinho, iria precisar de um perfume que O lembrasse com perfeição e assim, levantou-se e foi caminhando e por onde seus pés pisavam, lavandas e mais lavandas foram brotando com muita sutileza e o paraíso ficou perfeito. Por isso toda vez que em Provence

começa o verão, os campos reeditam esse sopro que vem do céu e em memória ao seu Criador, qualquer coração sensível reverencia o mistério, o numinoso e a transcendência se instala, se esparrama.

Ah! O paraíso fica no *Plateau de Valensole* campos abertos, sem cercas, sem grades com florações distintas, flores de um lilás mais intenso, outras mais azuladas, outras ainda teimando em serem cor-de-rosa... lavandas, lavandins e raras papoulas fazendo graça aqui e acolá, fruto de sutis vacilos de uma semeadura cheia de boas intenções.

O que colhi nesses campos não cabe em vasos. Cabe em altares.

Embora seja sabido que o que nos move não é o que temos mas, o que ainda não temos e que depois que conquistamos o risco de perder a graça é altíssimo, não tenho dúvidas de que não precisarei de exercício diário para fazer a manutenção dessa conquista já alavancada pelo desejo... com certeza vai continuar me alcançando como a alegria de cada amanhecer que acontece sempre nobre independente da insônia do sonhador.

Quando se viaja com o coração exposto, privilegiando cada um dos nossos sentidos, tudo o que se vê adormece tranquilamente em um poema e pode ser eternizado. Meus pés pequenos e cheios de histórias, me permitiram albergar a liberdade e me manter com as portas abertas, sem senhas, sem códigos. Pronta para o encanto escondido em cada esquina.

Transitei por Avignon ao lado de suas muralhas da época romana, pela ponte banhada pelo Rio Ródano e pela grandeza da praça do relógio onde o Festival da Arte se espalhando feito painas ao vento, permitiu que eu fincasse minha pose com uma de minhas aquarelas que expõe minha infância sem retoque, indefesa e cheia de cachos e rendas que nomeei de *Inocência silenciosa*.

Em Saint Remy, reduto de artistas e palco de um dos mais delicados capítulos da vida de Vincent Van Gogh — claustro da sua loucura criativa, caminhei me deparando com gatinhos tomando sol na janela entre vasos de flores delicadamente colocados em seus batentes. À sombra das árvores de uma simpática praça, uma pausa, uma trégua

para tanta vida pulsando e para a próxima empreitada: um giro generoso de bicicleta pelas paisagens de Alpilles.

Não há possibilidade de tradução passear pelas vilas medievais construídas como um ninho sobre Le Baux en Provence, nem quando se entra num antiga mina de extração de bauxita e calcário situada no Vale do Inferno transformada nos famosos Carrières de Lumière onde um show multimídia, em todos os cantinhos das cavernas rochosas convocam a um tempo secreto sustentado por estrelas.

Nem Arles, com seu passado cultural por ter sida capital romana e centro religioso durante um passado remoto, além de ser a casa de Van Gogh por alguns anos, nem Luberon, região cênica, palco do famoso *best seller* "Um ano em Provence", nem Gordes, vila pitoresca construída em um promontório íngreme que acolhe a Abadia de Senanque, construída no século XII, abraçada por insondáveis campos de lavanda, asseguro, nada, nenhum cantinho tem espaço para o esquecimento, nada mesmo, só para o incansável deleite.

Essa insinuação da vida a ponto de transbordar me presenteou com parcerias que foram enobrecendo ainda mais essa estadia, pelo sonho que reproduzi em inúmeras telas e que agora, foram se tornando realidade. Parcerias com as quais andei de caiaque na Fontaine de Vaucluse e vivi aula de culinária provençal numa fazenda, retirando vegetais frescos da terra e almoçando o que havíamos cozinhado.

Em Aix en Provence, berço de um dos maiores nomes da pintura, Paul Cezanne, saboreamos frutas na feira livre, rimos com os exóticos legumes, temperos, queijos e nos empanturramos de *Calissons*, um doce sedutor e gostoso de ser oferecido. Em Cassis, antigo porto pesqueiro, combinação entre cidade provençal com suas construções coladinhas umas às outras e cidade litorânea com o mediterrâneo que encanta com seus tons de azul que confundem o céu no horizonte, que clama pela inocência de uma contemplação, fizemos um passeio de barco pousando nosso olhar nas falésias e suas pequenas enseadas de águas límpidas...

E o infinito continuou nos acompanhando em Moustier Sainte Marie, cidadezinha instalada entre campos de um lilás suave feito brisa

e os desfiladeiros do Rio Verdon que alimentam o belo lago de Sainte Croix. Sem exaustão alguma esse infinito continuou nos acompanhando pelas pedras e escarpas, grutas onde os monges instalaram o monastério (*moustier*) enchendo nossos olhos de um pôr-do-sol silencioso e soberano.

E em Marseille, cidade mais antiga de toda a França, com vinte e seis séculos de história, ao ouvir monges beneditinos louvando a Deus na Catedral de Sainte Marie Marjuère, não aguentei e chorei pela necessidade de encostar pelo menos o dedo mindinho no delicado rosto de Deus... e a humildade desse desejo promoveu nosso encontro. Um milagre, eu e Ele em meu secreto jardim.

Nenhuma travessia por mais encantadora que fosse, poderia ter cumprido o seu papel, se não fosse mediada pela companhia daqueles que em nós, esbarram e se tornam amigos. Pessoas que acessam o âmago de nossa verdade pessoal e o nosso avesso e que, sem solicitar, nos entregamos no meio dos castelos que entramos, das histórias seculares que descobrimos, das subidas pelas ruelas cheias de flores pelas quais nos cansamos, depois em bistrôs, ao sabor de um espumante, matamos nossa sede.

Nenhuma travessia viria com o cheirinho do infinito, se não nos permitíssemos o carinho que o outro nos dispensa e nos faz recordar que os primeiros passos que damos só ocorrem quando os braços que se estendem (por serem amorosos), vêm com a dose necessária de coragem sem a qual continuaríamos engatinhando.

Os vínculos sinceros ajudam a lembrar quem somos e nos dá suporte para continuarmos sendo o que somos.

Em Provence fiz amigos que ficarão em minha pele como o perfume suave de mudas de mirra. Ficarão como a plenitude do êxtase quando avistei o casebre de pedra absolutamente afogado e afofado pelos campos da lavanda cálidos em sua celebração à vida.

Amigos vindos de alguma quina do céu que aninhamos graciosamente, talvez não saibam o quanto nos libertam de velhos cativeiros vindos em nome de desejos que inventamos sentir, de clausuras construídas por lutos que levaram o que não deveriam e permitimos por culpa, entre outras tantas pequenas e torpes ousadias.

Talvez não saibam o quanto cauterizam os restos de mundo que nos acompanham em nossos equívocos.

O vento Mistral, desalinhando irresponsavelmente meus cabelos e aquecendo meu corpo cheio de flores na lapela em pleno verão mediterrâneo, me presenteou não só com a realização de um sonho que até então existia apenas nas minhas telas e aquarelas mas, com encontros que suturaram minha alma ferida...

Sei que os campos de lavanda continuarão crescendo e aparecendo como Deus no sótão onde abrigo o íntimo de mim que desconheço. Assim como sei que os amigos continuarão como as folhas secas que, caindo solenemente de uma árvore, fazem cócegas na minha história quando eu, silenciosa e sorrateira, passar abraçada ao exercício do fascínio.

Eu voltei, mas voltei diferente.

Voltei exalando o perfume que me lembra com que perfeição fui sonhada...

Maria do Céu Formiga de Oliveira
Cadeira 38 – Mário Quintana

Poesias

Sebastião Geraldo Ferreira Gomes, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 01, cujo patrono Gustavo Teixeira. É advogado, escritor, poeta e compositor. É também funcionário público da Prefeitura Municipal de Santo André. Nascido em Santos Dumont, Minas Gerais, em 1947, é o terceiro de uma família de doze irmãos. Aprendeu as primeiras letras em sua cidade natal, completando a sua educação em Barbacena, Minas Gerais, no Colégio Agrícola Diaulas Abreu. Posteriormente, mudou-se para a região do ABC Paulista, com toda a sua família, radicando-se em Santo André, São Paulo. Cursou Direito em São Bernardo do Campo, São Paulo.

O BAÚ DO VELHO

Sebastião Gomes

Encontrei, certa vez,
escondido ou guardado,
uma caixa que, talvez,
fosse apenas um achado.
Tão velha e tão pesada
poderia esconder
segredos de uma estada
de piratas a beber.
Ali no porto velho,
onde cada um fede a vinho,
descobri um escaravelho
ainda cheirando a ninho.
Isso tudo, entendido,
antes de abrir a caixa!
E do lado, estendido,
um pé de cabra que abaixa.

E para ser mais preciso
a parte mais rebaixada
configurava um aviso
sob a forma de uma enxada.
Será que deverei cavar?
Ou será que não poderei?
A dúvida passou a dar
alguma coisa que não direi!
Não por surpresas temer,
mas me resguardar do não dito!
Pois sei que se o mal aparecer
a única arma será o grito.
Bem sei que tudo na vida
só conheceremos depois
de acontecer a subida
de uma descida a dois.
É claro, pois o futuro
sabemos, pertence a Deus!
E para não parecer duro
relaxo os punhos meus.
Ainda sem me decidir
procurei me acalmar um pouco!
Era necessário não abrir,
pois é claro não sou louco.
Não abrir o baú antes de saber
ou de, pelo menos, estudar
o mistério que poderia ser
uma estrela a brilhar.
Brilho falso a olho nu?

Um tesouro a descobrir?
Sarará, sururu, cururu!
Será mesmo que vou sorrir?
Sei lá, pois o ontem já passou
e será que o hoje vem?
Se o pássaro voou
é porque nada o detém!
Ovo abandonado sente frio?
Que pergunta idiota, Mané
conserve o seu brio.
Meia suja e molhada dá chulé!
Acho que eu não seria pirata,
pois o mar não é minha praia!
Porém eu gosto de ouro e prata
e daquelas donzelas de saia.
Quem sabe esse baú pesado
guarda um tesouro pirata
daquele bem recheado
com diamantes em cascata?
Esse pensamento me empolga
e é por isso que vou abri-lo!
Cabe no meu bolso com folga
e com esse saco vou cobri-lo.
Não quero que ninguém veja
vou gastá-lo com certeza
bebendo vinhos e cerveja
curtindo os brilhos da riqueza!
Será que preciso de ajuda?
Não, eu faço tudo sozinho

vou manter minha boca muda
e me fingir de bonzinho.
Só eu mereço gastar o ouro
pois a sorte veio pra mim.
Sorte que eu sou louro,
forte e tenho dentes de marfim.
Já pensei demais, falei demais
agora vou agir creio eu!
Vou usar a força e muito mais,
pois tenho cabeça, seu Jumeu.
O que é que há, por que não vou?
Minha perna pesou, meu pé doeu?
Minha vontade não me levou?
Ora não é nada, meu braço moveu!
Que calor é esse que faz agora?
De onde vem, será da caixa?
Nada, acho que vem lá de fora
mas se nada entra, nada encaixa?
Antes de qualquer ação
vou testar meus reflexos!
Pode ser que receba um safanão
de qualquer dos sexos.
Homem ou mulher eu sei lá?
Surpresa é surpresa.
Preparado sempre está
quem não quer ser presa.
Mas isso não me cheira bem
talvez seja um morcego!
Será que é daí que vem

pra me tirar o sossego?
Não pode ser, não sinto medo,
sou um cara corajoso!
Durmo bem, acordo cedo
e nem sou invejoso.
O que faço aqui parado
só falando e pensando?
Vou abrir o baú pesado
e achar o que estou procurando.
Eu vou pegar tudo,
tudo o que lá encontrar,
pois sou o cara mais sortudo
e rico quero ficar.
Uso a enxada ou pé de cabra?
Tanto faz vou cavar
e quando eu gritar abracadabra
achei o que estava a procurar.
Enxada pesada, caramba!
Terra dura puxa vida!
Sei que isso vai dar samba
mas nada que me intimida.
Será que posso começar?
Se depender de mim!?...
Mas como vou iniciar?
Assim, assim ou assim?
Será que meu avô vai gostar?
Se ele foi pirata é destemido!
Não tinha medo do mar
e por todos era temido.

Navegava ao sabor das ondas,
não temia tempestade!
Vivia das suas milongas,
em alto mar era Majestade!
Não tinha medo de cara feia
e de sua espada não separava!
Tinha uma faca em sua meia,
outra na cintura carregava.
Também tinha uma pistola
roubada de um tenente,
Oficial da marinha Espanhola,
cabra que se dizia valente.
Mas um pirata que se preza
não deixa inimigo vivo!
Não obedecia à realeza,
pois era Rei do mar ativo.
Aposentou-se como capitão
da Marinha Real.
Casou-se com um mulherão,
minha avó, doce e leal!
Por que meu pai não foi pirata?
Talvez por mera escolha,
ou lhe faltou fragata!
Ou porque era um bolha!
Nada disso, ele estudou
e se tornou um deputado.
Foi presidente e comandou
um congresso bem safado.
Meu avô ficou nervoso

quando lhe perguntaram
por que meu pai não foi brioso
como seu pai que amavam.
Meu filho não será pirata
será um descobridor
de riquezas, de ouro e prata
e viverá de amor.
Puxa vida, mas esse sou eu!
Que será que meu pai programou?
Esse baú será meu
com tudo o que ele deixou?
Por que não abro, então?
Eu sou forte, não tenho medo...
Sou um cabra valentão!
E tudo isso é meu, assim creio!
E vou pegar tudo sozinho
não quero ninguém no meio
para dividir o meu dotezinho.
Onde vai ser a primeira pancada?
Ali naquela ponta?
Não, pode ser na outra beirada!
Só penso em minha conta!
Carteira bem recheada!
Banco com milhões pra gastar.
Meu velho que coisa boa,
que maravilhoso é torrar,
só espero que não destoa!
Nos golpes do meu machado!
Que machado, se só enxada tenho?

Cale a boca danado.
Ora sou só eu nesse empenho.
É verdade foi só um detalhe.
Mas não fique triste,
Vai fundo, trabalhe,
plante goiaba, milho, alpiste!
Será que esse pirata danado
gostava de alguma canção?
É claro a do velho soldado
que carregava a sua paixão.
Mas por que não estou abrindo
esse velho baú bonitão?
É bonito mesmo, que lindo!
E está lotadão.
As mulheres vão me adorar,
sei que de pérolas elas gostam.
Eu vou poder adornar
aquelas que em mim já se encostam.
Belas mulheres, grandes desejos
que no meu peito ecoam.
Serei feliz como os percevejos
que creio, canções entoam?
Claro que sim, por que não?
Eu tenho tudo e sou bonito,
vou ficar rico e ser Capitão.
Creio que sou bendito!
O quê, ser pirata como meu avô?
Desconjuro, barco não vou comprar
e nem quero ser pivô

de um conflito em alto mar.
Não quero ser Capitão de Fragata
lutar nas ondas de um mar bravio!
Não nasci para ser pirata,
mas que diabo faço neste navio?
Navio, eu disse isso?
Se eu nem gosto de praia!
Será que eu vou ter compromisso
pra não fugir da raia?
Acho que não vou abrir essa caixa!
Ela tem um cheiro estranho,
um santo que em mim baixa
precisando de um banho.
Eu tô sujo ou cheiroso?
Já nem sei, tá limpa a minha calça.
Então eu estou nervoso?
Pode ser, mas que quer que eu faça?
Um som melodioso?
De que jeito eu faço
se nem sou harmonioso
e nem tenho compasso!
Utilize o seu braço.
Se nem tenho instrumento musical?
Mas posso usar machado de aço,
madeira, enxada, etc. e tal.
É isso aí, que mal há?
Vou batendo o meu sambinha,
gosto desse lá, lá, lá,
samba, samba queridinha.

O quê, ouvi algo?
Será que ouvi demais?
Gostaram do samba do Fidalgo,
só pode ser por esses ais!
Ai, ai falaram isso?
Acho que não ouvi bem!
Eu não vou pensar mais nisso
e nem naquilo também.
Mas eu vou pensar em quê,
se é que devo pensar?
Na riqueza que me vê
com dinheiro a gastar?
Pode ser, porque não?
Se eu abrir isso, tudo é meu!
E ninguém mete a mão
Sacou, seu judeu?
Lá, lá, lá, lá, lá, ri
Lá, ri, ri, lá, lá, lá.
O baú respondeu aqui,
ali, lá ou acolá?
Silêncio por favor.
Eu disse isso ou não?
E esse tremor?
Parece mais assombração!
Não vejo nada
e nada sinto a me tocar!
Só há teia rendada
de aranha ou de pescar?
Se é pirata vive no mar,

pega peixe pra comer,
bebe vinho a gargalhar
e a tudo quer vencer.
E se pirata não for?
O que poderá ser?
Um corvo voador
ou um bode a feder?
Sei lá o que se passa aqui,
tudo é muito estranho!
Parece coisa que já vi
e se for bom eu ganho.
Quem pode me ajudar,
tô num mato sem cachorro?
Não sei, mas vou lutar
ou, então, peço socorro.
Mas o que faço aqui?
Como aqui cheguei?
Patatí, patatí, patatí
será que empolguei?
Nada, é apenas desabafo.
Eu sei o que faço,
pois já sinto o bafo.
Bafo do meu cansaço?
Acho que alguma coisa eu sinto
ou será que é mero desgaste?
Pode ser, pois pra mim não minto,
espero que nada me afaste!
Daqui não quero sair
sem antes pegar meu troféu.

E se a noite cair?
Pouco me importa, tenho chapéu!
Chapéu protege o quê?
Sei lá, piolho talvez!
Brincar com verdade,
o que, você fez?
Quem disse isso?
Eu não fui com certeza.
Fui eu dentro disso,
não sentiu firmeza?
Ma, ma, mas eu só
pá, pá, passei aqui a toa.
Então saia, tenha dó.
Já, já, não enjoa.
Só posso pensar,
fiquei mudo.
Não posso falar,
mas entendo tudo.
Não posso me mover,
as minhas forças, perdi!
E agora o que fazer,
se tudo já senti?
Será que isso é medo?
E como sair daqui?
Chamando o Alfredo?
Não conheço, nunca vi.
Quem sabe o Zé?
Mas se nem abro a boca,
nem alcanço meu boné!

Que boné, sua louca?
Já não me entendo,
não sei o que falo!
É sonho que estou tendo?
Não sei, eu me calo!
Agora eu vou pensar,
vou fechar os olhos também.
Mas não querem fechar
e aqui não há ninguém?
Quem me fez isso,
paralisou meus olhos?
Será feitiço,
Mal dos Cabrólhos?
E meus ouvidos
será que ouvem gritos?
Ou apenas zumbidos,
ou passos de cabritos?
Já nem sei dizer,
se sou feliz ou não!
E se eu não quiser?
Dane-se a canção!
Ah meu pai, meu santo
tire-me daqui, lhe peço!
Vai desabar meu pranto.
Vou cair se tropeço!
Peraí, quem me chamou?
Ouvi meu nome?
Não sei, parou,
mas se é bicho me come!

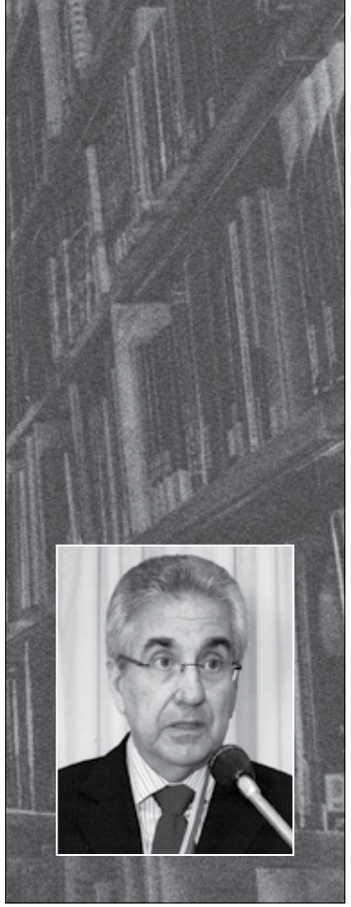
Bicho aqui, essa hora?
Pode ser ou não!
Se tava aqui foi embora
ou era ladrão!
Ladrão, se nada vi?
Ou, então, me engano?
Até meu avô sorri,
mas de que, do cano?
Que cano vovô?
Vovô, falei isso!?
O que é isso, cocô?
Nossa mãe, é feitiço!...
Será que tô louco?
Na minha idade?
Mas espere um pouco
isso é verdade?
Não sei mais o que pensar,
nem o que dizer!
Não posso falar!
E agora o que fazer?
Acho que vou embora,
vou sair de fininho!
E vai ser agora
e bem devagarinho.
Alto lá, bonitão!
Por que sair agora?
Nem me cantou uma canção,
mas cante antes de ir embora.
Como responder a isso

se nem a boca abro?
Sou um pirata sei disso
vivo num mundo macabro.
O que é isso fedelho,
seu pai lhe ensinou besteira?
Vou lhe enfiar o relho
lhe deixar na marinha costeira.
Não fique parado aí,
me tire daqui depressa.
Tá pensando o que, guri?
Já vou vovô, um minuto.
É só me livrar do peso.
Sua ordem eu não discuto,
mas aqui estou preso.
Preso, mas escuto.
Maldito covarde fedido!
Saia, mala sem alça,
não deixe o barco entupido.
Lave a sua calça.
Mas como sair daqui?
Se vire marinheiro frouxo,
vá comer caqui,
já tô ficando roxo.
Mas é roxo de raiva,
me tira logo dessa caixa,
seu Zé de Paiva,
ou, então, vai ter baixa.
Calma seu, seu....
Seu Cabral, ingrato!

Não reconhece o que é meu?
E ainda cospe no prato!...
Vou lhe deserdar,
não vou lhe dar o meu ouro.
Você nunca vai levar
o meu tesouro.
Por favor senhor pirata,
ou melhor senhor Cabral
me dá, então, a prata
assim fica mais natural.
Vou lhe dar uma espada
de ouro, prata, ou cravejada.
Mas suba na escada
mesmo se estiver quebrada.
Se cair não lhe dou nada,
se subir vai, então, me ver.
Quer tentar essa empreitada?
Ou vai se borrar, se feder!
Quero ir embora vovô,
por favor me liberte.
Limpe logo esse cocô
e não me aperte.
Mas estou tão longe
e nem consigo me mover.
Chame algum monge
e se ponha a correr.
Graças a Deus saí do encosto,
vou me mandar!
Não quero saber de entreposto,

consegui me libertar!
Não quero mais saber
de tesouro, pirata, urubu!
Eu vou é correr!...
Adeus Velho do Baú.

Sebastião Gomes
Cadeira 01 – Gustavo Teixeira



Jose Roberto Espíndola Xavier, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo onde ocupa a Cadeira 24 cujo patrono é Alberto de Oliveira. Casado com Sonia Maria Franco Xavier e pai de Gustavo, Luciano e José Roberto. Médico pela Faculdade de Medicina da USP, campus de Ribeirão Preto, com especialização em Cirurgia Geral e do Aparelho Digestivo. Pós-graduado em Medicina do Trabalho. Membro da Sociedade Brasileira de Coloproctologia. Sócio Presidente da Associação Paulista de Medicina, Regional de São Caetano do Sul , médico cirurgião do aparelho digestivo do Hospital São Caetano por 35 anos. Curador da Fundação das Artes; Patrono Fundador das Artes de São Caetano do Sul. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE). Membro da Academia Brasileira Maçônica de Artes Ciências e Letras. Autor dos livros de poesias Meu Século e Voyeur.

O MÉDICO E A MORTE

José Roberto Xavier

De repente, o insofismável!
O soturno silêncio,
A escuridão, a cegueira.
Apagaram-se os astros,
Extinguiram-se os sóis
No teu atro firmamento.
Envolve-te o infinito nada!
Estás só!
Só qual um náufrago
Só, tal quando,
No recôndito do ventre,
Cobria-te o âmnio!

A sáxea mesa que te apara
Não a tens dura nem fria,
A mortalha que te cobre
A carne cerúlea
Não te asfixia!
Nada sentes;
Deixou-te a anima.
Rijo, inerte, jazes
Vazio de sentidos e razões.

Não te expressas.
Não és!

A gênese que te emprestou
Esse corpo agora inerme
Reclama-o às origens telúricas.
Habitat de cósmico ator
Dos palcos da vida
Serviu-te ao ódio e ao amor,
Ao perdão e à vingança,
Ao prazer e à dor.
Serviu-te, ainda,
De herói ou de vilão
No drama que se finda!

Putrefata degradação da matéria
Serás apenas alimento
Dos vermes e das moneras,
Do hórrido exército das bactérias
Que proliferam nas entranhas
E te desintegram aos elementos...

Nos restos que se farão pó
Não perpetuarás o abstrato.
Etéreos são os sentimentos
E todos nossos atos,
Dos mais nobres aos mais vis
Não se fixam nos átomos,
Apenas nas mentes que têm

Por ti saudades ou vezo,
Por efêmeros anos além,
Com carinho ou desprezo...

Ousas-te a morte, revel
À ciência de que me envaideço
Ao domínio de artefatos e drogas
Afeitos à arte que exerço.

Tampouco a destreza,
Em exímios cortes e costuras
Destas mãos que empunham
Bisturis tesouras e agulhas,
Foi de suficiente mestria
Para reter no seu âmago
A essência que se esvaía.

Ousaste a morte
E deste por inaptos
Em acintoso afronte
Os prodígios de Esculápio
Que, ante o inexorável, insontes,
Despem-se uma vez mais
Da proterva onipotência
E com humilde consciência
Reverenciam em teu cadáver,
Na pequenez de meros mortais,
O milagre da própria existência...

VOYEUR

Pela janela do mundo
Vão-se os tentáculos dos sentidos.
Sorvo da grande avenida
Expressões comuns ou esdrúxulas
Goles ininterruptos
Da cidade imposta.
Na compreensão do insólito
Envolve-me o establishment
A que sempre soube pertencente
E contra o qual não sei lutar.
Mouco aos demais,
Apuro um único ruído.
Isolo-me do burburinho
Em conexão unívoca
Com um instante do cotidiano
E o elejo signo necessário
Para decifrar seres e coisas.
Outro, mais outros...
Tantos e inesperados,
De tempos maior ou menor,
E, pelo ouvir, escarafuncho
A engrenagem da máquina
Detectando males recém surgidos.

Arvoro-me experiente esculápio
Ao saber de estertores tísicos
Dos seus pulmões fuliginosos
Ou de fermentações putrefatas
Da sua flora intestina.
Incomoda-me a impossibilidade
De diagnósticos inteligíveis
Ao ego repleto de convicções leigas
E quando a mordaça
Da hora tardia
Cala as vozes, emudece-me os ecos,
Reconheço-me fragmento do cosmo
Imponderável, irreflexivo,
Mas onipotente pela unicidade
No desiderato de ser pensante
E abre-se na face um sorriso
De jaez indecifrável.
A janela do mundo
Oferece aos tentáculos da visão
Luzes de todos os matizes.
A heterogeneidade de lumens e cores
Confunde o discernimento
Perde-se o elo frágil de lucidez
Entre milhões de Diógenes
Em busca das próprias verdades.
Hariolo de pensamentos esconsos
Por um espectro mirado ao fortuito
Invadem-me pelas retinas
Cognições em flashes de razões

Percebo o suposto necessário
À compreensão da diáspora
E pesa-me o incomensurável da cegueira...
A janela do mundo
Esparge os odores da chusma,
Na grande nave que se move
Ao longo dos sonhos.
Aos sudores da massa
Capitaneada por vontades alienígenas
De onde aspiro o acre da história
Diluído em progresso vivo
Exalado em esperanças mortas.
Todavia, a brisa almiscarada,
Traz-me a memória de rosas,
De outras flores também pensadas,
Mesmo as que não reconheço
As que nunca plantei ou reguei
E que germinam à revelia
Da aridez das ideias
Do inóspito de um não saber querer.
Pela janela do mundo
Transmuto-me manto tegumentar
Das velhas e novas arquiteturas
Sensitivo às ilusões passadas,
Hiperestésico ao hodierno.
E, ao fundir-me com sua argamassa,
A grande avenida revela-me
As mais recônditas intimidades.
Tal qual profeta de novos apocalipses

Participo da saga de cada transeunte
Que passa indiferente à sua história
Restrito aos seus misteres
E incurioso dos mistérios
Que a grande abóboda
Guarda, em silêncio e escuridão,
Insensível às ansiedades e indagações
Emanadas de todas as janelas do mundo...

José Roberto Xavier
Cadeira 24 – Alberto de Oliveira

Gioconda do Carmo Labecca de Castro, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo ocupa a Cadeira 30 cujo patrono é Augusto dos Anjos. Natural de Campanha, Sul de Minas. Filha de Humberto Labecca e da Professora Iria de Rezende Labecca. Professora, Assistente Social, fez os cursos de Parapsicologia, Psicologia, Psicologia Dinâmica, Curso Superior de Parapsicologia. Curso Intensivo de Legislação Trabalhista Palácio Tiradentes RJ. Relações Humanas, RJ. Literatura na Academia Brasileira de Letras RJ. Retórica e Dicção no RJ. História no Ateneu Paulista. Literatura na Academia Paulista de Letras. Foi Presidente da Academia de Letras da Grande São Paulo por sete anos. Faz parte de Academia de Brasileira de Trova – RJ na Cadeira de Teófilo Dias; Círculo de Cultura Luso-Brasileira e Luso-Espanhol – Portugal; Sociedade de Homens de Letras do Brasil – RJ entre outras. Tem várias obras publicadas.

NOITE TRISTE

Gioconda Labecca

A noite está escura como um breu...
Ninguém está passando pela rua...
Nenhuma folha pelo ar flutua,
a noite está mais triste do que eu.

Nem há sinal de que virá a Lua...
Nem um ponto de luz apareceu...
Tudo é silêncio! Tudo se escondeu!
Nesta noite sombria, feia e nua.

Ao longe late um cão! Quebra a quietude!
E só assim meu coração se ilude
Que a tristeza está dentro de mim...

Que a noite é feita para dar descanso
Criar um ambiente terno, manso
Para as tristezas do dia terem fim.

TRAMA

Mais um dia que passa sonolento...
Mais horas de tristeza e abandono...
Eu sozinha nesse isolamento
sem autoestima, sem amor, sem sono.

Já fui rainha, mas perdi meu trono,
vesti-me em rendas, num deslumbramento,
- Ao pensar no passado, perco o sono,
e inteira me entrego ao desalento.

A vida nos dá prêmios e castigos,
nos rouba a Fé, os entes, os amigos
numa trama perfeitamente urdida,

Nos fere, nos maltrata e espezinha
e nos joga sem dó no fim da linha,
numa rua deserta sem saída.

TRANSFORMAÇÃO

Pela manhã, bem cedo, ao despertar,
Levante os olhos para o céu tão lindo
E verá que mil aves vão partindo
A um novo rumo, para outro lugar.

Não deixe o tédio em sua vida entrar!
Segure a mão de Deus e vá seguindo
Pela estrada de Luz que vai se abrindo
Para que possa firme caminhar.

A sua estrada será abençoada
De luz e estrelas toda marchetada
E o sol como um tapete pelo chão...

Verá que uma vida esplendorosa,
Surgirá renascendo cor-de-rosa
Pelo milagre da Transformação!

AMIZADE

Rezam as Escrituras que um Amigo
Encontrado na Terra é um tesouro...
Vale mais que dinheiro, mais que ouro,
Mais que uma jóia, um objeto antigo.

Feliz de quem na vida traz consigo
Uma amizade séria, ganha o louro,
E proclamá-la deve em seu desdouro
Que tem alguém que o apóia e dá abrigo.

Se a gente sofre, tendo alguém ao lado
Para enxugar o pranto derramado,
Sofre-se menos repartindo a dor.

Assim, seguindo pela vida afora
Nossas mágoas de antes vão-se embora
E abre-se uma porta para o amor.

Gioconda Labecca
Cadeira 30 – Patrono Augusto dos Anjos

José Ramos Vitorino, Membro da Academia de Letras da Grande São Paulo, ocupa a Cadeira 33 cujo Patrono é Amadeu Amaral. Nasceu em 21 de novembro de 1934 no município de Presidente Wenceslau, no Estado de São Paulo. Casado com a psicóloga Dra. Neide Trigo Ramos com quem teve três filhos. Professor Ramos, como é conhecido por todos é formado pela Faculdade de Geografia da USP. Lecionou além de Geografia, Português, Latim, História. Em 2004, após 54 anos de magistério, foi aposentado compulsoriamente pelo estado, aos 70 anos de idade. Cursou as faculdades de Direito de Bragança Paulista e Pedagogia na Faculdade Leonor Mendes de Barros, em São Bernardo do Campo. Membro cofundador da Academia Popular de Letras. A poesia possibilitou enriquecer a sua geografia interior. Durante sua trajetória como professor foi buscando latitudes infinitas e flutuando como a lua.

RESTOS DE MIM

José Ramos Vitorino

Quando de repente se fecharam
As cortinas das recordações
Foi tão ensurdecedor o silêncio
Que deu vontade de sair sem rumo
Ajuntando as pedras que jogaram em mim.

Naquele fatídico momento
Eu apedrejaria todas as ingratidões
E quebraria todos os preconceitos...
Eu gritaria todos os palavrões
E condenaria todos os culpados!

Tudo em vão, pois já desceram o pano
Bem antes do último ato da vida...
E mais uma vez permaneci calado
Ruminando o meu destino amargo!
-
Espezinhei os sonhos que sonhei a esmo.
Engoli a seco todo o meu orgulho
E enterrei as migalhas de mim mesmo.

O que resta agora é só miragem
Que se desfaz no entardecer
Como as árvores secas e esguias
Esquecidas na curva do destino...

São restos de sonhos mal sonhados
Retalhos de ilusões adormecidas
Farrapos de esperanças ressequidas
Vestígios de amores mal amados.

Oh ilusão dos idos de outrora
Como deves estar envelhecida!...
Mas se eu pudesse reciclar a vida
Juro que eu te daria pelo menos
As migalhas dos meus sonhos de menino!

RECORDAÇÕES

Hoje, por acaso, recordei
A quinta-essência do sim.
Vi todas as circunstâncias
Plasmadas dentro de mim.

Vi muita fatalidade
Sem sentido e sem remédio...
Vi pétalas da mocidade
Jogadas no chão do tédio!

Vi saudades mutiladas
Nos jardins do coração...
Vi cruzes enferrujadas
Nas tumbas da solidão!

Recordar lembra o cinismo
E uma vontade incontida
De jogar você no abismo
Quando passa o trem da vida.

Recordar é andar sozinho
No meio da multidão...
É como pisar o espinho
Que sangra a desilusão.

É jogar pedras a esmo
Apedrejando o passado...
É gargalhar de si mesmo
Diante da foto ao lado.

É abrir o túmulo do amor...
Por um lenço no nariz
E sondar... Por que, Senhor,
Por que jamais fui feliz?

José Ramos Vitorino
Cadeira 33 – Patrono Amadeu Amaral

Sócio Correspondente

Flávio Mello, Membro da Academia e Letras da Grande São Paulo como Sócio Correspondente. Possui graduação em Letras - Literatura, Especialização em Práticas e Vertentes - Literatura Africana e Infantil e Mestrado no curso de Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC, com título :Notas biográficas e metáforas religiosas na poesia de Jorge de Lima. É professor, palestrante, coordenador editorial e escritor, autor de vários livros de ficção e artigos em revistas. Atualmente é professor em Universidades e colégios onde ministra aulas sobre Literatura, Escrita Criativa, o Conto Contemporâneo e a Poesia. Oficinas diferentes abordagens que vão desde a criação de peças a Poesia Modernista de Jorge de Lima.

O ANDARILHO

Flávio Mello

A VIDA SEMPRE SERÁ UMA ESTRADA INFINITA, e ele sabe disso, por isso caminha a passos melindrosos, tropeçando no ar, nos buracos e calombos do acostamento. A estrada é longa, começa na névoa da manhã, gelada e cinza e termina no nascer de um Sol laranja-a-vermelhado, quente e sóbrio.

Suas roupas representam o estado em que se encontra sua alma, esfarrapadas, sujas e pesadas, pesadas de tanta sujeira e fuligens que os carros, caminhões e ônibus deixam pelo caminho, alias, ele fica no meio do caminho feito uma pedra, que rola lenta e pesada sem rumo ou direção, assim como sua vida, que transborda silêncio e solidão..., a estrada é solitária.

Caminha solitário, solitariamente conduz sua mente sozinha por um acostamento desabitado.

Ao longe entre o azul do céu e o cinza do asfalto surgem, grandes e austeras, as sombras que voam, negros e desajeitados urubus, que hora planam, batem as asas em curva e aterrissam sobre a carcaça de um gambá, que importunamente se encontra atropelado... morto, parte do corpo esmagado, parte intacto, porém ainda freme, quem sabe ainda quente... mas sem vida.

Como a cinza do asfalto se vê o homem reduzido... ao fogo da vida que se estingue e a fome que o assola.

Não pensa duas vezes e se atira sobre as sombras carniceiras vivas, lutando enfurecidamente pelo resto de animal, que era competido pelas magníficas aves. Já sem forças, porém, o homem não se rende, e mesmo sofrendo inúmeros ataques das aves, luta por aquilo que lhe

será alimento... garras e bicos o dilaceram... se vê meio vivo e meio morto, tal qual o gambá atropelado, não desiste e a muito custo consegue um naco de carne do animal.

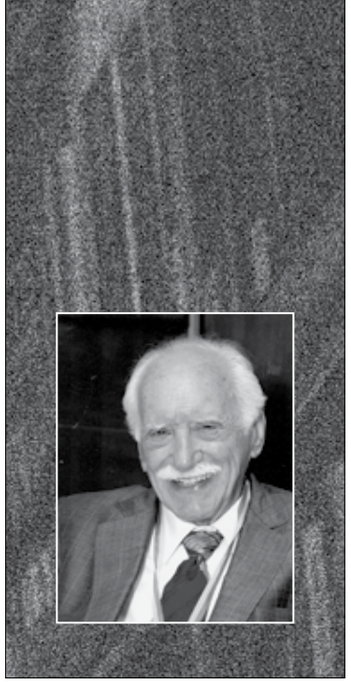
Corre, um correr desengonçado, torto meio de lado, mas com passadas felizes e cheias de esperança... a próxima cidade fica há uns 15 km, a mesma distância da que ficou para trás... e no meio do campo sem plantio, apanha restos de gravetos e troncos de árvores arrancadas pela última tempestade e acende o fogo, sobre o qual deposita o resto do animal atropelado.

A primeira refeição digna de dias.

Como um rei, o rei da estrada, o rei caçador, que enfrentou inúmeros dragões para receber sua recompensa – metade, é claro, mas sua... se recostou em uma pedra e adormeceu. Mas não sonhou. Ele e a pedra tornaram-se um só... contudo por pouco tempo, pois minutos depois, os mesmo urubus estradeiros já estavam lá, reclamando sua carne, que ao lado da fogueira reinava sem vida.

Flávio Mello
Sócio Correspondente

In memorian



Rinaldo Gissoni, em 11 de agosto de 1981 fundou a Academia de Letras da Grande São Paulo - ALGRASP um orgulho para a cultura brasileira, foi presidente desta Instituição por 26 anos. Ocupou a Cadeira 01 cujo patrono é Gustavo Teixeira. Nasceu, em São Paulo, Capital, em 16 de abril de 1916, filho do médico-veterinário e arquiteto Mário Gissoni e de Filomena Gissoni. Foi casado com Antonieta Puttini Gissoni. Faleceu em seis de novembro de 2010, em Santo André, São Paulo, aos 94 anos de idade. Formado em Medicina-veterinária, Farmácia e Advocacia. Ainda estudante em Pouso Alegre, Minas Gerais, onde morou, apaixonou-se pelas letras e, paixão esta que o levou a fundar os periódicos O Futurista – de caráter eminentemente literário e o Veterinário – de caráter científico. Foi fundador do Centro Literário Joaquim Queiroz Filho. Foi, antes de tudo, um idealista e um sonhador. Primava pela qualidade e elevação do pensamento literário, priorizando o engrandecimento dos princípios morais, cívicos e culturais, ético e estético mostrado em suas obras, nas quais valorizou sobremodo a escrita correta do nosso vernáculo. Seus livros atestam seu cuidado e respeito pelo leitor. Sua obra não precisa de classificação, cabe-lhe sim, a importância que seu trabalho acrescentou a caminhos da poesia moderna. Sua obra extensa obra literária está registradas em Brumas; Pedestal Inacabado; Dimensões Humanas; Os Mistérios da Montanha; O Enigma de Rosangela; Irisações Finais; Braços Abertos; O Elemento RAM; Além das Trevas, seu último livro publicado em vida e lançado in memoriam devido ao seu passamento. Esta Academia foi o coroamento da luta de toda a sua vida.

STATUS

Rinaldo Gissoni

Lancei-me então em amplas caminhadas
pelos rincões de todas as loucuras;
Quê busquei neste mundo de nonadas?
Desilusões! E um tanto de amarguras!

Oh, estes tempos de ânsias malogradas
em que o amor é meras aventuras!
Não tem sentido agora as coordenadas,
tudo se esvai nas próprias urdiduras...

O ser não é um ser só de estesias,
senão o ser de impulsos descabidos
se é que a vida é fato inútil, breve,

um mundéu de prazeres e magias,
no multiforme império dos sentidos,
ou na tragédia que não se descreve.

VISÃO

Abro, mais uma vez, o meu diário
de folhas plenamente preenchidas,
são elas, sempre, lidas e relidas —
— memória de um romance extraordinário.

Nossas venturas, hoje revividas
não são parte do mundo perdulário
em que no tempo tudo muda e é vário,
mas onde nossas vidas são unidas!

Prêmio final na idade sobranceira:
na forma de uma pálida figura
e na aflição que de sua alma vaza,

vejo, tristonho, a doce companheira
a percorrer como uma sombra escura
os recantos sombrios de nossa casa!...

O TEMPO

As horas correm... Como o tempo passa...
Ontem havia sol, o firmamento
estava azul, e o velho cata-vento
girava, embora a aragem fosse escassa

Hoje, porém, a paisagem baça
e fria faz com que cada momento
seja um painel de tédio, e o desalento
de forma estranha a pobre alma enlaça.

O tempo é uma roda que não para...
Que somos, afinal, senão a peça
a desgastar-se e a reduzir-se a nada?

A nossa sorte é, fatalmente, avara:
se as horas se renovam, somente essa
diabólica invenção não tem parada!...

PAINEL NATURAL

Em Águas de S. Pedro... Primavera
no vale silencioso e verdejante,
tudo é paz, perfeita e suavizante,
que a alegre passarada não altera.

Descamba o sol e a luz, que reverbera,
no fundo azul do céu de instante a instante,
reflete uma coroa purpurante
sobre a terra do amor e da quimera.

As árvores subindo pela serra,
as flores debruçadas nos caminhos
quanta beleza cada canto encerra!

Os “flamboyants” em traços de aquarela,
a suave orquestração dos passarinhos,
por tudo que há no vale a vida é bela!...

Rinaldo Gissoni
Ex-presidente e fundador da Academia de Letras da Grande São Paulo

Primeira Antologia Literária

Moinhos de Vento

Academia de Letras da Grande São Paulo

Academia de Letras da Grande São Paulo (ALGRASP)
Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 – Santa Paula
CP.: 09521-520 – São Caetano do Sul – SP.
Tel.(55) 11 4221-1643

www.algrasp.com.br
academiadeletrassp@gmail.com

Composto em sistema de editoração eletrônica
Impresso no Brasil

No final do século XX, o poeta e escritor Rinaldo Gissoni teve a iniciativa de propor uma Academia de Letras, sob a égide do Estado. Constitui-se então, como instituição privada independente a Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP.

A Academia de Letras da Grande São Paulo – ALGRASP — é uma Instituição Cultural inaugurada em 11 de agosto de 1981 e sediada em São Caetano do Sul — São Paulo, cujo objetivo é o cultivo da língua e da literatura nacional. Compõe-se de 40 Membros efetivos e perpétuos e quatro sócios correspondentes.

Primeira Antologia Literária

Moinhos de Vento

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-69661-03-0
9 788569 661030